



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

**INTERMIDIALIDADE: discursos marginais em
Tô pedindo trabalho, de Terezinha Alvarenga e a
experiência social de adolescentes em situação de
risco**

Ana Paula Ferreira de Queiroz

**MONTES CLAROS - MG
AGOSTO/2015**

Ana Paula Ferreira De Queiroz

**INTERMIDIALIDADE: discursos marginais em
Tô pedindo trabalho, de Terezinha Alvarenga e a
experiência social de adolescentes em situação de
risco**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional- Profletras da Universidade Estadual de Montes Claros, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Generosa Ferreira Souto.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

Linha de Pesquisa: Teorias da Linguagem e Ensino.

LIBERADO EM: 13/10/2015

MONTES CLAROS - MG
AGOSTO/ 2015


Maria Generosa Ferreira Souto
Masp 0364025-4



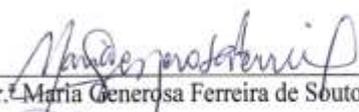
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



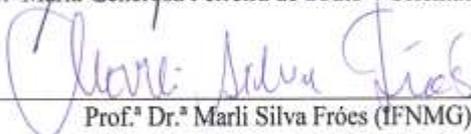
ANA PAULA FERREIRA DE QUEIROZ

Intermedialidade: tô pedindo trabalho, de Terezinha Alvarenga e a experiência social de adolescentes em risco

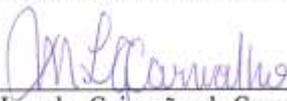
Dissertação aprovada pela Banca Examinadora constituída pelas Professoras Doutoradas:



Prof.ª Dr.ª Maria Generosa Ferreira de Souto – Orientadora (Unimontes)



Prof.ª Dr.ª Marli Silva Fróes (IFNMG)



Prof.ª Dr.ª Maria de Lourdes Guimarães de Carvalho (Unimontes)

Montes Claros, 21 de agosto de 2015.

DEDICATÓRIA

Ao meu Deus que em mim sopra seu fôlego de vida e me sustenta todos os dias;
Aos meus pais Hélio Walter da Silva Queiroz (*in memoriam*),
Clotildes Ferreira de Queiroz;
A César, com amor e carinho;
Aos meus alunos, motivos das minhas realizações.

Identidade

Preciso ser um outro
para ser eu mesmo.

Sou grão de rocha
Sou o vento que a desgasta.

Sou pólen sem inseto.

Sou areia sustentando
o sexo das árvores.

Existo onde me desconheço
aguardando pelo meu passado
ansiando a esperança do futuro.

No mundo que combato morro
no mundo por que luto nasço.

(In "Raiz de Orvalho e Outros Poemas")

Mia Couto

AGRADECIMENTOS

A vida é uma existência que não se vive sozinha, mas que se compartilha ao longo dos dias e anos com tantas outras vidas que, unidas, vão se construindo e existindo em uma profunda e dinâmica atividade de aprendizagem existencial.

Por isso quero registrar nestas primeiras páginas, meus agradecimentos a tantas vidas que durante esse processo ajudaram-me no meu percurso de aprendizagem ao longo dessa etapa de vida e estudos porque não se pode aprender em solidão.

Agradeço primeiramente a Deus por mais uma etapa vencida de tantas outras que virão. Que todos os dias ele continue dando-me forças para continuar prosseguindo rumo aos objetivos que estabeleci para mim.

Aos meus pais que me deram as primeiras lições de vida e me incentivam todos os dias a ser uma pessoa sempre melhor,

Agradeço, também, a todos que direta e indiretamente me auxiliaram na realização desta pesquisa, especialmente a:

à minha orientadora Dr^a. Maria Generosa Ferreira Souto, na condução da minha pesquisa, na indicação das leituras realizadas, observação das análises realizadas relacionadas ao objeto de estudo;

aos meus colegas e companheiros de estudo que, tão gentil e carinhosamente, em longas e intensas interlocuções, contribuíram para o enriquecimento de minhas leituras, análises e intervenções;

à minha cara colega, Erlane Antunes, que se tornou não somente uma companheira de estudos, mas também uma grande amiga e irmã;

aos meu colegas Fábio Gonçalves e Gilvan, pelo grande carinho, preocupações e atenções que sempre me dispensaram nos momentos em que mais precisei, além de me indicarem e emprestarem obras essenciais para a fundamentação da minha pesquisa;

à professora Dr^a. Rita de Cássia pelas sugestões dadas quando da análise do meu pré-projeto de pesquisa e que serviram para aclarar e direcionar os rumos da pesquisa;

às professoras, Dr^a. Marli Fróes e Dr^a. Geisa Magela Veloso que participaram da banca de qualificação dando enriquecedoras contribuições;

à Escola Estadual Delfino Magalhães, na figura do diretor Carlinho Rodrigues da Fonseca e da vice-diretora Áurea Aurora Mendes, que, nos momentos mais difíceis no trajeto das leituras que se realizaram, suavizaram o meu stress no exercício da minha profissão, além de contribuírem para a aplicação do projeto de intervenção;

às professoras do Mestrado Profissional - PROFLETRAS que, durante os três semestres de ministração das disciplinas obrigatórias e optativas, incentivaram-me na

mudança de perspectivas e alargamento dos horizontes na prática cotidiana e no exercício da docência.

Aos meus alunos que, em um relacionamento que extrapola a simples vivência entre professora e alunos no processo ensino-aprendizagem, ensinam-me que vale a pena aprender sempre mais.

Agradeço a Capes por me conceder a bolsa de estudos, fundamental para esta pesquisa e para minha permanência no programa de Mestrado Profissional – Profletras.

RESUMO

Esta pesquisa objetivou investigar, a partir da leitura da obra *Tô pedindo trabalho*, da autora Terezinha Alvarenga e da análise do discurso social em torno da família marginal do texto, se o entrecruzamento entre leitura do texto literário x análise da realidade social influencia ou interfere na construção da identidade cidadã e da criticidade dos alunos adolescentes de turma do 9º ano como sujeitos sociais e como os mesmos expressam esse posicionamento crítico em produção de texto de opinião; e a realização de estudo comparativo entre o livro e diferentes modalidades textuais como filmes, música, imagens e textos. Intencionamos suscitar a reflexão e o paralelo dos eventos ficcionais da obra, que trata dos discursos sociais em torno de uma família marginal, a fatos sociais de nosso cotidiano. A proposta foi desenvolvida com os alunos do 9º ano “A” da Escola Estadual Delfino Magalhães. Como aporte teórico, recorreremos às abordagens de Rildo Cosson (2007), Graça Paulino (2010), Rosemar Coenga (2010) e Marisa Lajolo (2010) sobre a contribuição do letramento literário para a formação do aluno como leitor de literatura e de mundo capaz de apreender e compreender os fatos sociais e suas implicações. Também nos apropriamos das contribuições de Antonio Candido (2006) acerca da literatura e sociedade. Por fim, apresentamos a análise dos resultados obtidos na produção dos textos que explorou as abordagens temáticas experimentadas pela leitura e reflexão da obra.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Letramento literário; Sociedade; Tô pedindo trabalho.

ABSTRACT

This research aimed to investigate, from reading *Tô work asking for work*, Terezinha Alvarenga author and analysis of social discourse around the marginal family of the text, if the intersection between reading literary text x analysis of the social influences or interferes in the construction of citizen identity and the criticality of the class teenage students from the 9th grade as social subjects and how they express this critical position in opinion text production; and conducting comparative study between the book and different text types such as movies, music, images and texts. We intend to raise the reflection and the parallel of the fictional events of the book, which deals with social discourses around a marginal family, social facts of our daily lives. The proposal was developed with the students of 9th grade "A" State School Delfino Magalhães. As a theoretical framework, we use the approaches Rildo Cosson (2007), Grace Pauline (2010), Rosemary Coenga (2010) and Marisa Lajolo (2010) on the contribution of literary literacy for student education as literature player and capable world to grasp and understand the social facts and their implications. We also appropriated the contributions of Antonio Candido (2006) about literature and society. Finally, we present the analysis of the results in the production of texts that explored thematic approaches tried by reading and reflection work.

KEYWORDS: Literature; Literary literacy; society; I'm Asking for work.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 - ESCOLA E LITERATURA: OS DESAFIOS DO LETRAMENTO LITERÁRIO NOS CONTEXTOS DO SÉCULO XXI.....	17
1.1 - O letramento literário na perspectiva dos Parâmetros Curriculares Nacionais e Conteúdos Básicos Curriculares de Minas Gerais: diretrizes para a realização do trabalho em sala de aula.....	17
1.2 – A formação identitária do adolescente na contemporaneidade.....	23
1.3 – A leitura da palavra literária na busca da significação do mundo e do homem.....	29
1.4 – Letramento literário: na arena da ficção o confronto com a realidade.....	34
CAPÍTULO 2 - ANÁLISE DA OBRA LITERÁRIA <i>TÔ PEDINDO TRABALHO</i> , DE TEREZINHA ALVARENGA.....	43
2.1 – A importância do estudo da obra literária.....	43
2.2 – O uso da tecnologia e de outras mídias para o trabalho como texto literário.....	46
2.3 – Análise da obra.....	49
2.4 - Temas e assuntos para abordagem.....	52
CAPÍTULO 3 - PESQUISA-AÇÃO: CARACTERIZAÇÃO, DESCRIÇÃO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	56
3.1 – O projeto de intervenção pedagógica e sua importância para análise e investigação do problema da pesquisa.....	56
3.2 – Descrição das atividades do projeto.....	61
3.3 - Análise das produções de texto.....	71
PALAVRAS FINAIS.....	86
REFERÊNCIAS.....	89
ANEXO A – Texto integral da obra <i>Tô pedindo trabalho</i>	92
ANEXO B – Modelo de folha para redação.....	104
ANEXO C – Reportagem Quando a comida sai do lixo.....	106
ANEXO D – Reportagem O paradoxo da miséria.....	107

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, muito se tem discutido sobre os desafios enfrentados pelo professor relativos ao ensino de língua materna na escola de educação básica, as responsabilidades na mediação pedagógica para conduzir os alunos à aquisição das habilidades e competências básicas de uso da língua nos mais diversos contextos, para os mais diversos fins e também no manejo de textos de tipologias e gêneros textuais diversos que circulam na sociedade e que fazem parte do cotidiano das pessoas. O homem é um ser essencialmente de linguagem e estabelece suas interações por meio de textos produzidos de diferentes formas, por meio de vários códigos e símbolos linguísticos, portadores de sentidos e significados diversos. Devido a sua inerente condição de ser social, é que a função primordial da escola, relativo ao ensino de língua materna, deve ser promover um processo de ensino e aprendizagem que prepare os sujeitos para a sua condição de ser social, que saiba interagir com seus iguais por intermédio da leitura, manipulação e produção autônoma dos mais variados gêneros textuais. O propósito final desse processo deve ter por objetivo maior a preparação básica e integral dos educando para o exercício pleno de sua cidadania e a convivência harmônica e respeitosa com seus pares em sociedade.

É por causa dessa responsabilidade social e pedagógica da escola que as discussões sobre o trabalho de ensino dos mais diferentes gêneros textuais tem se tornado foco de intensos e permanentes debates. Dentre esses diversos gêneros, há uma preocupação pontual de vários pesquisadores, de agentes de letramento (professores, instituições e sistemas de ensino, escolas e pais) quanto à importância da literatura e do texto literário e seu espaço, principalmente no contexto da sala de aula e das escolas. A preocupação pontual quanto ao objetivo do trabalho de leitura e manipulação do texto literário é a formação de leitores literários autônomos, proficientes e críticos que tenham na leitura literária um exercício de prazer e poder. O prazer de degustar o texto literário como alimento que vai saciando as ansiedades e desejos da alma, revitalizando a vida, incitando a criatividade e, por meio da imaginação viver situações possíveis em mundos ficcionais. O poder de aprender e construir conhecimentos diversos, partilhar opiniões, posicionar-se frente a inúmeras temáticas, dialogar, fomentar discussões, refletir sobre as condições do

homem no decorrer dos tempos e dos espaços desvendando os segredos e misérias da humanidade, perpetuadas pela história que se vem construindo ao longo dos tempos.

Essa discussão tem originado a realização de intensos e acalorados debates, seminários, congressos e fomentado a publicação de vários artigos, obras, pesquisas, que abordam as condições do letramento literário nas escolas. Procura-se motivar os profissionais a desenvolverem projetos de leitura para cultivar hábitos e gosto, bem como cursos de capacitação e formação continuada são realizados no intuito de aperfeiçoar os conhecimentos dos docentes para o trabalho de preparação linguística dos educandos.

Esse aperfeiçoamento é imprescindível para que as ações pedagógicas possam obter êxito e alcançar os objetivos propostos para o trabalho de ensino de língua materna, principalmente dos gêneros textuais e de literatura. Esse percurso de aprendizagem dos discentes inicia-se logo nos primeiros anos de escolaridade e não se encerra no último ano de sua formação dos mesmos, mas prossegue por toda sua vida por estar em permanente e contínuo processo de construção e evolução de si mesmo. Para isso é que, como profissionais da educação, precisamos estar prontos e habilitados para realizar as ações pedagógicas que contribuam para a preparação dos cidadãos que nossos alunos virão a ser. Ensinar a leitura da palavra é também ensinar o aluno a ler o mundo.

Por isso, para contribuir na formação contínua do docente Visando à melhoria e à qualidade do ensino da educação básica no país, surge o curso de pós-graduação stricto sensu Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS. Curso de abrangência nacional, realizado em rede e oferecido em diversas universidades do país, que tem por objetivo formar professores da rede básica de ensino de língua portuguesa em toda a extensão do território nacional brasileiro. Formação para trabalhar elevando o índice de proficiência dos alunos do ensino fundamental quanto às habilidades de leitura e escrita, realizando atividades de letramentos de maneira que o profissional possa conduzir o processo de ensino aprendizagem de suas turmas utilizando recursos, métodos e estratégias pedagógicas inovadores em consonância com as necessidades e demandas de conhecimento que os alunos precisam adquirir para a vida social na atualidade.

Partindo do momento de ingresso no mestrado e das discussões iniciais em torno da problemática do ensino de leitura no país, sensibilizaram-nos as questões apresentadas concernentes ao letramento literário e a motivação de pesquisar, especificamente, a formação de opiniões e da constituição da identidade cidadã dos alunos, partindo do

entrecruzamento do discurso literário e ficcional para compreensão da vida e dos próprios sujeitos como cidadãos do mundo, no seu tempo e espaços.

Chamou-nos também a atenção os apontamentos sobre o estudo dos textos literários a ser realizado com os alunos, pontuados pelo CBC (Conteúdos Básicos Comuns), documento que direciona as atividades pedagógicas dos docentes, bem como aponta os objetivos a que se quer chegar ao final do estudo de cada tópico e conteúdo de estudo. O documento disserta sobre a relação que se instaura entre o sujeito leitor e o mundo a partir da leitura do texto de ficção. Ressalta-se a necessidade de oportunizar ao aluno condições para conhecer o mundo e a si mesmo a partir da ótica da palavra literária, principalmente no período de transição entre a puberdade e maturidade, saturada de conflitos psicológicos, familiares e sociais para inserir-se no mundo adulto. A dificuldade em inserir-se em tal ambiente pode aumentar potencialmente os riscos de conduzi-los a marginalidade ou à marginalização, tornando-se consumidores de drogas, álcool, pais precoces e doenças sexualmente transmissíveis. Podem ser tanto vítimas quanto autores de atos de violência se no período da adolescência não forem adequadamente instruídos e estimulados para vivenciarem experiências positivas e promotoras da aquisição de valores humanos e cidadãos.

Pesquisas atuais demonstram que atualmente a ocorrência de manifestações e tipos de violências tem aumentado progressivamente. Violências de todos os tipos (física, psicológica, sexual de negligência ou abandono) são recorrentes em nossa sociedade e suas origens estão relacionadas a aspectos históricos e de mudanças na estrutura do tecido social. Mudança nas relações de trabalho, as consequências geradas pelo capitalismo atual estimulam o desejo desenfreado e o consumo exacerbado de bens e produtos cada vez mais caros e sofisticados, refletindo na postura dos indivíduos em que *ter* supera o *ser*.

A partir daí, o que se vê são as consequências das desigualdades engendradas por fatores econômicos, sociais e políticos proporcionando o surgimento de uma população marginalizada em termos de emprego, conhecimento e cultura e sem oportunidades dignas de sobrevivência. As relações humanas nesse contexto tornam-se desumanas e individualistas, acabando por promover a discriminação e exclusão social da grande parcela da população. A violência se torna real e banal e a exposição a ela pode promover riscos diversos. Consideramos que risco aqui se refere à vulnerabilidade a que o sujeito está exposto e as consequências decorrentes dessa exposição.

Tomamos como referência para risco a contribuição de Samba (2014) quando conclui que:

São apontadas como fatores de risco as situações que podem comprometer a saúde, o bem-estar ou o desempenho social do indivíduo, como moradias precárias, falta de escola, de segurança, de lazer, de estrutura familiar, vínculos familiares enfraquecidos pela exploração e violência dos pais, marginalidade ou delinquência e trabalho infantil. (SAMBA, 2014. p,82).

Refletindo sobre as questões sociais em que vivemos atualmente, podemos inferir que os nossos alunos, adolescentes em processo de formação estão continuamente expostos a perigos, violências e riscos iminentes que podem ocasionar sérios problema na formação psicológica e seu posicionamento como cidadão no contexto de sua comunidade.

Por isso, a nosso ver, constitui-se em uma necessidade cada vez mais acentuada de realização de projetos de leitura e letramento literário nos espaços da escola, da sala de aula, bem como de mais espaços para promoções culturais que possam incentivar a expressão das subjetividades dos jovens, na promoção da cultura da paz, na tolerância entre os povos em dimensões micro e macroespaciais. A figura da escola e do professor na realização dos eventos inovadores na promoção de uma aprendizagem plena e satisfatória é imprescindível na efetivação da qualidade de fato da educação, oportunizando melhoria da qualidade de vida, de oportunidades e inserção na participação social.

Também podemos ressaltar a importância do uso da tecnologia e de mídias diversas no trabalho em sala de aula, principalmente nas aulas de leitura literária. Vídeos, filmes, músicas, pinturas e produções individuais valorizam e enriquecem o processo de aprendizagem e dinamizam as aulas, estimulando a participação de todos por se tornarem mais atraentes e interessantes. O uso da tecnologia na inovação das formas de ensinar já é uma realidade na educação e cabe aos sistemas de ensino capacitar e ensinar o professor a inserir a utilização das tecnologias e mídias de informação em suas aulas.

É preciso promover também espaços de diálogos entre os adolescentes e o mundo. Eles têm muito a nos dizer. O que falta são espaços democráticos para o constante movimento de discussões, de debates e de expressão de valores individuais e coletivos, tendo em vista a particularidade dessa fase da vida.

Por isso, interessou-nos o desenvolvimento de um projeto de intervenção pedagógica que tentasse incentivar e mobilizar os alunos para o despertar de uma

consciência mais politizada dos fatos sociais e da própria existência humana, tendo como ponto de partida a leitura literária. Atividades de leitura do livro *Tô pedindo trabalho*, da escritora mineira Terezinha Alvarenga que aborda problemas relativos à sociedade brasileira no contexto da cidade de Belo Horizonte, nos anos de 1980, foram realizadas em consonância com a utilização de outras mídias e textos que contemplavam os mesmos assuntos abordados na obra. Os eventos ficcionais da narrativa dialogam com o tempo presente, provando que os problemas sociais enfrentados pela sociedade contemporânea ocorrem em qualquer espaço e tempo e que a obra literária é atemporal e universal. É uma forma especial de ver o mundo se quisermos com isso demonstrar aos alunos que a literatura também está comprometida em retratar ou, até mesmo recriar a realidade de maneira poética. Ao mesmo tempo da realização da leitura literária, procuramos associar a narrativa ficcional aos problemas que enfrentamos no Brasil contemporâneo como criminalidade, violência, pobreza e miséria.

Tivemos então como objetivos do trabalho: a) investigar como os alunos constroem a leitura literária; b) perquirir o discurso social em torno de uma família marginal; c) realizar estudo comparativo entre o livro *Tô pedindo trabalho*, e diferentes modalidades textuais como filmes, música, imagens e textos que pudessem enriquecer as discussões a serem realizadas; d) e reconhecer, a partir da produção escrita dos alunos, a maneira como eles observam e descrevem o mundo e o contexto social no qual estão inseridos, partindo da leitura do livro e da apresentação das temáticas que nele são apresentadas e que podem ser exploradas em discussões, seminários e atividades de reflexão. Pretendemos analisar como problemas do entorno social são retratados no texto literário e como a leitura desse texto provoca/motiva as discussões e mobiliza a criticidade particular dos alunos frente a essa realidade, utilizando recursos midiáticos como estratégia para provocação e forma de incentivo para realização dos trabalhos que foram propostos.

No decorrer do desenvolvimento das atividades, recorreremos ao uso de mídias (fotos, vídeos, filme, música e produção de texto) como recurso didático para dinamizar as discussões propostas em comunhão com os fatos apresentados no livro *Tô pedindo trabalho*, da autora Terezinha Alvarenga. A presença e o uso da tecnologia digital e de outras mídias possibilitam novas formas de expressão e comunicação e interação fazendo parte de nossa rotina intra e extraescolar.

Para fundamentar teoricamente o desenvolvimento da pesquisa, apresentamos no capítulo primeiro as diretrizes estabelecidas pelos PCN's (Parâmetros Curriculares

Nacionais) de Língua Portuguesa e a proposta curricular do estado de Minas Gerais, CBC – Conteúdos Básicos Comuns para o trabalho com o texto literário; abordagens relativas ao letramento literário, apresentadas por Rildo Cosson (2007), Graça Paulino (2010), Rosemar Coenga (2010) e Mariza Lajolo (2010); o uso das tecnologias de informação e mídias como importantes recursos estratégicos no processo de ensino aprendizagem em sala de aula na contemporaneidade de Vani Moreira Kenski e dos organizadores Robson Pequeno de Sousa, Filomena M.C. da S.C. Moita e Ana Beatriz Gomes Carvalho. Em *Literatura e Sociedade*, de Antonio Candido (2006), encontramos uma discussão sobre o entrecruzamento entre ficção e realidade social.

No capítulo segundo, apresentamos uma análise da obra literária, *Tô pedindo trabalho*, da autora Terezinha Alvarenga, analisando os elementos que constituem a narrativa ficcional como também a exploração de possíveis temas e assuntos que podem suscitar análises e discussões de fatos da ficção, entrecruzados com fatos da realidade contemporânea brasileira de nosso tempo como a pobreza, miséria, exclusão social e violências vivenciadas pela personagem principal nos espaços em que transita.

O capítulo terceiro traz a caracterização da pesquisa, a apresentação do projeto de intervenção pedagógica e o relato de seu desenvolvimento, explicitação dos recursos utilizados na concretização do trabalho, bem como os resultados obtidos a partir da produção dos textos de opinião após a leitura e promoção dos debates realizados no espaço da sala de aula. Por fim, seguem-se as conclusões depreendidas a partir das leituras realizadas e da execução dos trabalhos.

CAPÍTULO 1 - ESCOLA E LITERATURA: OS DESAFIOS DO LETRAMENTO LITERÁRIO NOS CONTEXTOS DO SÉCULO XXI

O texto a seguir traz algumas discussões relevantes acerca da importância do texto literário para formação cidadão e ética dos educandos. A perspectiva que aqui se delineia ultrapassa o mero acúmulo de informações científicas e desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita para ser uma prática de liberdade de expressão e postura cidadã dos sujeitos adolescentes em fase de amadurecimento psicológico e social na atualidade. Buscamos referências sobre a importância do letramento literário a partir das pesquisas e estudos de teóricos e pesquisadores do tema, e também apontamentos sobre a relação que se pode estabelecer entre a ficção literária e os fatos e acontecimentos do cotidiano da sociedade brasileira.

1.1 – O letramento literário na perspectiva dos Parâmetros Curriculares Nacionais e Conteúdos Básicos Curriculares de Minas Gerais: diretrizes para a realização do trabalho em sala de aula

O trabalho desenvolvido pelo professor nas salas de aula deve considerar, dentre diversos fatores, as necessidades de formação integral dos alunos que, em processo de constante aprendizagem, necessitam adquirir conhecimentos para viver com qualidade de vida, desenvolver competências e habilidades que atenderão suas expectativas existenciais e possibilidades de ingresso tanto no mercado de trabalho quanto no avanço de seus estudos e inserção nos contextos sociais nos quais circula e participa. Importante é que essa formação ajuste os conhecimentos sobre si mesmo, confiando em seu integral desenvolvimento afetivo, físico, cognitivo, ético, estético, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca do conhecimento e no direito pleno de exercício de sua cidadania.

Dentre as várias competências e habilidades importantes e fundamentais a serem desenvolvidas cotidianamente, a de maior complexidade refere-se ao domínio das tecnologias de comunicação e utilização de recursos de linguagem. Como o ser humano é um ser essencialmente de linguagem e suas realizações sociais ocorrem por meio dela e principalmente pelo uso da língua, é imprescindível a realização de atividades sistemáticas

em sala de aula que conduzam os discentes à progressiva aquisição de habilidade de manipulação e utilização de textos e usos da língua nos seus mais variados contextos sociais.

É preciso pensar quais conteúdos devem ser trabalhados na escola para que o objetivo final da aprendizagem seja a adequada utilização dos recursos linguísticos de leitura e escrita em qualquer situação pública de interlocução e realização das diversas práticas sociais nas quais se inserem. Deve-se levar o aluno à compreensão de que a língua é um dos traços fundamentais de uma civilização, parte da cultura e um dos principais elementos caracterizadores da identidade sociocultural de um povo. As leituras e estudos de textos de diversos teóricos e pesquisadores do letramento, bem como a análise dos documentos oficiais que norteiam o ensino de língua materna no país, nos permitem concluir que é de elementar e fundamental importância que o trabalho do professor seja orientado numa perspectiva interacionista, uma vez que a existência humana e seus relacionamentos não ocorrem no vácuo, mas nas relações interpessoais e por meio de textos. Estes são portadores de informações que se materializam em diversos gêneros textuais por meio dos recursos linguísticos de cada língua. Seus contextos de produção, circulação e recepção são os mais variados e atendem a funções sociais específicas abrangendo as diferentes dimensões da vida humana. Das várias modalidades textuais existentes, uma que tem se tornado o cerne de discussões nos centros universitários, temas de produções e pesquisas acadêmicas sem dúvida é a referente ao texto literário. Uma das maiores preocupações atuais sobre o tema reside na forma como os textos literários têm sido abordados nas salas de aula, os projetos implantados em torno da leitura de livros e os objetivos que se desejam alcançar por meio desse trabalho e a relação entre leitores e textos literários.

Existe uma preocupação pontual com a formação literária do aluno que se inicia ainda nos primeiros anos da escolarização da criança, passando pelo tempo de vivência no ensino básico, transcendendo os limites da escola e da vida. Pretendemos, no exercício da docência, realizar um trabalho pedagógico tão substancial que resulte na formação de um leitor autônomo e proficiente que por meio de suas leituras seja capaz de construir conhecimentos recolhidos das suas viagens literárias, das experiências pessoais e coletivas de leituras compartilhadas nos mais diversos grupos sociais dos quais participa, da aquisição de valores morais e éticos associados aos conhecimentos linguísticos valorizados pela sociedade letrada que lhe são transmitidos pela escola e também para se constituir

como cidadão do mundo. Podemos constatar que tamanha preocupação manifesta-se na elaboração e circulação dos documentos oficiais que norteiam o ensino de Língua e Literatura nos diversos sistemas de ensino, com vistas a estabelecer as diretrizes, objetivos específicos a serem alcançados e sugestões de temas a serem abordados no trabalho com o texto literário.

Servindo de referência nacional e base para elaboração de outros documentos de alcance local, o PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais – é o documento que teve origem a partir do diálogo com educadores de diversas partes do Brasil, preocupados em realizar um trabalho de ensino de língua materna para exercício da cidadania, que tenha como fim a constituição de um cidadão consciente, responsável e crítico por um lado e criativo, por outro, conforme podemos apontar (PCN, 1998, 08),

(...) questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação.

Partindo desse princípio, podemos tomar o texto literário como objeto de aprendizagem e experiências que promovam atividades que desenvolvam a criticidade, a criatividade e as capacidades cognitivas dos alunos frente à realidade vivenciada cotidianamente porque, segundo os PCN's (1998, p.26):

Como representação - um modo particular de dar forma às experiências humanas -, o texto literário não está limitado a critérios de observação fatural (ao que ocorre e ao que se testemunha), nem às categorias e relações que constituem os padrões dos modos de ver a realidade e, menos ainda, às famílias de noções/conceitos com que se pretende descrever e explicar diferentes planos da realidade (o discurso científico). Ele os ultrapassa e transgride para constituir outra mediação de sentidos entre o sujeito e o mundo, entre a imagem e o objeto, mediação que autoriza a ficção e a reinterpretção do mundo atual e dos mundos possíveis.

Ou seja, o texto literário representa o mundo e seus fatos de modo bastante peculiar, não tendo como função descrever literalmente a realidade tal como ocorreu mas, por meio da utilização de recursos linguísticos e da plurissignificação das palavras e imagens atribuir outros possíveis sentidos ao mundo real e a possíveis realidades, permitidas a partir da

recriação da realidade. O texto torna-se um objeto de intensa beleza, visto ser uma obra de arte, criado para ser admirado, desejado, possuído. Como um artesão, o papel do escritor não é o de investigador e sua missão não é a de relatar fatos e acontecimentos do mundo, mas de um observador que, por meio da sensibilidade do olhar, encontra nesses fatos a matéria prima de sua escrita, expressando suas visões de mundo, suas experiências individuais, e compartilhando-as com os leitores numa relação de intensa e profunda intimidade.

O documento ainda acrescenta que o trabalho com a literatura deve abranger os temas transversais, de modo a promover o desenvolvimento do aluno como cidadão. Não deixando de ser um objeto de prazer e de beleza estética, o texto literário também pode contribuir para a formação humana e plena do ser humano como sujeito cidadão que goze de direitos, mas que também tenha consciência de suas responsabilidades e deveres perante a sociedade, exercendo seu papel de cidadão de modo consciente, crítico e responsável, contribuindo para a formação de uma sociedade cada vez mais justa, humana e igualitária, assumindo suas responsabilidades e deveres perante a sociedade. Ele se torna, no contexto escolar, um recurso de ensino de valores associados ao cultivo da Paz, do Bem, da Verdade e da Justiça, valores universais que se aprendem nos mais diversos espaços e situações sociais ainda em tenra infância e que ensinam a convivência em sociedade. Podemos então entender que a literatura também é uma forma indireta que podemos utilizar para auxiliarmos nossos alunos no enfrentamento da realidade e de suas adversidades e vicissitudes, conduzindo-os ao reconhecimento de si mesmos como cidadãos preparados para alcançar seus direitos e também desempenhar seu papel como sujeitos responsáveis na execução de suas obrigações, além de poder oportunizar o seu pleno desenvolvimento físico, intelectual e emocional.

No Estado de Minas Gerais, as diretrizes para o trabalho com a literatura e outras manifestações de expressão de cultura e subjetividade são propostas pelo CBC – Conteúdos Básicos Curriculares – documento elaborado com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e com ele, em consonância. Tem por objetivo determinar os tópicos de conteúdos a serem ensinados no nível fundamental e médio da educação básica no Estado de Minas Gerais, além de apontarem as habilidades a serem desenvolvidas pelos alunos no transcorrer do trabalho com os conteúdos. É dividido em eixos ou tópico de estudo (Eixo I – Compreensão e produção de textos; Eixo II – Língua e Linguagem; Eixo III – A Literatura e outras Manifestações Culturais).

Referente ao letramento literário, o documento valoriza a literatura como forma de compreensão do mundo exterior em todas as suas dimensões. E conhecendo o mundo através da leitura, o leitor acaba por conhecer a si mesmo na sua relação com a leitura.

Nas indicações de trabalho com o texto literário, o professor é tido como mediador entre o aluno e o texto literário porque este é um instrumento que leva o discente a ampliar a sua visão de mundo para além do que é material, objetivando a revelação de um mundo balizado por dimensões éticas e estéticas relacionadas à atividade da linguagem humana. Conforme o documento, percebemos a preocupação em apresentar um mundo ficcional capaz de proporcionar a experiência com o fantástico, o maravilhoso e o inusitado, podendo assim nos oferecer formas de conhecimentos da vida, dos outros e de nós mesmos.

Essa mediação é feita por meio do trabalho com a linguagem, sendo esta a ferramenta pela qual estamos em constante interação com o mundo e com os inúmeros conhecimentos das ciências e das tecnologias desenvolvidas ao longo dos tempos, colaborando para nossa constituição no tempo e no espaço geográfico de nossa comunidade e de nossa sociedade. Ao utilizar a linguagem para o trabalho com o texto literário, manifestamos artisticamente as nossas vivências e experiências sob uma perspectiva bastante particular e subjetiva. Elaborar e realizar atividades criativas de leitura e escrita do texto literário possibilita o desvendamento dos segredos do mundo, entremeados na tessitura desse gênero textual por meio dessa linguagem multifacetada e plurissignificativa que, no contexto literário, revela um novo mundo e demonstra que o ato de ler é um exercício bastante prazeroso tanto do ponto de vista intelectual quanto estético. Nesse exercício de leitura e descobrimento da ficção, num entrecruzamento com a realidade, são a articulação e a habilidade do professor na operação pedagógica que despertarão o interesse dos alunos para a aventura do ato de ler. As estratégias de leitura e análise do texto literário devem conduzir os alunos a, a partir dessa operação, articular e desenvolver habilidades para a compreensão e leitura do texto literário com o fim de apreciá-los e se tornar um leitor autônomo e competente neste tipo de exercício em que os inúmeros conhecimentos humanos formam uma rede, assim como o próprio documento aponta. (CBC, 2005. p, 16):

O estudo das manifestações literárias pode contribuir significativamente para articular externamente a área de Linguagens, Códigos e suas

Tecnologias, com a área de Ciências Humanas, uma vez que favorece o desenvolvimento do eixo de Contextualização Sociocultural, previsto pelos PCN+. Os textos literários oferecem oportunidade para a compreensão dos processos simbólicos historicamente contextualizados, bem como para a compreensão das identidades culturais nacionais e regionais e das circunstâncias históricas, sociológicas, antropológicas de sua formação.

Para então estimular a leitura do texto literário, parte-se de temas relevantes para nossos alunos, intrinsecamente relacionados ao universo juvenil e problemas enfrentados por eles, que vivem expostos constantemente a riscos de diversas espécies. Abordagens relativas ao culto da imagem, a celebração da aparência física, patologias adquiridas por causa da preocupação como o culto ao corpo (anorexia, bulimia e outras), as diversas “violências” que assolam a sociedade, problemas relacionados ao uso de drogas, iniciação sexual e gravidez precoce, experiências essas que se iniciam muitas vezes, ainda na puberdade.

No que se refere ao estudo da literatura e leitura de textos literários, o CBC propõe que estes apresentem os mitos e símbolos correntes na história e na sociedade sejam lidos pelos alunos, oportunizando o contato com diversos tipos de manifestações literárias, desvendando os valores que circulam na sociedade contemporânea, num exercício de reconhecimento de si e do mundo. Por mais avançada que esteja, a ciência busca explicar cientificamente o mundo, seus mistérios e seu funcionamento, mas nunca poderá substituir o lugar e a importância que a literatura tem na construção da cultura e da subjetividade do ser humano.

Como leitura, o documento apresenta sugestões de trabalho com textos da mitologia grega, nos quais podemos encontrar relações que permanecem presentes em nossa sociedade até os dias atuais porque, segundo Campbell, (2014) “Um mito é uma (...) metáfora daquilo que repousa por trás do mundo visível”. Como se vê, os significados do mundo se encontram na materialidade linguística do texto, composto de palavras e frases que formam uma trama de intensa e complexa beleza e que esconde em si a essência do texto e da vida. Ele está ali esperando que os leitores, como verdadeiros “desbravadores” saiam ao encontro de aventuras e de caça ao tesouro. Ao tesouro da descoberta do mundo para o encontro e a construção de si mesmo.

Devido a essa importância da literatura na vida do ser humano, principalmente dos sujeitos em idade escolar, nos mobilizamos e propusemos a realização da pesquisa que aqui segue descrita e detalhada tendo como motivo de discussão a obra da autora Terezinha

Alvarenga *Tô pedindo trabalho*. O texto literário escolhido para realização da proposta de pesquisa apresenta os elementos fundamentais para fomentar as discussões e ações pedagógicas que propusemos realizar em sala de aula com os alunos participantes da pesquisa. E também promover as discussões fundamentais e imprescindíveis no decorrer deste texto em que aportes teóricos contribuirão na compreensão do estudo em questão, num entrecruzamento de informações valiosas para obtenção de resultados, compreensões e conclusões a que podemos chegar.

1.2 – A formação identitária do adolescente na contemporaneidade

Não podemos deixar de abordar algumas considerações teóricas sobre a adolescência, fase de formação do caráter dos indivíduos em transição do mundo da infância para o mundo da vida adulta. Entender as questões históricas, sociais e psicológicas desse público é fundamental para a elaboração de um projeto educacional que tenha como prioridade a abertura de espaços de convivência e diálogo em que vão procurar respostas para suas indagações, podendo vivenciar novas experiências em grupos, criar símbolos de identificação e laços de solidariedade, para realizar descobertas (sobre o mundo e si mesmo) necessárias à elaboração de identidades e projetos de vida.

Como profissionais da educação que atendemos esse público juvenil, é salutar refletir sobre o perfil e as expectativas dos alunos exigindo essa reflexão ir muito além de características etárias considerando que as diferenças socioeconômicas em que vivem, as múltiplas experiências em função das localidades em que residem, as diferentes influências étnicas e culturais, as diferenças individuais exercem influência no modo de aprender, ver e viver em sociedade. Tanto professores quanto a própria instituição escolar não podem ignorar as singularidades e particularidades dessa população, sob risco de perder sua função de mediar o processo de construção de cidadania de seus alunos. É na interação e em constante processo de aprendizagem que a identidade desses sujeitos vai se constituindo tendo a escola como mediadora abrindo espaços de referência, realizando um exercício de compreensão sobre o lugar e a forma como eles vêm construindo suas identidades para, a partir daí, ampliar seu campo de possibilidades e propor reflexões entre escola e sociedade. Ela não pode perder de vista que os adolescentes e jovens de classes

sociais desprivilegiadas são socializados no interior de uma cultura de violência, marcada por discriminação e estereótipos e identidade socialmente inferiorizados construídos socialmente.

Vários são os autores preocupados com a interferência dos fatores sociais na formação dos sujeitos em processo de formação psicossocial. Procuram investigar de que maneira esses acontecimentos impactam e moldam suas vidas, principalmente quando esses fatos ocorrem no âmbito escolar. Flávia Schilling (2014) realiza uma investigação discutindo a relação existente entre violência e escola. Ela atesta que a violência, em suas diversas formas, tem adentrado os muros escolares e causado graves consequências na formação da identidade dos alunos na sociedade contemporânea, especificamente aqueles que se encontram em situação de risco e vulnerabilidade social. Essas violências, segundo a autora, são resultado das desigualdades socioeconômicas da contemporaneidade, associados a outros diversos fatores como,

“(…)as transformações do mundo do trabalho; as consequências do capitalismo contemporâneo com sua face global em nosso cotidiano; o domínio do tempo presente tornado vertigem, “instantaneidade”; a dificuldade que isso traz para a construção de histórias, para a construção da ideia de “experiência”. “Tudo é fugaz”, foge, escapa entre os dedos. Estaríamos mergulhados na “modernidade líquida”. (SCHILLING, 2014. p,17)

Não podemos deixar de dizer que a pesquisadora também tece uma crítica quanto à função social da escola. Para ela, a escola tem falhado na sua função educadora porque é tida também (2014. p, 64) “(…)como lugar da reprodução das desigualdades sociais, das desigualdades de gêneros e raça, da produção da pobreza e da exclusão. Teria, assim, sua cota de violências socioeconômicas”. Muitas vezes a escola não tem conseguido desenvolver um trabalho de efetiva educação cidadã, justamente porque tem adotado posturas e práticas pedagógicas engessadas, irrigadas de tradicionalismos e preconceitos que têm, por objetivo, uma formação deficiente de sujeitos para tão somente perpetuar e legitimar os interesses e poder da pequena parcela dominante da sociedade. Entretanto, essa postura vem sendo paulatinamente substituída por uma postura transformadora e politizada da ação de educar, visando à transformação do ser humano e da sociedade. Essa nova educação vem ganhando cada vez mais espaços, tanto nas ações pedagógicas quanto

na elaboração de documentos e políticas públicas educacionais, colocação que também é referenciada pela mesma autora.

Nesse âmbito, a escola deve se preocupar em elaborar projetos que promovam um posicionamento e consciência dos jovens não só para o futuro, mas para o presente na perspectiva social em que nossos alunos estão inseridos colaborando no enfrentamento das dificuldades encontradas no tempo presente. Deve se considerar a construção e realização de um projeto educacional que contemple e oriente a formação dos indivíduos em duas dimensões: individual e coletiva partindo da compreensão da sociedade e do lugar social em que estão inseridos. Ela precisa, dentre outras práticas, promover a igualdade de direitos e também de deveres de seus protagonistas (neste caso, os alunos), cultivar a prática do respeito recíproco e incentivar o diálogo e a participação dos mesmos num convívio escolar que os prepare para a participação social em espaços mais amplos.

É preciso também que compreendamos que essa formação identitária também é resultado de uma construção histórica que se perpetua por séculos. Philippe Àries em sua obra *História Social da Criança e da família* (1981), realiza um percurso histórico da infância, revelando o processo de formação da identidade das crianças. Historicamente, há mais de poucos três séculos, elas eram vistas como adultos em miniaturas, sem elementos próprios que as caracterizassem como seres em processo de formação. Eram seres invisíveis e apesar de viverem inseridas no universo dos adultos, viviam na obscuridade, sem experiências compatíveis com essa fase da vida. Suas experiências sociais e aprendizagens se formavam na interação com esse universo. Com o passar do tempo, a observação de moralistas religiosos e do Estado Moderno levou ao processo de *escolarização* com o intuito de formar a criança, ser incompleto que necessitava de obter disciplina e valores morais e éticos. Esse processo de escolarização ocorreu no fim da Idade Média, consequência das transformações sociais e econômicas ocorridas desde o século XII.

Nesse processo, a escola tem o papel fundamental de formar, disciplinar, regulamentar o comportamento das crianças e adolescentes para viver em sociedade, conforme os valores estabelecidos pela sociedade burguesa, sendo a escola a porta de ingresso na sociedade e na vida adulta. Conforme Àries, (1981, p.110) “Essa evolução da instituição escolar está ligada a uma evolução paralela do sentimento das idades e da infância.”, tornando-se, assim, uma instituição social que tinha como objetivos formar e instruir os estudantes, dentro de uma disciplina rígida, autoritária e por muitas vezes

violenta, quando se valia de artifícios cruéis e castigos corporais mediante os desvios de conduta. Na atualidade, porém, o papel da escola e seu objetivo é educar de forma respeitosa e digna aqueles que já nascem cidadão de direitos e que, no presente, constroem o futuro seu e da nação, considerando a importância das questões sociais a serem resolvidas em conformidade com cada momento histórico. O documento de apresentação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s – ressalta a importância da educação um direito de todos afirmando que:

A sociedade brasileira demanda uma educação de qualidade, que garanta as aprendizagens essenciais para a formação de cidadãos autônomos, críticos e participativos, capazes de atuar com competência, dignidade e responsabilidade na sociedade e que vivem e na qual esperam ver atendidas suas necessidades individuais, sociais políticas e econômicas (PCN’s, 1998, p.21).

Sendo necessário ressaltar a importância e o comprometimento da escola como instituição formadora. Essa perspectiva nos é apresentada pelos segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, ressaltando que:

A escola, com certeza, influencia esse processo e, pelas suas características de instituição pública e educacional, pode constituir-se em uma instância privilegiada de reflexão e problematização, contribuindo para o amadurecimento dos projetos de vida dos alunos (PCN’s, 1998, p.110).

A escola, então, é vista como um possível espaço de transformação em que as práticas pedagógicas são sociais e políticas. A educação cidadã requer que questões sociais sejam apresentadas para a aprendizagem e a reflexão dos alunos, sendo imprescindível imprimir em seu trabalho um sentido de reconstrução permanente, numa constante busca de vivência e valores. É preciso deixar claro, entretanto, que não se muda uma realidade instantaneamente. As ações transformadoras necessitam ser continuadas e sucessivas e, com o tempo, resultando em uma mudança bem maior.

Se aspectos sócio históricos são importantes fatores que interferem ou influenciam na constituição do ser humano, fatores internos também o são . Trazendo abordagens acerca do processo de constituição das subjetividades, Olga Sodré, em seu artigo “Símbolo, mito e interpreta o da passagem para a vida adulta” pontua que a

criança/adolescente está em fase de transição da infância para a vida adulta, sofrendo modificações físicas e psicológicas, enfrentando conflitos existenciais e encontrando-se em posição de desconcerto frente ao mundo. E por não conseguir se adaptar a essa nova realidade, enveredam para o mundo da marginalidade e do crime, tendo em vista que:

A radical transformação do universo infantil, de suas relações e de seus valores realiza-se no momento de transição do grupo das crianças para o grupo dos adultos, quando ocorre a mudança de lugares na sucessão das gerações e o acesso dos filhos à posição dos pais, no mundo adulto. A necessidade de abandonar os antigos laços afetivos, de sair da dependência e proteção dos pais e ocupar a mesma posição destes no mundo adulto gera uma situação de conflito. Este toma a forma de uma revolta mais ou menos acentuada contra a autoridade dos pais contra os símbolos que os revestem, de modo a construir a própria identidade e se emancipar dos laços familiares (SODRÉ, 2007, p.8).

A autora esclarece que na passagem da infância para a vida adulta, cada adolescente experimenta dentro de si a revolta contra os pais, vive desafios para participar da vida social ocupando seu espaço e de aceitar as regras do mundo adulto. Na sociedade contemporânea e ocidental, os rituais de passagem da infância para o mundo adulto, não somente foram reconfigurados, diluídos e prolongados, consequência das transformações da família, da sociedade, da cultura e da economia.

Nesse processo de amadurecimento, realizam-se assim duas passagens que nem sempre são concomitantes: uma, de caráter biofísico na qual o corpo sofre modificações ocasionadas pela ação hormonal, amadurecendo o corpo para as funções reprodutivas e a outra, psicológica, na qual se inicia uma vida de responsabilidades e compromissos a serem assumidos como adultos. As experiências e conhecimentos acumulados somados à maturidade atingida são elementos para a formação da identidade do sujeito, sacramentada pelos ritos de passagem e iniciação na vida adulta, característicos dessa travessia. Experiências negativas ou traumatizantes podem resultar em desajuste e desequilíbrios impossibilitando a vida em sociedade. Daí, muitos jovens estarem envolvidos em atos de criminalidade, uso e tráfico de drogas e violências. Relacionando formação da subjetividade a partir dos conflitos enfrentados na transição infância – vida adulta, contemplamos os estudos de Van Gennep, etnógrafo germânico sobre os rituais de passagem que marcam a vida humana em todas as circunstâncias da existência. Em sua obra *Os Ritos de Passagem*, (GENNEP, 2011, p. 71) observa que “... a puberdade

fisiológica e a “puberdade social” são duas coisas essencialmente diferentes, que só raramente convergem”.

Considera ainda que, não necessariamente as mudanças fisiológicas são responsáveis pelas mudanças sociais vividas pelos adolescentes, mas pelos novos papéis que devem ser assumidos e executados perante a sociedade. Segundo o autor, os ritos de passagem ocorrem desde o nascimento até a morte, em diversos grupos sociais espalhados por diversas localidades do planeta. Cada um deles possui significação peculiar em cada fase de transição. Van Gennep foi pioneiro nesse tipo de pesquisa e seu estudo tem contribuído para o entendimento cultural dos ritos de passagem em diversas culturas. Classifica os ritos sob três níveis: a) os ritos de separação (o objetivo é promover a separação do indivíduo para promover uma mudança de seu atual estado social para outro); b) os ritos de margem (nessa fase o indivíduo perde seus valores anteriores para adquirir novos e exercer sua função social após os ritos simbólicos); c) os ritos de agregação (o indivíduo é reintegrado à sociedade para exercer seu novo papel social).

Apropriando-nos dos referenciais sobre os ritos de passagem e os aplicando aos contextos de nossa sociedade podemos identificar que a preparação do indivíduo para a vida social está intrinsecamente relacionada à sua inserção no contexto escolar, espaço institucionalizado de formação e socialização em que se adquirem as habilidades e competências das práticas sociais de leitura, escrita e de valores morais, éticos e cidadãos. Posteriormente, ao ser inserido no mundo escolar, os conhecimentos já adquiridos no espaço familiar se agregam aos conhecimentos que são transmitidos pela escola, enriquecendo seus conhecimentos, formando a capacidade de reflexão e criticidade na observação dos fenômenos sociais e preparando o indivíduo para a vida em sociedade.

Esses ritos nos levam a compreender os fenômenos sociais e psicológicos pelos quais passam os adolescentes da atual sociedade que, mesmo não experimentando os rituais de modo físico, como em outras culturas localizadas em pontos diversos do planeta. Nas sociedades modernas do mundo ocidental, a entrada na fase da adolescência tornou-se um processo na qual o indivíduo vivencia solitariamente seu amadurecimento e, muitas vezes problemática, devido ao funcionamento das regras sociais vigentes e da complexidade do mundo contemporâneo. Podem apresentar hábitos e preferências alimentares diferentes, forma peculiar de se vestir, a busca não ortodoxa pela espiritualidade, liberdade sexual e até mesmo experimentar novas formas de ser e de se comportar.

Entender o adolescente, seu comportamento, suas expectativas e necessidades de realização se torna fundamental para um trabalho educacional em que se queira educar para transformar. Diante das considerações apresentadas sobre a constituição social e psicológica dos adolescentes, vamos analisar como a literatura pode contribuir para essa formação.

1.3 – A leitura da palavra literária na busca da significação do mundo e do homem

Fica claro para nós que a Literatura possibilita uma travessia que encaminha o ser humano compreender e identificar os valores que hoje são veiculados na e pela sociedade, como também reconhecer-se em meio à sociedade na qual vive, encontrando o seu espaço no mundo. O letramento literário é uma prática pedagógica que deve ser voltada para a satisfação das necessidades dos educandos para atuarem sobre o mundo e também sobre si mesmos por meio da leitura, da troca de experiências e da busca de sentidos entre o texto e o mundo, como nos afirma Cosson (2007, p.27) ao ressaltar que:

Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultados de compartilhamentos de visões de mundo entre os homens no tempo e no espaço.

Ao ler, estou abrindo uma porta entre o meu mundo e o mundo do outro. O sentido do texto só se completa quando esse trânsito se efetiva, quando se faz a passagem de sentidos entre um e outro. Se acredito que o mundo está absolutamente completo e nada mais pode ser dito, a leitura não faz sentido para mim. É preciso estar aberto à multiplicidade do mundo e à capacidade da palavra de dizê-lo para que a atividade de leitura seja significativa. Abrir-se ao outro para compreendê-lo, ainda que isso não implique aceitá-lo, é o gesto essencialmente solidário exigido pela leitura de qualquer texto.

É no interior do texto literário que temos a possibilidade de compartilharmos inúmeras visões de mundo, conhecer a diversidade de culturas existentes que, distantes de nós no tempo e no espaço geográfico, podem ser exploradas, conhecidas vividas pela aventura imaginária da viagem em direção ao centro do texto.

Compartilhando das colocações de Rildo Cosson sobre a literatura como forma de conhecimento, encontramos em Antonio Candido (2004) a defesa de que a Literatura é

uma disciplina tão importante e fundamental para o desenvolvimento do ser humano porque é um veículo de instrução e educação eficaz em que os valores cultivados pela sociedade se materializam nas tramas do texto, pelas várias possibilidades de posicionamentos que o texto literário pode abarcar (CANDIDO, 2004, p.175):

Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.

Só podemos compreender a sociedade a partir da interação entre os indivíduos e da troca de experiências que promovem o desenvolvimento do homem como ser social no qual se apropria dos valores, hábitos, crenças, da arte, da moral, das leis e dos costumes e da identidade de sua comunidade em meio ao seu tempo histórico. um processo educacional social em que o homem é, ao mesmo tempo agente e paciente desse processo, uma vez que não se aprende sozinho mas, na interação, em comunidade na elaboração de uma cultura como todos os seus traços e ritos como esclarece Roque de Barros Laraia (2006, p, 25): “tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.” O homem como construção e produto social se humaniza pela cultura que lhe é transmitida. A literatura como parte da cultura humana carrega em si os símbolos, representações e expressões da identidade de uma sociedade e a apropriação desse traço cultural é eficiente para ensino e transmissão desses códigos sociais. O homem é o único ser vivo que pode construir um patrimônio cultural que nenhum outro animal é capaz de constituir. Importante é a consideração que Laraia (2006, p, 45) estabeleceu, considerando que:

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade.

Como objeto cultural e de ensino, a literatura e o texto literário é arte que faz da realidade uma recriação transmitida através da língua, sob várias formas. Ela é vida e viva, faz parte da vida e nos ensina sobre a vida, seus conflitos e a condição humana. É produto da criatividade do artista que cria a sua própria verdade sobre o mundo, traduzindo suas experiências, compreensão do homem e o julgamento das coisas. A leitura é, portanto, a relação estabelecida entre o mundo do texto e o mundo do leitor. O texto oferece ao leitor uma proposta de leitura, que varia de acordo com o objetivo da comunicação, o contexto de produção, circulação e recepção dos textos e efeitos de sentido que o autor pretende revelar. O leitor, por sua vez, ao realizar a leitura do texto, coloca a serviço dela seus conhecimentos prévios, suas expectativas, sua memória, sua visão de mundo, seus pensamentos e sentimentos, suas experiências de leituras. Logo, o ato de leitura é um ato de produção de sentido, resultado do confronto entre esses dois mundos. Nesse contorno, a leitura tem papel fundamental para se compreender os valores e também comportamentos que devem ser estimulados no ensino da literatura como objeto de conhecimento.

Se a Literatura é parte da cultura que se constitui como conhecimento e forma de expressão, transmitida geração após geração como herança de um povo, então todos têm direito à educação literária e de se apropriarem dessa herança cultural porque em suas considerações, Candido (2004, p.174) evidencia que,

(...) a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente da nossa vontade.

A necessidade de fantasia, do maravilhoso, da fabulação é necessidade universal do ser humano. Sem essa fantasia, a sociedade seria um território desequilibrado haja vista que a literatura tem a influência de manter o equilíbrio psíquico e social pelo fato de a sociedade trazer para o âmago dessa ciência todos os seus valores circulantes no grupo social. Essa necessidade de ficção se inicia na mais tenra idade com a finalidade de apresentar o mundo por meio de metáforas e símbolos na intenção de equilibrar o estado psíquico e emocional dos homens. Chamamos aqui a atenção para os estudos de Bruno

Bettelheim, autor de *A psicanálise dos contos de fadas* (2013). Em sua longa experiência clínica, o psicólogo comprova que para a formação da identidade do ser humano é imprescindível o contato e a vivência com o texto de ficção porque o texto literário promove os significados da vida. O autor faz o seguinte depoimento:

Como educador e terapeuta de crianças gravemente perturbadas, minha tarefa principal foi a de restituir um significado a suas vidas. Esse trabalho tornou claro para mim que, se as crianças fossem criadas de modo tal que a vida fosse significativa para elas, não necessitariam de ajuda especial. Vi-me confrontado com o problema de deduzir quais experiências na vida de uma criança são as mais adequadas para promover sua capacidade de encontrar significados nela; para dotar a vida em geral de mais significado. Com respeito a essa tarefa, nada é mais importante do que o impacto dos pais e das outras pessoas que cuidam da criança; em segundo lugar vem a nossa herança cultural, quando transmitida à criança da maneira correta. Quando as crianças são pequenas, é a literatura que canaliza melhor esse tipo de informação (BETTELHEIM, 2013, p.10).

A vida sem literatura, para o autor, causa impactos psicológicos que conduzem a uma desestabilização emocional e psíquica que podem causar graves consequências. É ainda na infância que a criança se apropria dos sentidos e significados da vida que lhe são fornecidos por meio do encantamento, do texto literário como metáforas da vida e símbolo da existência humana. Negar às crianças o contato com o a ficção do texto literário, é negar-lhes o degustar da vida que também se pode fazer via literatura. É significativa a crítica do autor quanto ao ensino da leitura na escola, porque se visa somente à aprendizagem das técnicas de escrita e leitura sem que se busque um sentido para esse ato da leitura. Vejamos como Bettelheim esclarece:

As cartilhas e manuais em que aprende a ler na escola são destinados ao ensino das habilidades necessárias, sem levar em conta o significado. A maioria esmagadora do restante da chamada “literatura infantil” procura divertir ou informar ou as duas coisas. Mas grande parte desses livros são tão superficiais em substância que quase nada de significativo se pode obter deles. A aquisição de habilidades, inclusive de ler, fica destituída de valor quando o que se, aprendeu a ler não acrescenta nada de importante à nossa vida (BETTELHEIM, 2013, p.10).

Para ele, leitura sem significados não tem valor e aqui encontramos uma ligação com a proposta da nossa pesquisa: ler para apreender os sentidos do mundo, construir significados, posicionar-se e agir frente a problemas da vida e do mundo.

Outra consideração do autor é que a leitura dos textos ficcionais a serem trabalhados na infância e na adolescência precisam retratar as vicissitudes da existência humana, apresentando as dificuldades da vida para que possam enfrentar a realidade que as histórias modernas, por muitas vezes tentam esconder. No dizer de Bettelheim

As histórias modernas escritas para crianças pequenas evitam sobretudo esses problemas existenciais, embora eles sejam questões cruciais para todos nós. A criança necessita muito particularmente que lhe sejam dadas sugestões simbólicas sobre o modo como ela pode lidar com essas questões e amadurecer com segurança. As histórias “seguras” não mencionam nem a morte, nem o envelhecimento – os limites à nossa existência -, nem tampouco o desejo de vida eterna. O conto de fadas, em contraste, confronta a criança honestamente com as dificuldades humanas básicas (BETTELHEIM, 2013, p.15).

Os contos de fadas são as referências utilizadas pelo autor para pontuar a importância da ficção literária na vida do ser humano. Entretanto, podemos estender a abrangência das considerações do pesquisador para outras modalidades textuais ficcionais, estendendo também a relevância das obras de ficção literária para o final da adolescência, início da juventude, em que a formação da personalidade humana está em fase de consolidação. O amadurecimento do ser humano se organiza a partir do acúmulo de experiências tanto positivas quanto negativas. Exemplos literários que representam a morte, a dor, a perda, dão segurança para a criança, o adolescente e os jovens para enfrentarem a vida e encontrarem seu lugar no espaço social, conhecedores de si mesmos e de seus infortúnios, vivendo a vida de forma saudável e equilibrada.

O lado positivo desse processo é que, subliminarmente, a criança é ensinada a lidar com o sofrimento. Algumas histórias possuem significados que mostram os conflitos internos vividos pelos protagonistas. Os textos literários transmitem ensinamentos importantes para o ser humano, mostrando conflitos ocultos e também problemas de relacionamento interpessoais. Contudo, nota-se o quão importante os contos de fadas são para a demonstração dos sentimentos infantis, formação de suas identidades, seu desenvolvimento emocional e maturidade, e suas preocupações. Enfim, sua percepção do

mundo e o crescimento da sua personalidade. Aponta Bettelheim (2013, p. 67) que “os contos de fadas deixam para a própria fantasia da criança a decisão de se e como aplicar a si própria aquilo que a história revela sobre a vida e a natureza humanas”. Negar a fruição e a relação com esse mundo ficcional é, como diz Antonio Candido, negar o homem de ser humano, acarretando graves consequências no desenvolvimento da personalidade da criança/adolescentes, podendo levá-lo ao desequilíbrio mental e social, bem enfatizado pelo mesmo autor:

Conheci muitos exemplos em que, particularmente no final da adolescência, anos de crença na magia eram necessários para compensar o fato de a pessoa ter sido privada dela prematuramente na infância, graças à imposição da dura realidade. É como se esses jovens sentissem que agora é a sua última oportunidade para compensar uma séria deficiência em sua experiência de vida; ou que, por não terem tido um período de crença na magia, ficarão incapacitados para enfrentar os rigores da vida adulta. Muitos jovens que hoje repentinamente buscam a fuga em sonhos induzidos por drogas, tornam-se discípulos de algum guru, acreditam em astrologia, envolvem-se na prática de “magia negra”, ou que de alguma outra maneira fogem da realidade em devaneios sobre experiências mágicas que deverão mudar suas vidas para melhor, foram prematuramente pressionados a encarar a realidade de uma forma adulta. Tais tentativas de fugir da realidade têm sua causa mais profunda em experiências formadoras que cedo impediram o desenvolvimento da convicção de que a vida pode ser governada de modo realista. (BETTELHEIM, 2013, p.74).

Mais uma vez e de modo incisivo pontua-se que a exposição prematura à realidade da vida, sem a magia da ficção que o texto literário pode ofertar, ainda em idade muito jovem, causa sérias deficiências emocionais, físicas, sociais fazendo com que o sujeito busque refúgio em situações que o façam transcender a outros mundos, recorrendo a formas ilícitas de provocar a fuga dessa realidade, como uso de álcool, drogas e crença exacerbada no sobrenatural.

É por isso que a realização de projetos de letramento no espaço escolar se torna essencial e de importante relevância: oferecer aos educandos uma formação literária de modo a explorar as dimensões da vida, desvendando seus segredos para se realizarem como seres humanos aptos a viverem em sociedade, na interação e compartilhamento de

vida, construindo um universo humano e um espaço geográfico cada vez melhor para se viver.

1.4 – Letramento literário: na arena da ficção o confronto com a realidade

Mencionamos no tópico anterior que a literatura é subsídio imprescindível para a formação humana, em que se representam os modos de pensar, viver e expressar de um povo que, ao longo de sua história vai acumulando conhecimentos e tradições, formando uma herança cultural da qual as gerações se apropriam como símbolo de sua identidade. Dentre os diversos elementos culturais, o texto literário é um portador dos aspectos da dimensão da vida e do homem. Sem o gozo da literatura, o indivíduo encontra dificuldades de ajustamento social e pessoal na comunidade na qual se encontra inserido. A falta e a negação da ficção como porta de entrada para o mundo com suas cores e dores, gera, conseqüentemente, instabilidades emocionais chegando, dependendo da confluência dos elementos, a provocar um efeito em cadeia que pode afetar todo um sistema social. A literatura é um produto humano que forma o humano. É na ficção que o homem encontra o homem.

O contato com a literatura pode se realizar em qualquer espaço físico, a qualquer momento intermediado por qualquer pessoa que, nesse instante, pode se tornar o mediador da leitura literária. Mas é na escola, espaço institucionalizado de educação, de socialização, de práticas sociais éticas é que ela tem espaço privilegiado como matéria de ensino que se destaca pela capacidade de reunir em um só objeto conhecimentos de várias outras ciências.

Para compreendermos a importância da leitura literária na sociedade e principalmente nas escolas, precisamos considerar algumas questões.

A partir da década de 1970 discussões em torno do ensino e da funcionalidade da literatura ganham espaço nos centros acadêmicos e escolares. Os pesquisadores começam a se preocupar e movimentar sobre o ensino de leitura que vise ultrapassar a simples atividade de decifração linguística para um ensino em que a prioridade é valorizar os usos sociais e as práticas de leitura e escrita para a vida em sociedade. Surge assim o termo *letramento*, cunhado por Leda Verdiani Tfouni e explorado por outros autores. Uma

referência nacional de estudos sobre letramento é Magda Soares com a obra *Letramento: um tema em três gêneros* (1998). Dentre as colocações de Magda Soares encontramos as seguintes pontuações: a) O letramento é condição para a vida em grupo e mudança da qualidade de vida individual e coletiva; b) O letramento é um resultado final de um processo de aprendizagem; c) O letramento eleva o status superior e o habilita para agir no e sobre o mundo; d) O desafio que se coloca é conduzir os indivíduos aos usos sociais da leitura e da escrita.

Ao final de suas considerações, a autora resume o ato de leitura desde o momento inicial em que se realiza a decifração das letras até o momento da exposição da crítica e dos juízos de valor que se podem apreender por meio das situações colocadas pelos textos. Atentemos à colocação de Soares:

Desse modo, a leitura estende-se da habilidade de traduzir em sons sílabas sem sentido a habilidades cognitivas e metacognitivas; inclui, dentre outras: a habilidade de decodificar símbolos escritos; a habilidade de captar significados; a capacidade de interpretar sequências de ideias ou eventos, analogias, comparações, linguagem figurada, relações complexas, anáforas; e ainda, a habilidade de fazer previsões iniciais sobre o sentido do texto, de construir significado combinando conhecimentos prévios e informação textual, de monitorar a compreensão e modificar previsões iniciais quando necessário, de refletir sobre o significado do que foi lido, tirando conclusões e fazendo julgamentos sobre o conteúdo. (SOARES, 1998, p.69).

Logo após as preocupações em torno do letramento foi necessário dilatar o conceito para abarcar especificamente o ensino do texto literário e sua prática na sala de aula. Ora, o trabalho de ensino, até os dias atuais tem consistido em abordagens tradicionais de leitura com atividades que não ultrapassam a leitura horizontal do texto. Para a autora, preenchimento de fichas, elaboração de resumos, exercícios orais ou escritos são as práticas mais presentes nas salas de aula no trabalho realizado com a literatura. Estudiosos do letramento literário confirmam a importância da prática do letramento literário, tendo em vista que o ensino formal de conteúdos é responsabilidade da escola e a literatura é uma ciência, é também uma disciplina que deve ser ensinada no contexto escolar. Em *Letramento Literário – Diálogos* (2010), Rosemar Coenga (2010, p.55) define o letramento literário como “conjunto de práticas sociais que usam a escrita literária, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos.” É

preciso então que sejam realizadas ações de leitura literária que tenham significados para os alunos, de forma que possam estar em constante processo de aprendizagem, aprendendo a conhecer o mundo, a realizar aquilo que é necessário, vivendo e aprendendo a ser. A leitura literária nos ensina e nos transforma porque é lendo o mundo que se vive melhor.

Nessa linha de pensamento encontramos também os pressupostos citados por Rildo Cosson, quando enuncia que somos seres que constituem o mundo quase exclusivamente por meio das palavras. As palavras, segundo ele, provêm da sociedade, não sendo propriedade exclusiva de um indivíduo, mas pertencente a todos. E a prática do ensino de literatura é responsabilidade da escola, sem transformá-la em algo falso, desvinculado da realidade. Ele diz que:

Por fim, devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (COSSON, 2007, p.23).

Como se vê, Cosson considera também que o ensino de leitura não está dissociado da realidade da vida e do comportamento em sociedade porque se lê para viver no mundo. Ressalta, ainda, que a educação literária,

(...) busca formar uma comunidade de leitores que, como toda comunidade saiba reconhecer os laços que unem seus membros no espaço e no tempo. Uma comunidade que se constrói na sala de aula, mas que vai além da escola, pois fornece a cada aluno e o conjunto deles uma maneira própria de ver e viver o mundo. (COSSON, 2007, p.120).

Diante do exposto, depreendemos que a literatura, assim, deve ser uma experiência coletiva que se constrói na sala de aula, na interação entre os envolvidos no processo de ensino aprendizagem, tendo o professor como mediador do processo de leitura em uma prática que ultrapasse um simples fazer pedagógico e se torne uma atividade que seja um ato constante na vida do leitor.

Como objeto de cultura social que se cria a partir do mundo visível se transmutando para o dizível e encontrando sua matéria prima na vida, não podemos deixar de refletir

sobre o confronto entre a ficção e realidade numa relação que se converge para o interior do texto literário. Os fatos do mundo servem de componentes para a criação literária, em que se fundem texto e contexto em uma interpretação que se torna dialética, de certo modo, representando ou espelhando a sociedade na descrição de suas dimensões e aspectos.

Analisando essa proximidade entre Literatura e realidade social e a apropriação que aquela faz dos eventos sociais para composição de sua arte, Antonio Candido (2006, p.14) pontua que “(...) o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno.” Nesse entrelaçamento entre real e ficcional percebemos um movimento em dois sentidos para a efetivação da obra literária: a realidade social influencia a criação verbal e esse produto final, por ser um produto social, influencia o comportamento e a formação do homem, conforme perspectiva do autor, ressaltando que:

(...) a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento e valores sociais. (CÂNDIDO, 2006, p.30).

Dessa forma a produção literária tem sua gênese na sociedade, servindo a própria sociedade. O artista se apropria da realidade transformando-a em ficção que se materializa em forma de palavra significativa e influente. A beleza e a força do texto podem resultar num efeito de mutação tirando o leitor de sua zona de conforto e levando-o ao conflito de ideias, de sentimentos, de opiniões que se fazem e refazem a cada contato com o texto. A literatura é arte, é uma forma de representar o mundo e como tal carrega em si valores e ideologias que compõem os significados do texto e os valores do homem. A obra é única e pessoal e torna-se coletiva ao ser compartilhada entre os sujeitos de um lugar e de um tempo. O artista e sua obra falam de momentos, de lugares e situações que ocorrem o tempo todo e é essa criação que provoca, que movimenta, que desestabiliza o leitor para satisfazer as necessidades de seu espírito.

Por isso, práticas de letramento literário devem ser incentivadas e realizadas nas escolas, para inserir os alunos na participação da vida em sociedade e para ensiná-lo a se

apropriarem dos bens culturais para que desfrutem de uma formação intelectual plena porque, segundo Cosson (2007, p.28):

O efeito de proximidade que o texto literário traz é produto de sua inserção profunda em uma sociedade, é resultado do diálogo que ele nos permite manter com o mundo e com os outros. Embora essa experiência possa parecer única para nós em determinadas situações, sua unicidade reside mais no que levamos ao texto do que ele nos oferece.

É importante destacar que, para obter-se êxito na realização deste trabalho, é fundamental que esse sujeito leitor ganhe espaço na sala de aula, demonstrando suas opiniões, sua subjetividade por meio de sua própria voz. Destacamos nesse momento a atuação do professor como mediador e condutor da relação dialética dos alunos com o texto literário, levando-os não somente a expressarem suas experiências e opiniões, mas também a respeitar outros pontos de vistas manifestos, outras experiências sociais vividas por seus iguais e compartilhadas em sala de aula. Conforme Maia (2007, p 83):

No contexto escolar, essa perspectiva redimensiona a relação aluno x professor, uma vez que a construção do conhecimento implica ação compartilhada, ou melhor, o diálogo e os comentários sobre as leituras realizadas são necessários para que haja troca de informações, confronto de opiniões, comunhão de ideias, exposição de valores e, conseqüentemente, desenvolvimento dos sujeitos envolvidos no processo.

É por meio desse compartilhamento de experiências vividas pelos diversos agentes do espaço escolar e respeito à diversidade cultural e desse espaço é que o sujeito vai se construindo e se constituindo como ser social que respeita e deve ser respeitado. O professor deve ter como tarefa a sensibilização dos leitores para a compreensão da diversidade nos modos de ver o mundo, de respeitar valores humanos diversos de seu lugar social. O ponto de partida é justamente de suas próprias experiências literárias, conhecimentos prévios adquiridos no decorrer de sua trajetória pessoal e de estudos e experiência profissional. O professor precisa ser, antes de tudo, um leitor com vasta bagagem de leituras e conhecimentos para poder, assim, promover uma prática plural e dialógica no espaço da sala de aula. Sobre a importância do trabalho e práticas de leitura do professor, concordamos com Coenga (2010, p. 38), quando diz:

Convicto de que para formar alunos leitores e pessoas que gostem de ler, reconheço no professor o principal mediador pela formação de leitores alunos na/pela escola. Por meio de seus exemplos, os professores influenciam fortemente a história de leitura de seus alunos. Criando ambientes afetivos positivos, os professores criam leitores entusiasmados.

Dessa maneira é destinado ao professor e à escola um papel de extrema relevância na realização do letramento literário de seus alunos. Para eles, o professor deve ser um exemplo de leitor, demonstrar conhecimentos adquiridos por meio de suas próprias leituras, elaborando estratégias criativas para aproximar o aluno do objeto texto e que, nas diversas leituras realizadas de textos literários diversos, o próprio aluno possa descobrir os tipos de textos literários que mais lhe agradam. Entretanto, é essencial que o professor seja sensível para perceber o perfil e as necessidades de seus alunos, de forma a criar situações concretas de aprendizagem e práticas pedagógicas efetivas que valorizem a ação de aprender.

Na troca de experiências individuais é que o aluno se vai constituindo como pessoa e cidadão. Ao conhecer e respeitar o outro, acaba se conhecendo e reconhecendo-se nos outros integrantes de seu espaço social. Esse processo de conhecimento e autoconhecimento se dá por meio das relações interpessoais que ocorrem em espaços sociais privilegiados: começa, primeiramente, no seio de seu lar entre os membros familiares e, posteriormente, na escola, agência de letramento por excelência, destinada ao ensino não somente de conteúdos, mas também promotora de socialização e construção do ser humano apto a viver em sociedade. A sala de aula precisa ser um ambiente agradável e adequado para que o aluno se sinta confortável, respeitado e valorizado, tendo segurança em partilhar com seus semelhantes as experiências que lhe são marcantes e cooperam para a construção de sua própria identidade pessoal e social. São saberes partilhados e distribuídos cognoscitivamente no espaço da escola. Se nosso objetivo é a formação de cidadãos críticos precisamos de um espaço de formação democrático e a escola pode e deve ser esse espaço. A educação que se realiza na escola precisa garantir aos educandos o conhecimento das lutas e conquistas sociais que se acumulam na construção histórica da sociedade, encorajando a todos para delas também fazerem parte. Para isso, é fundamental que a escola reconheça a pluralidade de visões de mundo de seus educandos, o espaço geográfico e social de origem, as expectativas, condutas e repertório trazidos pelos alunos

para apresentar-lhes novos conhecimentos de mundo e de possibilidades de existência. Quanto à caracterização da escola e de suas funções confirma Simões (2012, p.17):

A escola, então, afirma-se como um ambiente de contínua reconstrução de experiências, orientadas para privilegiar o acolhimento à diversidade, o compartilhamento, a colaboração e também a crítica, a comparação, a criação e a iniciativa. Legitima-se, assim, em sua função social, cuja razão de ser está além dos seus muros e só se justifica quando analisada em relação com o contexto em que está inserida.

É necessário e desejável, conforme a autora, que o ambiente escolar seja propício e colhedor para que a aprendizagem seja efetivamente realizada. Essa formação dos educandos deve transcender a pura e simples aquisição e consolidação de conhecimentos adquiridos ao longo do tempo para constituir a concreta e integral formação humana e cidadã dos alunos.

Relembrando o objetivo de nosso trabalho relativo à investigação do processo de formação de opiniões e criticidade do público-alvo da pesquisa frente à realidade enfrentada pela sociedade e suas diversas problemáticas, pensamos em um plano de letramento literário que possibilite a plena consciência do exercício da cidadania e acesso aos diversos bens culturais como direito subjetivo dos nossos educandos, numa prática educacional voltada para a compreensão da realidade social e dos direitos e responsabilidades em relação à vida pessoal, coletiva e ambiental, ressaltado pelos (PCN, temas transversais, 1998, p. 24): “A contribuição da escola, portanto, é a de desenvolver um projeto de educação comprometida com o desenvolvimento de capacidades que permitam intervir na realidade para transformá-la.” O documento prevê ainda três grandes e imprescindíveis diretrizes na orientação para realização do projeto pedagógico em consonância com esse objetivo. O primeiro é saber posicionar-se frente às questões sociais, interpretando a tarefa educativa como intervenção na realidade no momento presente; b) não tratar os valores como conceitos ideais, mas como manifestações reais materializados e elaborados a partir da convivência dos indivíduos em determinado espaço; c) incluir no trabalho diário de ensino, a perspectiva de mudança individual e social dos educandos sendo função da escola à condução de uma atividade reflexiva sobre os valores morais que, de forma alguma devem ser impostos e sim absorvidos pelos educando na formulação de uma conduta ética numa eterna atitude de pensar e refletir para construir a si mesmo e à sociedade. É importante frisar ainda que Simões (2012, p.44), afirma,

(...) ao pensar bem localmente no trabalho de sala de aula, queremos reafirmar, ainda, o princípio educativo da cidadania em sua acepção mais básica de convivência: de copresença e interação entre homens livres na “cidade”. A consciência do outro, ao mesmo tempo limite, espelho e aliado, remete, de um lado, à necessidade da busca de negociação de conflitos e, de outro, ao potencial de, em colaboração, superar o que seria possível a cada um realizar isoladamente. A escola é lugar privilegiado para a aprendizagem da solidariedade, para a formação do senso ético e para a participação. E mais: é evidentemente na ação pela linguagem que se vão construindo esses valores.

Mais uma vez podemos observar o posicionamento da autora relativo à função social da escola que deve ser a de promover uma aprendizagem baseadas em valores morais e sociais, socialmente valorizados. E essas interações sociais se realizam por meio da linguagem, priorizadas no espaço da escola, por meio de conflitos de experiências que o homem se vai constituindo em um movimento de eterno conflito. O trabalho local deve fortalecer os atos de cidadania e da convivência e da consciência de si num espaço maior da sala de aula, que é o espaço global da sociedade. Não podemos deixar de considerar a contribuição de Graça Paulino que entende e assim se pronuncia sobre letramento literário:

O letramento literário, como outros tipos de letramento, continua sendo uma apropriação pessoal de práticas sociais de leitura/escrita, que não se reduzem à escola, embora passem por ela. A experiência estética, dentre as quais se inclui a leitura literária, está sendo mais valorizada agora, como modo de reumanizar as relações enrijecidas pela absolutização das mercadorias. (PAULINO, 2010, p.165).

Baseados nessas considerações sobre a importância do letramento literário nas práticas educativas dos professores em sala de aula, vamos, nos próximos capítulos, relatar e analisar a prática de trabalho e os resultados e conclusões a que chegamos por meio do desenvolvimento de atividades com o texto literário *Tô pedindo trabalho*, de Terezinha Alvarenga, na investigação da formação de habilidades críticas dos alunos participantes desta pesquisa.

CAPÍTULO 2 - ANÁLISE DA OBRA LITERÁRIA *TÔ PEDINDO TRABALHO*, DE TEREZINHA ALVARENGA

Apresentamos neste capítulo uma análise dos elementos intra e extratextuais que fornecem subsídios para compreensão da obra, bem como as temáticas que fomentaram as discussões durante a realização das atividades do plano de intervenção pedagógica realizadas com os discentes.

2.1 – A importância do estudo da obra literária

O texto literário é, por excelência, um portador de ideologias, maneiras de ver, de sentir e de expressar o mundo e as coisas que nele há. Ele humaniza, transforma e numa relação dinâmica entre texto, mundo e leitor que vai se movimentando à medida que contradições históricas, políticas e sociais se manifestam e as mudanças ocorrem. Mundos são construídos e reconstruídos, na medida em que a capacidade de ressignificá-los se desenvolve, sob uma perspectiva particular, levando ao desenvolvimento de um espírito que, ao mesmo tempo crítico, se torna também humano, cidadão de sua sociedade e de seu tempo.

Ao realizar essa reelaboração e reconstituição do mundo e das coisas, o próprio leitor se vê e se percebe em estado de construção de sua identidade como sujeito, revisa seus próprios valores e dá sentido e valor às coisas que lhe são importantes. Esse processo se inicia no momento em que os agentes leitores, texto e mundo se encontram na arena do discurso e se permitem transformar nessa interlocução.

Para investigar se, e de que modo a relação literatura x realidade social influenciam ou interferem na construção da identidade do adolescente como sujeito social, recorreremos à utilização do texto literário como estratégia para executar uma proposta de intervenção literária. Para vivenciar essa experiência de letramento literário, dialogamos como a obra *Tô pedindo trabalho*, da escritora mineira, Terezinha Alvarenga. O livro nos transporta ao universo ficcional, de maneira que podemos associar os eventos ficcionais às realidades circundantes. Ao realizar essa travessia literária, o aluno terá a oportunidade de relacionar os acontecimentos ficcionais ao próprio contexto social em que vive e analisar quais devem ser os valores morais, éticos e sociais que ele deve cultivar para se tornar um

cidadão, militando para o bem de seu lar, de sua comunidade e de seu tempo. Visando prosperar a mentalidade individual e coletiva de um povo, é o uso da palavra, principalmente literária, que garante essa evolução. Importante é, então, que a ficção encontre seu lugar no mundo e na escola.

O projeto de ensino de literatura na sala de aula, no tempo presente, deve considerar a evolução histórica que o texto literário e a sociedade vêm sofrendo continuamente. Retomando discussões de Antonio Candido em *Literatura e Sociedade* (2006) para compreender os vínculos que podem ser estabelecidos entre ocorrências e fatos da realidade social e sua transposição para a esfera literária. Segundo ele, é da observação que o autor realiza sobre entorno social e de suas ideologias é que coleta sua matéria prima para elaboração do texto literário. E é isso que comprovamos na realização da leitura da obra de Terezinha Alvarenga. Certamente é de suas observações do entorno de seu tempo e espaço, associadas às suas próprias perspectivas e ideologias é que a autora transporta para o texto literário os elementos para os quais quer chamar a atenção, como a infância roubada, as diversas violências sofridas por algumas personagens, atos de discriminação e preconceito praticados pelos mais abastados, subjugando os menos favorecidos.

Outro ponto salutar das pontuações do autor compreende a forma como o conteúdo é expresso no texto. A essência e força do texto também se faz sentir pela sua materialização nas linhas do texto porque a palavra é, ao mesmo tempo, forma e conteúdo que não pode se separar da estética linguística. Observamos no texto que a autora, com maestria, trabalha com a linguagem de forma a aproximar a ficção da realidade. É recorrendo à estrutura do tipo narrativo que a autora desenvolve seu texto, relatando os fatos de forma breve e sucinta. Para conferir um possível tom de realismo ao enredo, há utilização de variedades linguísticas para caracterizar a condição socioeconômica das personagens, que vão da variedade padrão a não padrão. Aquelas com maior prestígio social utilizam a variedade padrão, enquanto as que são desprestigiadas socialmente têm como uso a forma coloquial ou não padrão.

O texto é, assim, como um filho gerado. Único, singular, precioso que carrega em si todo o universo literário que se constrói a partir da matéria da vida e da existência do ser humano em sociedade. Como bem diz Candido (2006. p, 147):

Toda obra é pessoal, única e insubstituível, na medida em que brota de uma confiança, um esforço de pensamento, um assomo de intuição,

tornando-se uma “expressão”. A literatura, porém, é coletiva, na medida em que requer uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, para chegar a uma “comunicação””.

Comunicação essa que propõe a abertura de espaço para discussão e prática de novos valores como: espírito solidário; questionamento de autoridade, quando revestida de poder absoluto; a transformação do sistema social (trabalho, família, escola); sociedade sexófila (em que o sexo é considerado um ato natural e liberal), concepção da vida devem resultar na construção de espaço democrático no qual o diálogo, a exposição de ideias, de confronto de opiniões e de respeito às experiências pessoais. Esses são dados extraliterários que, de certo modo, são referências para o exercício de uma leitura necessariamente crítica, sem, ao mesmo tempo, deixar de ser emocionante, divertir e proporcionar prazer, em uma via de mão dupla em que ler torna-se um exercício intelectual de aprendizagem e de formação pessoal. Atentemos ao que propõe Coelho:

Enfim, o que hoje define a contemporaneidade de uma literatura é sua intenção de estimular a consciência crítica do leitor; leva-lo a desenvolver sua própria expressividade verbal ou sua criatividade latente; dinamizar sua capacidade de observação e reflexão em face do mundo que o rodeia; e torna-lo consciente da complexa realidade em transformação que é a sociedade, em que ele deve atuar quando chegar a sua vez de participar ativamente do processo em curso. (COELHO, 2000, p. 151).

Sendo assim, depreendemos que na fase de formação intelectual dos alunos (pré-adolescentes e adolescentes), devem-se considerar as necessidades de formação intelectual e cidadã em que o *ser* é uma prioridade sobre o *ter*. As habilidades de escrever, ler e refletir proporcionam as condições fundamentais para o desenvolvimento de capacidade de reflexão e de pensamento crítico para compreensão e questionamento de um mundo em que as “realidades” já se encontram consagradas. Para a realização dessa travessia, as atividades pedagógicas com o texto literário precisam ultrapassar os limites do deleite e alcançar o limiar da racionalidade num movimento dialético de constante elaboração do pensamento crítico e despertar da sensibilidade. Devemos considerar que os textos devem ser escolhidos a partir das temáticas interessantes e necessidades que os jovens leitores apresentam. Silva (2009) coloca em questão que:

Na configuração do texto endereçado ao jovem leitor, percebem-se algumas constantes temáticas, como dado informativo, na esteira da aliança leitura/escola; as vivências e os problemas do cotidiano, como o relacionamento familiar e escolar; o mundo da fantasia fazendo contraponto com a realidade, sobretudo na ficção infantil. Mais centrada no restrito círculo familiar, se infantil, a literatura amplia-se para as questões sociais, políticas e amorosas quando se volta para o público adolescente (SILVA, 2009, p. 35).

Contudo, a leitura não está dissociada da escrita, porque uma não existe sem a outra. Uma vez que a leitura é uma forma de ouvir o mundo, a escrita é uma forma de dizer sobre o mundo a partir de uma visão particular, transferida para a materialidade de um suporte físico, seja ele qual for. Daí, valores, ideias e ideologias circularem em diversos tipos de suportes sob vários formatos, principalmente na sociedade moderna, considerada a sociedade do conhecimento em que a capacidade de utilizar novas tecnologias, mídias e linguagens como formas de comunicação é requisito imprescindível para a sobrevivência humana e efetivação da comunicação.

O professor, nesse novo tempo, precisa entender que as tecnologias e mídias de informação e comunicação são hoje parte da vida de quase todos nós. Nas nossas mais diversas tarefas estamos em contato direto e permanente com a tecnologia e precisamos aprender a incorporá-las como instrumentos educativos que nos aproximem das novas gerações e promovendo ações estratégicas que enriqueçam e deem prazer ao aprendizado.

Toda experiência que se realiza em torno de leitura, por mais simples que seja, por mais informal que seja, contribui para a formação de um importante repertório pessoal de referências históricas, culturais, políticas, etc., ainda que recorramos a esses conteúdos de modo inconsciente para produzir os mais diversos tipos de textos. Esse é um dos motivos pelos quais se costuma afirmar que existe uma relação intrínseca entre leitura e escrita.

2.2 – O uso da tecnologia e de outras mídias para o trabalho com o texto literário

Os desafios impostos aos professores que trabalham com leitura e escrita na escola contemporânea têm sido alvo de inúmeras pesquisas e estão no centro dos estudos da linguagem da atualidade.

Há algumas décadas, as práticas de letramento na escola firmavam-se em atividades de leitura e escrita que recorria apenas à linguagem escrita como tecnologia para o ensino de língua materna. Hoje, entretanto, essas práticas têm sofrido mudanças com a inserção e o uso das novas tecnologias. É muito comum nos dias atuais os textos combinarem imagens estáticas com as de movimento, mesclando com áudio, cores, links, seja nos ambientes digitais ou nas mídias impressas.

Tais modalidades passaram a exigir do leitor a aquisição e o desenvolvimento de novas habilidades de leitura e escrita, dependendo das modalidades utilizadas, ampliando a noção de letramentos para múltiplos letramentos. A ampliação desse conceito vem dar conta da diversidade de que ocorrem concomitantemente nos textos encontrados hoje nas mídias: visual (uso das imagens), sonoro (uso de sons), verbal (uso das línguas). Estamos vivendo em um tempo marcadamente tecnológico em que cada vez mais a tecnologia digital tem feito intimamente parte da vida e do cotidiano das pessoas.

Pensando em realizar um trabalho atraente e envolvente com o texto literário para enriquecer os debates realizados a partir da leitura de ficção, decidimos e recorremos ao uso de mídias (fotos, vídeos, filme, música e produção de texto) como recurso didático para dinamizar as discussões propostas em comunhão com os fatos apresentados no livro *Tô pedindo trabalho*, da autora Terezinha Alvarenga. A presença e o uso da tecnologia digital e de outras mídias possibilitam novas formas de expressão e comunicação e interação fazendo parte de nossa rotina intra e extraescolar. Na prática pedagógica o uso desses recursos enriquecem e dinamizam o trabalho docente pela inovação que proporcionam no trabalho de elaboração de linguagem, sendo possível combinar sons, cores, imagens e movimentos. Encontramos posições favoráveis quanto ao uso de mídias e tecnologias em Lorenzi & De Pádua (2012, p. 36) que faz a seguinte observação:

É de suma importância que a escola proporcione aos alunos o contato com diferentes gêneros suportes e mídias de textos escritos, através, por exemplo, da vivência e do conhecimento dos espaços de circulação dos textos, das formas de aquisição e acesso aos textos e dos diversos suportes da escrita. Ela também pode incorporar cada vez mais o uso das tecnologias digitais para que os alunos e os educadores possam aprender a ler, escrever e expressar-se por meio delas.

É na escola que o conhecimento de diversos gêneros textuais ocorre e é responsabilidade da escola ensinar ao aluno a utilização dos gêneros associados aos suportes e seus contextos de circulação. Como o auxílio da tecnologia é possível a concretização de uma aprendizagem mais profícua das habilidades de expressão, escrita e leitura no contexto escolar, habilidades essas para as práticas de vida em sociedade.

Algumas diretrizes para o trabalho de leitura e escrita por meio da mediação da tecnologia são pontuadas por Moran, Masseto e Behrens (2006, p. 31). Dentre elas:

Integrar tecnologias, metodologias, atividades. Integrar texto escrito, comunicação oral, escrita, hipertextual, multimídia. Aproximar as mídias, as atividades, possibilitando que transitem facilmente de um meio para o outro, de um formato para o outro. Experimentar as mesmas atividades em diversas mídias.

Trazer o universo do audiovisual para dentro da escola.

Variar a forma de dar aula, as técnicas usadas em sala de aula e fora dela, as atividades solicitadas, as dinâmicas propostas, o processo de avaliação. A previsibilidade do que o docente vai fazer pode tornar-se um obstáculo intransponível.

Depreendemos, portanto que é preciso trazer para o universo escolar, a aplicabilidade da tecnologia para dinamização e inovação do ato de ensinar. Ainda segundo os autores é possível se promover uma revolução no processo de ensinar e romper fronteiras erguidas entre professores e alunos, os primeiros, migrantes; os segundo, nativos no uso das tecnologias. Somente a partir dessa ruptura é que o ensinar e aprender será de fato revolucionário.

Outros autores também defendem a utilização dos recursos midiáticos e tecnológicos como ferramentas de ensino e aprendizagem, vejamos abaixo:

A multimídia interativa permite uma exploração profunda devido à sua dimensão não linear. Através da multimídia tem-se uma nova estruturação de como apresentar, demonstrar e estruturar a informação apreendida. O computador mediante texto, imagem e som interrompe a relação autor / leitor que é claramente definida num livro, passa para um nível mais elevado, reconfigurando a maneira de como é tratada esta relação. A interatividade proporcionada pelos aplicativos multimídia pode auxiliar tanto na tarefa de ensinar quanto na de aprender. (SOUSA, MOITA, CARVALHO, 2011, p. 27).

Novas formas de aprender e ensinar por meio do uso de outras tecnologias é o que se requer dos professores nas práticas pedagógicas da atualidade. Elaboração de estratégias e formas prazerosas de ensinar e aprender, de envolver o aluno no processo educativo como protagonista de sua aprendizagem se sentido à vontade com o uso de tecnologias tão naturais no seu contexto de vivência em sociedade.

2.3 – Análise da obra

A autora Nelly Novaes Coelho, em sua obra *Literatura Infantil* (2000), classifica obras como, *Tô pedindo trabalho*, de Terezinha Alvarenga na linha do *realismo crítico* (participante ou conscientizante). São textos que tomam por base a realidade social e cuja matéria é determinada por uma perspectiva social, econômica e política.

De forma a orientar a compreensão dos elementos e análise da narrativa, tomamos por referência as orientações do livro *Como analisar narrativas*, de Cândida Vilares Gancho. De forma bastante didática e objetiva, a autora esclarece como fazer a análise dos elementos constituintes da narrativa como enredo, personagens, espaço, ambiente, temas, assunto e mensagem.

Fizemos uma análise da estrutura e materialidade da obra, bem como os principais temas que podem ser extraídos do texto para desenvolvimento do projeto de intervenção. Realizamos dois tipos de leitura. A primeira é denominada *leitura horizontal* na qual se abordam aspectos de interpretação e, num segundo momento a *leitura vertical* em que buscamos o significado que se esconde na matéria literária.

O texto é uma narrativa ficcional que apresenta a história de vida de um menino que luta contra as adversidades de uma vida de pobreza e privações. A exposição da narrativa se inicia com a fala do personagem que revela para o leitor os seguintes objetivos de vida:

Eu tinha que cuidar da mamãe.
Zelar da Divina.
E expulsar Bené do barraco.

(ALVARENGA, 1996. p, 5)

Assumindo o papel de provedor, ainda em tenra idade, sai em busca de emprego para sustentar a si e sua família, numa busca desesperada pela sobrevivência. Procura emprego na mercearia do Seu Sebastião que, relutante, dá-lhe uma oportunidade de trabalho:

Entre no armazém do Seu Sebastião, olhei na cara dele. O velho tremeu, gaguejou:

— Você de novo? Tááá...

— Tô pedindo trabalho. Não precisa ficar aí tremendo feito vara verde, não. Tô pedindo trabalho. Posso ajudar.

(...)

— É trabalhar mesmo que você quer? E aquele bando que anda de rabicho junto? E aquele dinheiro?

— Ganhei no serviço, carregando caixa de laranja.

— Tá bem, vem.

Pulei pra dentro do balcão.

(ALVARENGA, 1996, p, 23)

Tudo parece melhorar, até que em um dia, um de seus amigos o avisam de que sua mãe havia sido espancada pelo amante, Bené. Tudo para defender a filha de um ato de violência sexual.

O Tonho saiu daqui indagorinha. Veio com novidade pra mim. Falou até provocando:

— Tuca, você vivia arrotando que ia tirá sua mãe do Bené? Tá na hora. Foi um pega pra capá lá no barraco. Ela tá toda esfolada. Se num fosse a Zinha-Home enfrenta ele com uma foice, sua mãe já tava pras cucuias. Ainda quis fazé mal pra Divina, sua mãe reagiu, ele chutô pra tudo quanto é carne e osso também.

(ALVARENGA, 1996, p, 34).

Chega-se, assim, ao momento do clímax, em que os acontecimentos conduzem ao desfecho da história. Juntamente com seus amigos, o garoto executa um plano de vingança contra o padrasto, dando-lhe uma surra tão intensa que quase o leva à morte. Após o ocorrido, retorna ao barraco em busca da mãe e da irmã e num instante de *flashback*, relembra as experiências felizes ao lado da família.

As personagens são consideradas seres de papel que participam dos eventos da narrativa e sobre as quais recai a atenção do leitor. A personagem protagonista é um garoto de aproximadamente onze anos, cujo nome é Tuca. Várias outras personagens também fazem parte dessa trama textual dinamizando o relato dos eventos. Os antagonistas na obra

não são somente pessoas, mas também situações vivenciadas pelo menino. O primeiro seria Bené, padrasto de menino, homem mau e violento que vive o tempo todo bebendo e fumando. Não trabalha e agride fisicamente a mãe do protagonista, vivendo às suas expensas. As situações de pobreza, miséria, fome e exclusão social, no contexto da obra também são personagens antagônicas porque é delas que o garoto procura fugir.

Há ainda outras personagens que se agregam ao núcleo principal contribuindo para o desenrolar dos fatos. Aqui, participam o Seu Sebastião, dono da mercearia; a mãe do garoto, dona Rosa; sua irmã, Divina; Bené, o padrasto e seus amigos Tonho, Quico e Caniço.

O tempo da narrativa é predominantemente cronológico, transcorrendo os eventos de forma linear. Segue como exemplo o trecho inicial do texto:

Faz dois dias que tô rondando o armazém do Seu Sebastião.

(ALVARENGA, 1996. p, 7).

O espaço, local geográfico na qual se desenvolvem os eventos da história transita entre a favela do Beco do Urubu e espaços urbanizados da cidade:

Vesti um molambo de camisa, olhei o barraco, escutei os roncões do Bené, vi a mãozinha da Divina dando adeus, peguei a traseira do ônibus pra cidade.

(ALVARENGA, 1996. p, 22)

E se mãe morrer? Se ficar aleijada? Ela é a mulata mais bonita da Favela Beco do Urubu...

(ALVARENGA, 1996. p, 39)

Precisamos considerar que, além do espaço físico, há também um espaço imaterial denominado *ambiente*, espaço abstrato que delinea o lugar de inserção das personagens. Também pode servir de lugar de confluência entre espaço e tempo. É um conjunto de aspectos que restringem as características das personagens como socioeconômicas, morais,

religiosas, psicológicas. Como o espaço da narrativa se dá em uma favela, as condições socioeconômicas do núcleo familiar do protagonista, privações materiais e sociais, a miséria e falta de habitabilidade serão motivadores do comportamento e das ações das personagens.

Quanto ao narrador, entidade ficcional existente dentro do texto tem como função contar ou relatar ao leitor os acontecimentos em questão. Na obra, os acontecimentos são relatados pelo próprio personagem protagonista, num tom confessional:

Faz dois dias que tô rondando o armazém do Seu Sebastião.
Tô com fome.

(ALVARENGA, 1996. p, 7)

2.4 - Temas e assuntos para abordagem

Ao se trabalhar o texto literário é necessário que a realização da leitura transcenda um ato simplesmente mecânico de decifração de códigos e sinais chegando ao ponto de uma leitura crítica sobre o conteúdo e os significados embutidos no texto, alcançados por pistas textuais e elementos extralinguísticos que o pedagogo Paulo Freire (2002) determinou como *leitura de mundo*. As experiências de vida e valores são subjetivos serão recursos importantes na significação do texto. Essa atividade de formação crítica deve ser conduzida pelo professor, guia na formação de um leitor crítico. Esse leitor deve ter condições de empreender uma leitura na qual identificará inferências textuais, estabelecimento de relações entre texto e realidade, emitir opiniões, juízos de valor e posicionar-se diante das ideias apresentadas no texto.

Como nosso objetivo não é apenas realizar uma leitura mecânica, mas alcançar um nível de leitura crítica e posicionamento frente aos temas apresentados no texto, necessária se faz a abordagem de dois elementos fundamentais na realização das atividades de interpretação e análise da obra: o *tema* e *assunto*. Enquanto o tema é a ideia na qual todo o enredo se desenvolve, o assunto é o desdobramento do tema em vários tópicos.

Quanto ao tema, podemos verificar que existe uma discussão sobre a conquista de um trabalho formal que pode proporcionar dignidade, sobrevivência, respeito e qualidade de vida. A luta incansável do personagem principal em busca de trabalho para sustentar a

família leva a crer que, em sua perspectiva, ele só será um cidadão de direitos de fato quando obtiver trabalho e puder viver de modo digno. Referente aos assuntos, que se desdobram por meio do tema, podemos promover discussões em torno dos seguintes tópicos:

01) Pedofilia: crime de tentativa ou abuso sexual praticado contra menores. Na história o padrasto das crianças tenta violar a menina Divina, irmão do protagonista.

02) Trabalho informal: forma de trabalho muito recorrente no Brasil, sem carteira assinada e que rende divisas para sobrevivência sem garantias de amparo mediante possíveis vicissitudes e infortúnios. Nosso personagem, apesar de ser menor de idade, precisa trabalhar carregando caixotes de frutas e no balcão de uma mercearia para ajudar nas despesas do lar e a mãe trabalha como lavadeira.

03) Alcoolismo e uso de drogas: problema social grave que tem promovido sérias consequências como aumento da criminalidade e violência e relações familiares e sociais conturbadas, num jogo em que o viciado comete crimes para sustentar o vício e os fornecedores utilizam estratégias múltiplas para ganhar dinheiro. A figura do padrasto, bêbado e fumante é exemplo de como o uso dessas drogas resultam em atitudes violentas.

04) Trabalho infantil: violação ao ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente que, dentre outros objetivos, visa a assegurar, efetivar e proteger o pleno e irrestrito direito de desenvolvimento das crianças e dos adolescentes. Suas causas provêm de diversos fatores como falta e ineficácia de políticas públicas, fatores culturais e econômicos e pobreza. A personagem central é um garoto de onze anos que não estuda, sofre agressões físicas e verbais, reside em um contexto social de privações e miséria e, para sobre sobreviver, precisa trabalhar para sustentar a si mesmo e a família. Mediante essa descrição, perguntamos: quais os direitos lhe estão sendo violados? De crescer e desenvolver-se com dignidade, de estudar, de ter lazer, de ter segurança e de ter felicidade.

05) Discriminação e preconceito: eventos desse porte são constantes em nossa sociedade e demonstram a violação dos direitos de todos os cidadãos e a desigualdade no tratamento dos indivíduos. A discriminação na obra se manifesta na forma como a

personagem principal é tratada no contato inicial com Seu Sebastião que o julgou como um delinquente por causa de sua aparência e dos vendedores de frutas que expõem comentários ofensivos sobre moradores de favelas partindo de ideias fossilizadas no imaginário popular.

06) Formação familiar e chefia feminina: na atualidade, muitos fatores tem provocado alterações substanciais na estrutura da sociedade. Dentre elas, reconfiguração do núcleo familiar que outrora constituída por pai, mães e filhos, agora possui diversos formatos. Muitas mulheres se separam e isso faz com que elas tenham que assumir a responsabilidade de chefiar seus lares. O núcleo familiar de Tuca, personagem protagonista, é um exemplo que ilustra esse fenômeno. Sua família constitui-se de mãe, filhos e padrasto. Como o padrasto não trabalha, a mulher é quem sustenta e provê o lar.

07) Pobreza, fome, miséria e criminalidade: a pobreza é um fenômeno que revela a dimensão das relações desiguais de oportunidades e poder da sociedade. Quando se priva um indivíduo dos recursos materiais, essa privação produz um efeito em cadeia que atinge o plano espiritual, social, moral e política dos cidadãos que enfrentam inúmeras situações para garantir a sobrevivência. A falta de emprego, de dinheiro e de oportunidades de inserção social acentuam cada vez mais a desigualdade social de tendo como consequência um aumento da violência e criminalidade. A obra nos mostra situações em que os adolescentes, para não morrerem de inanição, roubam, praticam crimes para manter acesa a chama da vida.

Buscando na realidade social a matéria prima de sua escrita, a autora com bastante maestria e sensibilidade procura criar imagens dramáticas que surpreendem, emocionam e indignam o leitor. Diferentemente de outras obras de denúncia das desigualdades sociais não se fixa apenas em descrever diferenças entre classes e problemas enfrentados rotineiramente pela sociedade, mas também emoções individuais, principalmente da personagem, um adolescente em processo de formação tentando compreender as injustiças e contradições do mundo, sofrendo suas consequências na própria pele. Por questões de identificação de idade, de experiências da personagem e a realidade dos nossos alunos,

escolhemos a obra de Terezinha Alvarenga para execução do projeto de intervenção pedagógica.

Vamos, no capítulo três, descrever detalhadamente o plano de ação e os recursos midiáticos utilizados como aporte para execução das atividades.

CAPÍTULO 3 - PESQUISA-AÇÃO: CARACTERIZAÇÃO, DESCRIÇÃO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta seção serão apresentados: a descrição do Projeto de Intervenção pedagógica, as atividades desenvolvidas no decorrer das aulas, a análise das produções textuais e as considerações a que chegamos a partir da análise dos textos.

Ao final, foram anexados os textos utilizados na discussão das temáticas levantadas a partir da leitura da obra literária e que contribuíram e estimularam os debates promovidos.

3.1 – O projeto de intervenção pedagógica e sua importância para análise e investigação do problema da pesquisa

Para efetivar os objetivos delineados na investigação do problema da pesquisa e recolher os dados para análise do problema, tornou-se essencial a elaboração e execução de um projeto de intervenção pedagógica que contivesse as ações, objetivos específicos de cada atividade, em consonância com o objetivo geral da intervenção, metodologia, recursos utilizados e atividades a serem desenvolvidas. Esse plano de ação é uma proposta do programa de Mestrado Profissional – Profletras, considerando a complexidade do trabalho docente e a necessidade de encontrar soluções e estratégias de trabalho que resolvam ou minimizem problemas que interferem no processo de ensino – aprendizagem enfrentados diariamente no trabalho em sala de aula, contribuindo, assim para a elevação dos níveis de proficiência de leitura, escrita e interpretação de textos dos alunos do ensino fundamental, visando a melhoria da qualidade do ensino no país.

A investigação se realizou por intermédio de uma pesquisa-ação na qual o pesquisador necessariamente está inserido no ambiente da pesquisa, em contato e interação com o público-alvo, observando, recolhendo dados e informações imprescindíveis na compreensão e análise do fenômeno em foco. Nossa intenção foi, a partir da leitura literária, suscitar, nos alunos, reflexões sobre o contexto social da atualidade, estabelecer paralelos entre a realidade social brasileira e os eventos da narrativa literária, principalmente de problemas sociais sofridos pelas personagens do texto e que também são vividos por grande parte da população brasileira. Além disso, foi-lhes dado espaço para

articulação de suas ideias sobre essas realidades, tanto real, quanto ficcional. A partir desses movimentos de leitura, discussão e escrita, pretendemos compreender como e se, essa realidade social influencia/interfere na formação da visão crítica e cidadã dos mesmos, analisando os resultados obtidos por meio da escrita de artigos de opinião. Tivemos como motivo literário a obra *Tô pedindo trabalho*, de Terezinha Alvarenga, associado à leitura e discussão de diversos outros gêneros textuais que abordam as mesmas temáticas e que circulam em vários tipos de mídias (filmes, vídeos, jornais), num entrecruzamento dos discursos social e literário.

As atividades do Projeto de Intervenção foram aplicadas em turma de 9º ano, do turno matutino da Escola Estadual Delfino Magalhães, localizada na cidade de Montes Claros, Estado de Minas Gerais. As informações que se seguem foram recolhidas por meio de questionário de questões objetivas e ajudam a delinear o perfil dos sujeitos da pesquisa.

A classe é composta por 36 alunos (17 do sexo feminino e 19 do sexo masculino). Residem no bairro Delfino Magalhães e adjacências (30 alunos) e também da zona rural próxima à cidade (06 alunos). Idade entre 13 e 14 anos. Dezenove alunos (19) informaram residir com seus pais e irmãos e dezessete (17) residem com outros parentes (tios, avós, padrastos e madrastas).

Dos trinta e seis alunos, oito (08) realizam atividades extraescolares (participam de grupos esportivos e fazem cursos profissionalizantes). O restante, vinte e oito alunos (28) não realizam nenhum tipo de atividade extraclasse.

Quanto ao hábito de leitura de textos literários, sete alunos (07) informaram serem leitores assíduos, vinte e três (23) leem esporadicamente ou somente quando solicitado pelo professor e seis (06) relataram não ler. As informações fornecidas são subsídios fundamentais para compreendermos os dados obtidos por meio da aplicação das atividades do projeto de intervenção e análise das questões que nos propusemos investigar. Principalmente ao que se refere à formação de visão crítica desses.

Consideramos que na fase final do ensino fundamental entre, aproximadamente, os 12 e 13 anos o aluno já seja um leitor crítico que domina a técnica da leitura e escrita, tendo uma capacidade de reflexão e elaboração de um pensamento crítico e reflexivo estando pronto a se transformar a partir da abertura para o mundo. Apto para um trabalho mental de crítica e reflexão, o trabalho de leitura deve extrapolar o simples ato de ler para fruição e adentrar em um universo de comunicação e linguagem representativas no qual a palavra diz muito mais do que se pode considerar. Considerações no documento de

apresentação dos PCN's revelam o quanto é dual esse processo de apreender o mundo porque:

As novas possibilidades de compreender o mundo que são descortinadas provocam deslumbramentos, mas também assustam. As fronteiras de seu horizonte se expandem, o que faz com que o mundo pareça cada vez mais complexo. O adolescente torna-se capaz de refletir sobre a dimensão social e de se ver como um indivíduo que dela participa recebendo e exercendo influências. O exercício dessas novas formas de pensar, que possibilitam a abertura para novas ideias, é uma conquista fundamental para toda a vida. (PCN's, 1998, p.113).

Seguindo essa tendência elaboramos o nosso plano de intervenção procurando incentivar os alunos a gostar de ler literatura e de forma crítica, de também externar sentimentos, pensamentos e críticas conduzidos pela beleza do texto literário abrindo o espaço para o diálogo, para o conflito adentrando no mundo da ficção para observar a realidade, utilizando recursos midiáticos de maneira a dinamizar o processo de leitura a partir dos sons, cores, movimentos que esses recursos possibilitam.

Ressaltamos aqui que o objetivo da pesquisa é suscitar, nos alunos, reflexões sobre o contexto social da atualidade, estabelecendo paralelos entre a realidade social brasileira e os eventos da narrativa literária, principalmente de problemas sociais sofridos pelas personagens do texto e que também são vividos por grande parte da população brasileira. Pretendemos também analisar o modo como os mesmos articulam suas ideias sobre essas realidades, tanto real, quanto ficcional na produção dos artigos de opinião. É de fundamental importância dos dados levantados no realizar da pesquisa demonstrem para essa comunidade escolar a importância de se desenvolver projetos educacionais substanciais que contribuam para formação de indivíduos politicamente conscientes e participativos em suas comunidades.

As atividades foram realizadas uma vez por semana e consistiram na leitura do texto literário, de textos de jornais e revistas, promoção de atividades de discussão sobre os temas pontuados na obra. Logo abaixo segue um quadro descritivo contendo as ações realizadas, os objetivos específicos das ações, a metodologia na execução das ações, os recursos e materiais utilizados no processo de trabalho e o detalhamento de cada atividade.

Para realizar a nossa pesquisa, houve a necessidade da elaboração do projeto de intervenção que descrevesse a necessidade da ação informando sobre a realidade social do

contexto visando à transformação, resolução ou minimização do problema, detectado a partir de dados empíricos, explicitando a relevância da aplicação do projeto. Este deve também esclarecer sobre o ponto a que se deseja chegar que esteja em consonância com o objetivo central da pesquisa. Os seguintes itens foram detalhados no plano de intervenção que passamos a explicitar cada elemento nele composto. Vejamos, pois.

QUADRO 01: ELEMENTOS DO PLANO DE INTERVENÇÃO

AÇÕES	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	METODOLOGIA	RECURSOS	DETALHAMENTO
Descrição das atividades que foram realizadas.	A partir do que será feito, estabelecemos o que se pretendeu alcançar ao final de cada atividade.	Explicitação dos métodos e estratégias que foram utilizadas na execução de cada atividade.	Materiais e pessoas envolvidas no desenvolvimento das ações propostas.	Elemento que explicita os recursos e metodologia permitindo que a proposta seja entendida e executada por terceiros.

Fundamentamo-nos nas orientações de Rildo Cosson em *Letramento Literário* (2007) e de Isabel Solé em *Estratégias de leitura* (1998) para desenvolver nosso plano, seguindo quatro passos:

01) MOTIVAÇÃO: momento em que há toda uma mobilização pré-leitura como forma de sensibilização e preparação para apreender o texto principal. Na nossa aplicação foi o momento de apresentação do projeto e pontuação de sua importância.

02) INTRODUÇÃO: é o momento em que são apresentados aos alunos o autor e a obra e também são feitas algumas considerações fundamentais na compreensão da mesma. Também foi nessa etapa que exibimos imagens, músicas e o filme *O contador de histórias*.

03) LEITURA: é aqui que o leitor tem, de fato, o contato com o texto. Para que a leitura seja um evento prazeroso e prenda a atenção do leitor, o professor pode utilizar-se de várias táticas observando o nível de complexidade e característica da obra, a

competência de leitura e interpretação, o desempenho linguístico dos alunos e outros fatores.

04) INTERPRETAÇÃO: é um processo de entrecruzamento de enunciados em que se decifram inferências e se constrói os sentidos do texto, num diálogo entre leitor, autor e obra. Observam-se dois movimentos concomitantes: um interno em que se realiza a decifração linguística dos elementos textuais e outra externa, um ato de construção dos sentidos do texto.

QUADRO 02: PLANO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

AÇÕES	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	METODOLOGIA	RECURSOS	DETALHAMENTO
01) Apresentação do projeto de leitura do livro e dos seminários a serem desenvolvidos.	Apresentar o projeto explicando as atividades a serem desenvolvidas.	Exposição dialogada respondendo perguntas e sanando dúvidas.	Notebook e projetor.	Utilizamos o material apresentado em power point, apresentando o conteúdo e abrindo espaço para a fala dos alunos.
2) Exibição de galeria de imagens.	Explorar temas presentes nas imagens e avaliar a dimensão e capacidade de análise e interpretação de textos de linguagem não verbal.	Mostra de imagens de pobreza, fome, miséria e criminalidade. Jogo de perguntas e respostas.	Notebook e projetor.	Apresentamos as imagens aos alunos e os estimulamos ao exercício da exposição oral de suas considerações.
03) Exibição do filme “O contador de histórias.”	Sensibilizar e preparar os alunos para leitura e apreciação da obra literária,	Exibição do filme na sala de vídeo da escola.	Dvd, aparelho de dvd e televisor.	Os alunos tiveram espaço para assistirem ao filme na sala de vídeo da escola
04) Leitura do livro <i>Tô pedindo trabalho</i> , de Terezinha Alvarenga	Ler a obra literária para conhecimento do enredo e dos elementos da narrativa	Leitura em forma de pausa protocolada;	Livro literário.	A leitura da obra foi realizada pela própria professora que estabelecia um diálogo entre os alunos e o texto.
05) Realização de debates.	Discutir os temas apontados no livro	Utilização de xerox e power point com textos que ilustram os temas trabalhados.	Cópias de textos diversos, computador e aparelho de projeção.	Nesse estágio do trabalho serão debatidos os temas levantados durante a realização da leitura do livro.
06) Produção de	Demonstrar, por	Produção escrita de	Papel A4,	O aluno, com base

textos	meio da escrita, como o aluno se posiciona em relação aos assuntos abordados.	artigo de opinião	caneta, lápis e borracha.	nas discussões realizadas e no seu próprio ponto de vista escreverá o artigo de opinião.
--------	---	-------------------	---------------------------	--

O quadro acima apresenta, resumidamente, as ações do projeto que foram executadas. Faremos, agora, uma descrição detalhada das atividades realizadas.

3.2 – Descrição das atividades do projeto

Para melhor compreensão da aplicação das atividades propostas no plano de intervenção pedagógica, elaborado para realização dessa pesquisa, detalhamos abaixo as ações desenvolvidas em cada etapa.

ATIVIDADE 01: Apresentação do projeto de leitura literária aos alunos

Horas/aula: (50 minutos)

Consistiu na apresentação das etapas do projeto, bem como da importância da leitura literária, dos objetivos do projeto, das atividades a serem realizadas em forma de exposição dialogada, dando espaço para que os alunos fizessem suas considerações e esclarecimento de dúvidas. Utilizamos o notebook, com apresentação em power point para facilitar a exposição do projeto.

ATIVIDADE 02: Exibição de galeria de imagens

Horas/aula: 50 minutos

O objetivo da atividade consistiu na preparação e motivação dos alunos para a realização da leitura literária por meio da apresentação de imagens e fotos das mais diversas cenas da vida real, como guerras, miséria, fome, pobreza e outras fatalidades que cerceiam a vida humana. Estimulamos, nessa fase, a exposição oral das observações sobre

os fatos apresentados em cada cena. As imagens provocaram diversos comentários sobre fatos vivenciados na própria comunidade em que vivem. Situações como crianças que procuravam comida no lixo, amigos que morreram pelo envolvimento com drogas, crianças maltratadas pela família ou até mesmo que vivem abandonadas e sob o cuidado de terceiros. Exibimos também o videoclipe da música “Miséria”, do grupo Inquérito.

ATIVIDADE 03: Exibição do filme *O contador de histórias*

Horas/aula: 2 horas

A exibição do filme foi mais uma atividade de sensibilização e preparação para a leitura. Pedimos aos alunos que fizessem anotações sobre os pontos mais importantes do filme, exposição oral do resumo do filme e pedimos para que comentassem os sentimentos que os dramas vividos pelo personagem principal despertaram em cada um. Alguns disseram que sentiram pena dos sofrimentos, outros tiveram raiva da mãe por ter levado o protagonista para a Febem, outros admiraram a posição da pedagoga Marguerite Duvas, ao ajudar e salvar o menino das ruas e da vida marginal.

Sinopse do filme *O contador de histórias*

Relata a história de vida do garoto Roberto, nascido na cidade de Belo Horizonte, nos anos de 1970. Querendo um futuro melhor para o filho caçula, sua mãe o leva para a FEBEM, acreditando que isso seria o melhor para o menino.

Mas, ao adentrar os portões da instituição, o pequeno se torna vítima de violência e maus tratos. Considerado irre recuperável, é por meio da convivência com a pedagoga Marguerite Duvas que ele tem a chance de mudar os rumos de sua própria vida.

ATIVIDADE 04 - Leitura do livro *Tô pedindo trabalho*, de Terezinha Alvarenga

Horas/aula: 04 horas/aula

Na quarta etapa do trabalho realizamos a leitura da obra, ponto referência para a investigação proposta no projeto de pesquisa. Realizamos a leitura da obra em forma de pausa protocolada para que, aos poucos os alunos degustassem a leitura, para deixar os

alunos fazerem previsões sobre qual novo fato aconteceria em determinado ponto da narrativa. Essa estratégia de leitura foi possível, uma vez que a extensão da obra permite esse tipo de forma de leitura. A reação dos alunos à leitura da obra foi bastante positiva, tendo em vista as várias manifestações de apreço e simpatia que os alunos manifestavam no decorrer da leitura dos fatos da narrativa.

Após a leitura da obra, aplicamos algumas atividades de compreensão do texto, como elaboração de sinopse, revisão de conteúdo sobre o gênero narrativo ficcional e os elementos da narrativa e algumas atividades de compreensão do texto. O objetivo aqui foi verificar o nível de compreensão em relação à da essência da obra, o que facilitou as abordagens temáticas, propostas no nosso plano de intervenção. Realizada a leitura, passamos para o próximo passo.

ATIVIDADE 05 – Realização de debates

Nesse estágio do trabalho os principais assuntos levantados durante a realização da leitura do livro foram discutidos em forma de debates. Para cada assunto realizou-se um tema. Logo abaixo, descrevemos as mídias e textos utilizados para condução dos debates.

A) Primeiro assunto: Pobreza, fome, miséria e criminalidade

Horas/aula: 2 horas/aula

Discutindo os problemas da pobreza, da fome, da miséria e da violência e criminalidade que encontramos na narrativa e é também presentes em nosso cotidiano, levamos para a sala de aula um videoclipe do grupo musical Inquérito. A letra da música e as imagens do clip comprovam a realidade problemática em que todos os lugares do mundo e principalmente o Brasil enfrentam. Traz uma crítica acentuadamente política, a divisão de classes sociais (ricos x pobres), disputa de poder, violência do sistema capitalista. Abaixo apresentamos a letra da música.

MISÉRIA¹

Inquérito

(Imagens impressionantes,
Abuso de autoridade,
O pior terremoto dos últimos 200 anos,
Durante a semana vários pedófilos foram presos,
Deus vai julgar a nossa terra,
Quem vai acabar é a raça humana.)
Pra quem pensava que o país da pizza era a Itália
Pra quem achava que a fome matava só na Somália
Abraça, que nada bem vindo ao Brasil
Vou te mostrar o outro lado que talvez você nunca viu
Cada rebelião aqui tiozão é uma Chernobyl
E a eleição deveria ser todo primeiro de Abril
Da Casa Branca ao inferno só muda a cor do terno
De Porto Alegre ao Acre a pobreza só muda o sotaque
Miséria não tem fuso horário nem idioma
É a mesma no mundo todo desde o Império de Roma

(Han)

E o som de estômago vazio roncando
Não muda do Árabe para o Castelhana
A fome é a única língua universal sem tradução
Fala com a expressão facial
Talvez só vão dar atenção para tudo isso aqui
Quando a quebrada tremer e cair que nem o Haiti

(2x)

(Miséria)

Olha como o mundo está
Onde o ser humano vai parar

(Miséria)

É melhor se preparar
Essa bomba ainda vai estourar

Alemão matou Judeu, Judeu mata Palestino
Sangue no Iraque vira petróleo nos Estados Unidos
Coca da Colômbia dentro de um Nigeriano
Num avião Francês rumo ao nariz de um Britânico

Negócio da China do mafioso Italiano
Conta na Suíça, charuto Cubano
Empresário Espanhol capota Jipe Japonês
Depois de beber um litro de uísque Escocês

¹ FONTE: Link: <http://www.vagalume.com.br/inquerito/miseria.html#ixzz3ZARgkPWz>. Acesso: 05/06/2014.

Turista Holandês morre no Brasil numa roleta Russa
Escolhe a moeda eu digo quanto custa
Tua vida, em Dólar, em Euro, Real
Até a morte aqui tem variação cambial
Na CPI ninguém vai em cana
Corrupção é novela Mexicana
E o Brasileiro na urna toda vez
Parece até piada de Português

(2x)
(Miséria)
Olha como o mundo está
Onde o ser humano vai parar
(Miséria)
É melhor se preparar
Essa bomba ainda vai estourar

E o povo bebe no copo Americano
Come churrasco Grego, no pão Francês
Vai tramar na condução apertado pique corredor Polônês
Cansei, de ver as tias na porta dos hospitais
Das cadeias, de pé em fila Indiana
Vendendo produtos do Paraguai, de Taiwan
Correndo pra não ir em cana
Se perguntando quem é mais animal na hora da ação
A PM ou o Pastor... Alemão.

(2x)
(Miséria)
Olha como o mundo está
Onde o ser humano vai parar
(Miséria)
É melhor se preparar
Essa bomba ainda vai estourar

Após a exposição do vídeo, abrimos espaço para que os alunos tecessem comentários acerca do conteúdo da música e das imagens apresentadas, associando seu conteúdo ao enredo da obra estabelecendo paralelos entre os dois textos.

Para debater a questão da fome e da miséria no Brasil, trabalhamos com a reportagem de capa da Revista Veja, edição 1735, de 23 de janeiro de 2002 (texto em anexo). A reportagem aborda a miséria como questão estrutural e um grande desafio a ser enfrentado no país, as condições de miserabilidade em que vivem milhões de brasileiros, a falta de emprego e de condições mínimas de sobrevivência humana.

Outro texto que serviu de material para as atividades é uma reportagem que em português tem o título *Quando a comida sai do lixo – A culinária do lixo*, de Ulisses Campbell, publicada no Correio Braziliense, de 24 de fevereiro de 2002 e extraído de livro didático de Língua Portuguesa (texto em anexo). O conteúdo da reportagem relata a história de uma moradora de Brasília – DF, natural de Pernambuco, que decidiu morar na capital do país, em busca de melhores condições de vida. Não conseguindo emprego, a única opção para sobreviver e alimentar os filhos foi recolher comida nos lixões de Brasília. Há aqui uma semelhança com o personagem de nossa história, haja vista que em determinado ponto da narrativa, o personagem conta que recolheu laranjas estragadas do caixote para levar para casa, a parca alimentação que a mãe preparava por falta de gêneros alimentícios e o pedido feito ao dono da mercearia para recolher sobras de verduras do estabelecimento para levar para casa.

B) Segundo assunto: pedofilia

Horas/aula: 50 minutos

Assunto bastante sério e delicado, há na obra literária uma sugestão bastante sutil de que a irmã da personagem, menor de idade, teria sido vítima de abuso e violência sexual praticado pelo padrasto. Para fazer esta abordagem utilizamos um material do Ministério Público Federal, elaborado propriamente para crianças e adolescentes esclarecendo o que é pedofilia, como identificar um pedófilo e como se proteger de tais ações. Também apresentamos alguns artigos do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA relativos à proteção de menores contra esse tipo de violência.

C) Terceiro tema: trabalho infantil

Horas/aula: 50 minutos

É uma realidade ainda presente em nossa sociedade, consequência de um bruto sistema capitalista em que, para sobreviver, as pessoas precisam trabalhar cada vez mais e cedo. Famílias extremamente pobres têm como forma de sobrevivência inserir seus filhos, ainda com pouca idade, num mercado informal de trabalho para garantir pelo menos a alimentação da família. As necessidades básicas são tão intensas que muitas crianças

adentram para o mundo da criminalidade. Para promover o debate sobre esse tema, desenvolvemos uma atividade com a música *Meu guri*, de Chico Buarque de Holanda, analisando as inferências encontradas na canção estabelecendo o diálogo com a obra de Terezinha Alvarenga. Relacionamos como a infância dos dois garotos é vivida (semelhanças e diferenças), o local de residência, o relacionamento com a mãe, ausência da figura paterna e a busca de trabalho de ambos. Os alunos puderam identificar que, apesar da realidade textual das personagens serem idênticas, cada uma escolheu opções de vida diferentes. Enquanto um procurou o trabalho decente como forma para sobreviver, o outro se inseriu no mundo do crime. Abaixo apresentamos a letra da música utilizada na atividade.

OMEUGURI²
Chico Buarque

Quando, seu moço, nasceu meu rebento
Não era o momento dele rebentar
Já foi nascendo com cara de fome
E eu não tinha nem nome pra lhe dar

Como fui levando não sei lhe explicar
Fui assim levando ele a me levar
E na sua meninice, ele um dia me disse
Que chegava lá

Olha aí! Olha aí!
Olha aí!
Ai, o meu guri, olha aí!
Olha aí!
É o meu guri e ele chega

Chega suado e veloz do batente
Traz sempre um presente pra me encabular
Tanta corrente de ouro, seu moço
Que haja pescoço pra enfiar

Me trouxe uma bolsa já com tudo dentro
Chave, caderneta, terço e patuá

² Fonte: <http://letras.mus.br/chico-buarque/66513>. Acesso em: 10/06/2014.

Um lenço e uma penca de documentos
Pra finalmente eu me identificar
Olha aí!

Olha aí!
Ai, o meu guri, olha aí!
Olha aí!
É o meu guri e ele chega!

Chega no morro com carregamento
Pulseira, cimento, relógio, pneu, gravador
Rezo até ele chegar cá no alto
Essa onda de assaltos está um horror

Eu consolo ele, ele me consola
Boto ele no colo pra ele me ninar
De repente acordo, olho pro lado
E o danado já foi trabalhar
Olha aí!

Olha aí!
Ai o meu guri, olha aí!
Olha aí!
É o meu guri e ele chega!

Chega estampado, manchete, retrato
Com venda nos olhos, legenda e as iniciais
Eu não entendo essa gente, seu moço
Fazendo alvoroço demais

O guri no mato, acho que tá rindo
Acho que tá lindo de papo pro ar
Desde o começo eu não disse, seu moço!
Ele disse que chegava lá

Olha aí! Olha aí!
Olha aí!
Ai, o meu guri, olha aí
Olha aí!
É o meu guri!

Olha aí!
Ai, o meu guri, olha aí
Olha aí!
É o meu guri!

D) Quarto assunto: chefia feminina e trabalho informal

Horas/aula: 50 minutos

Em um mesmo debate discutimos duas situações presentes no texto: a condição das mulheres como chefes de família e trabalho informal. Fizemos, primeiramente, a leitura de poema *O meu nome é Mulher*, de Fátima Pérola Negra que segue abaixo.

O MEU NOME É MULHER³
Fátima Pérola Negra

No princípio eu era a Eva
Nascida para a felicidade de Adão.
E meu paraíso tornou-se trevas.
Porque ousei libertação.

Mais tarde fui Maria.
Meu pecado redimiria.
Dando à luz aquele que traria a salvação.
Ma isso não bastaria.

Para eu encontrar perdão.
Passei a ser Amélia.
A mulher de verdade.
Para a sociedade.
Não tinha a menor vaidade.
Mas sonhava com a igualdade.
Muito tempo depois decidi:
Não dá mais!

Quero minha dignidade.
Tenho meus ideais!
Hoje não sou só esposa ou filha.
Sou pai, mãe, arrimo de família.

Sou caminhoneira, taxista, piloto de avião.
Policial feminina, operária em construção.
Ao mundo peço licença.
Para atuar onde quiser.
Meu sobrenome é competência.
O meu nome é Mulher!!!

Depois da audição do texto, fizemos algumas discussões sobre o papel da mulher na sociedade moderna, considerando a figura da personagem da mãe de Tuca, o protagonista da obra. Sozinha, precisa sustentar a família com o trabalho de lavadeira. Nesse ponto das

³ Fonte: http://www.plinn.com.br/datas/8_marco/sobrenome/mulher.html. Acesso em: 10/06/2014.

discussões entrelaçamos vários pontos que já haviam sido discutidos e outros que foram levantados por meio da leitura. Vários alunos deram depoimentos de suas próprias experiências, sendo que alguns são filhos de pais separados e outros são filhos de mães independentes, que lutam diariamente para sustento da família.

05) Quinto assunto: discriminação e preconceito

Horas/aula: 2 horas

Para debater os conceitos e fatos de discriminação e preconceito sofridos pelo personagem da narrativa e de modo geral aqueles que são alvo de preconceito e discriminação, levamos para a sala de aula o vídeoclip da música *Os Meninos do Brasil*, de Chitãozinho e Xororó para iniciarmos as discussões sobre a manifestação do preconceito em nossa sociedade. Achamos apropriado a exibição do clip da música justamente porque o eu-lírico observa crianças em situação de risco e o tempo inteiro indaga seu interlocutor para observar a realidade das crianças naquele determinado momento. Observe a letra da música.

OS MENINOS DO BRASIL⁴ **Chitãozinho & Xororó**

Tá vendo aquele menino, que pede um trocado
O outro que limpa o vidro, do seu lindo carro
Aquele que chora de fome e mora na rua
O filho da mulher que vive
No mundo da lua
Tá vendo aquele menino, que não tem carinho,
Achou um amigo bandido, pra não ser sozinho
Tá vendo aquele que chora, com medo da solidão
Dormindo nos cantos da vida, nos braços do chão

Filhos do mundo são eles, em busca de paz
Perdidos em tantas esquinas que são quintais
Esses meninos são anjos ou marginais
Aonde estão seus brinquedos? Cadê seus pais?

⁴ FONTE: <http://letras.mus.br/chitaozinho-e-xororo/298354>. Acesso em: 11/06/2014.

Tá vendo aquele menino, com necessidades
Esconde no fundo do peito suas vontades
Aquele que tem pele escura que ninguém quis
Perdeu o direito de um dia, também ser feliz
Tá vendo aquele menino, que fere e mata
Tem ódio de quem só ofende, machuca e maltrata
Tá vendo aquele menino, que ainda ninguém deu valor
Será que um dia, terá um pouquinho de amor?

Ao apresentarmos o clip, percebemos que a essa altura do trabalho, os alunos já conseguiram fazer, autonomamente, as identificações entre o que era apresentado por meio do vídeo e o enredo da obra. Já aqui nesse período se principiaram alguns comentários em que se posicionavam criticamente acerca dos fatos que eram experimentados pelas personagens.

06) Sexto assunto: álcool e uso de drogas

Horas/aula: 50 minutos

Para esse debate utilizamos apenas os eventos da narrativa na figura do padrasto, consumidor de bebidas e cigarros e os conhecimentos já adquiridos nas aulas de ciências e de alguns projetos já realizados na escola sobre consumo de drogas, tanto legalizadas quanto ilícitas. Os alunos também deram depoimentos sobre parentes e amigos que utilizam substâncias entorpecentes e as diversas situações problemáticas sofridas em consequência do uso dessas substâncias.

Promovidos todos os debates pretendidos, passamos para a última atividade realizada pelos alunos: a produção dos artigos de opinião.

3.3 – Análise das produções de texto

A última etapa do trabalho consistiu na elaboração dos artigos de opinião como produto final das atividades do projeto de letramento literário e de intervenção. Dos quarenta alunos que participaram das aulas e das discussões, apenas oito apresentaram a

produção final. É com base nessas produções que vamos realizar nossas análises e interpretação dos textos.

De modo geral, os alunos se posicionaram acerca dos seguintes assuntos: preconceito e discriminação; papel dos governantes na promoção e qualidade de vida; a realidade social do país; bullying. Apresentamos, a seguir, os textos na íntegra e as considerações sobre cada produção textual.

Preconceito: Qual a razão deste sentimento?

Nas dias de hoje as pessoas se fecharam em seu mundo próprio se esquecendo que não existem realmente no mundo, ignorando as ajudas que precisa de entender as suas necessidades simplesmente por preconceito ou por medo de ser estigmatizado em vista.

Quisamos simplesmente ver a vida das pessoas, como se a casa falamos mal, julgamos por fora sem se quer conhecer primeiro.

Acho eu que nos dias de hoje o preconceito para com o alto, como no caso do tucã morador de favela, pedreiro bebado, as pessoas acham que ele também vive na zona nobre, não esse mundo e decidimos esquecer, esquecer e continuamos no mesmo conto sem nada fazer para ele se quer ajudar.

Se todos fossem como o dono da mercearia e fossem uma criança como ele, não seria o tucã, o mundo seria melhor, como ele conseguiu no tucã não ajudou contendo que precisava, não deu nada, ajudado, que eu tenho direito para os meus filhos.

Eu quero um mundo melhor, um futuro mais tão distante, em que todo mundo se come de respeito e ajuda, não ao sistema que ele consilha amor e calma de tudo uma chance para melhorias, que realmente vão dar consciência de tudo isso, pensando por cima da pobreza, por que ser pobre não é vergonha, e não é difícil, sim, mais conseguimos mudar isso, não nos submetamos a inferioridade, de qualquer maneira, por que inferior não tem ninguém a luzes verdadeiras.

Quero deixar um futuro melhor, um mundo melhor para todos nós, e para todos os outros que ainda vivem!!!

Título: QUAL A RAZÃO DESTE SENTIMENTO?

O foco do texto são questões relacionadas ao preconceito e discriminação social contra pessoas pobres, a postura arrogante das pessoas quanto ao preconceito, ostracismo, egoísmo e individualismo da sociedade e das pessoas e falta de espírito solidário. Relacionou os eventos da narrativa às suas opiniões. Observou na figura do dono da mercearia um ato de solidariedade ao ajudar o garoto, personagem da narrativa. Sonha com um mundo melhor. Não apresentou soluções para a resolução do problema, mas conseguiu relacionar o texto ficcional à realidade sem, no entanto aprofundar a discussão.

Problemas na cidade

Os problemas na escola são muitos por motivo de falta de atenção, falta de viver num ambiente melhor. Não deu bairros tem tráfego, tráfego, acidentes de carro, crime, mortes, tem ladrões, falta de segurança, pobreza, miséria, preconceito.

Porque os governantes da minha cidade não faz nada para poder ajudar a população que sofre com esses problemas. Eu penso que são problemas que não são fáceis de resolver mas se cada um fizer sua facilitaria.

Se os governos investisse mais na população a melhoria a maioria deles. Me afetam na falta de segurança minha e da minha família.

Fiscalizando, fazendo o trabalho de controle, fazendo protestos, gostaria de viver no mundo onde houvesse paz, justiça e que os governantes não roubasse a dinheiro do povo não houvesse latência onde poderiamos viver sem medo de ser roubado ou sequestrado e que muitas vezes pessoas saem sem nada e também não houvesse violência e tráfego, e também onde não houvesse pobreza, porque acho muito triste ver crianças, jovens, adultos passando fome e sem poder ler chance de estudar e ser alguém na vida.

onde não houvesse miséria, não ter crianças, bebês, jovens e adultos não terem o que comer nem a maioria das vezes, não tem onde morar na rua e chegar a de comer lixo ou pedir esmola pro povo na rua ou muitas das vezes amos obriga os filhos a venderem coisas na rua, para sustentar os vícios de cigarro, bebida etc. E as crianças não tem oportunidade de ir a escola.

Título: PROBLEMAS NA CIDADE

Primeiramente foram citados problemas de violência no contexto escolar, da falta de infraestrutura do prédio que acarreta uma baixa aprendizagem. Em seguida, a discussão progrediu para os problemas do bairro onde reside. Apresentou acusações contra os políticos locais por descaso com a população e roubo de verbas públicas. Pontua que se os governantes investissem mais na população, a qualidade de vida seria bem melhor, ressaltando que para mudar a situação de descaso a população precisa se mobilizar. Cobrando e fiscalizando o trabalho dos agentes políticos teríamos qualidade de vida. Imagina um mundo em que não existam os problemas sociais abordados durante os debates e em consonância com a obra literária, conseguindo interligar ficção e realidade.

Os Problemas que tem em nossa cidade

Em nossa cidade acontece muito, principalmente, a prostituição, a desrespeitagem, pedofilia, agressão, assédio sexual, pobreza, fome, miséria e muita mágoa. Ela acontece na rua, em escolas, em parques e em bairros. Eu penso que todos precisam ajudar de um jeito, seja eu dando o valor ao que não tem, seja uma oferta na educação quem da vez aquelas pessoas apertadas, brigando, sendo ofendidas, as mães às vezes e filhos, das gestadoras, de muitos outros os problemas que tem em nossa país. Em minha escola não acontece muito isso, e a que eu aprendo na escola me ajuda muito a entender isso e me inspira a ser uma pessoa melhor assim como todos da escola. Muita gente não dá valor ao que tem em casa como suas mães, seus pais e seus filhos ao contrário de quem mora na rua por que não tem ninguém para brincar, mas, as mães e que muito delas assim como todos as mães por que elas sempre pagam de tudo para os seus filhos estudarem e trabalhar assim como todos os pais tem que se divertir.

Tem muitas crianças que perde sua infância para trabalhar, deixar de brincar e se divertir para ganhar dinheiro trabalhando. Lá elas procuram e ajudam os que não tem quem os ajude, aqueles com fome e conforto os que mais precisam, aqueles com fome e alimento para aqueles que não tem mais do, este é um gesto muito importante para as pessoas da sociedade.

Com tanto alimento no mundo, por que uns passam fome? Alguns afirmam que o problema está na distribuição e não na produção.

Título: OS PROBLEMAS QUE TEM EM NOSSA CIDADE

Estabelece um paralelo entre os problemas citados no texto ficcional aos problemas da cidade. Para o produtor do texto a qualidade da melhoria de vida se faz de forma solidária. Relata que em sua escola quase não acontecem casos de violência e agressão. Ressalta que as pessoas não valorizam a família, fala de modo breve sobre a infância roubada. Ao final do texto deixa em aberto o seguinte questionamento: “Com tanto alimento no mundo, porque uns passam fome?”

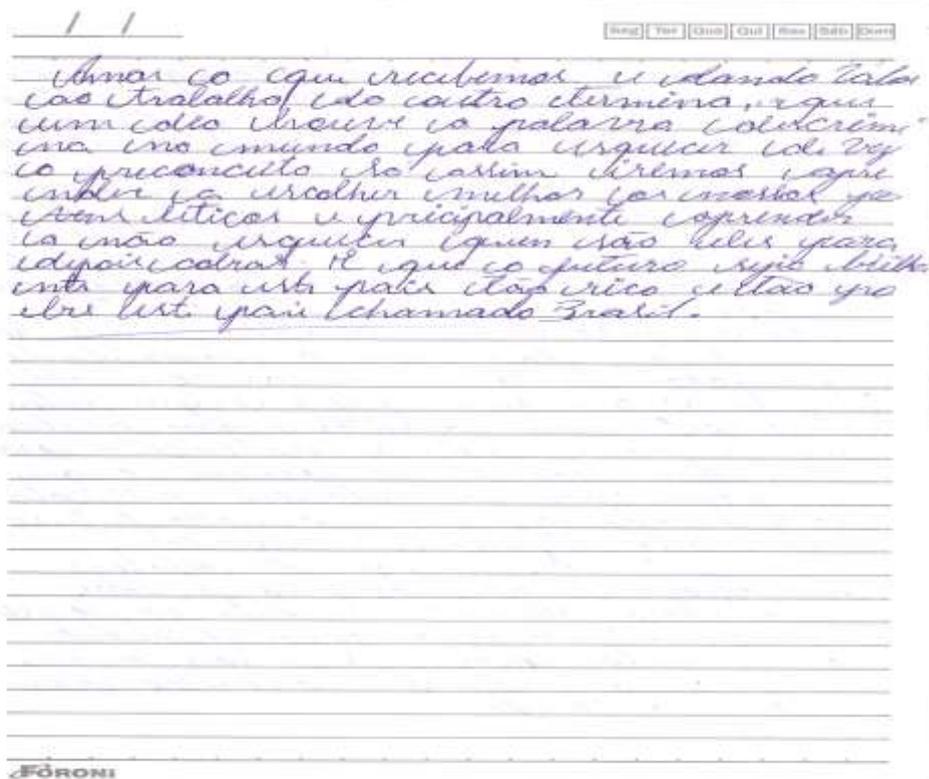
Um pai com cara de riqueza?

Após ter o livro "do pedindo trabalho", me lembrei uma frente destas crianças e comecei a pensar que nos vivermos em um país que se diz rico em petróleo rico em florescer, eminaris etc., porém não são estas riquezas chegarem a casa ~~de~~ de suas casas, um pai para dar um nome tão bonito quanto o Brasil de não estar presente em ações sociais e principalmente dando suporte para estas famílias.

Dizer que o fato ocorrido no livro é ficcional vai um jeito "de" (carenhos) para esconder tanta discriminação, pois uma vida real com coisas acontecem de verdade, tipo o sintoma este todos os dias nos noticiários da Tv, radio, jornais etc e que muitas vezes acontece ao mesmo lado e o medo da violência, volta para o mesmo lado acabamos fazendo visto geral para tantas brutalidades. Ser pobre não é motivo ser claudico, ser pobre não é motivo de discriminação com as pessoas, ser pobre é principalmente ser indigno em suas condições de humanidade, ser que tem muitas coisas que ajudam outros que estão em péssima situação por exemplo.

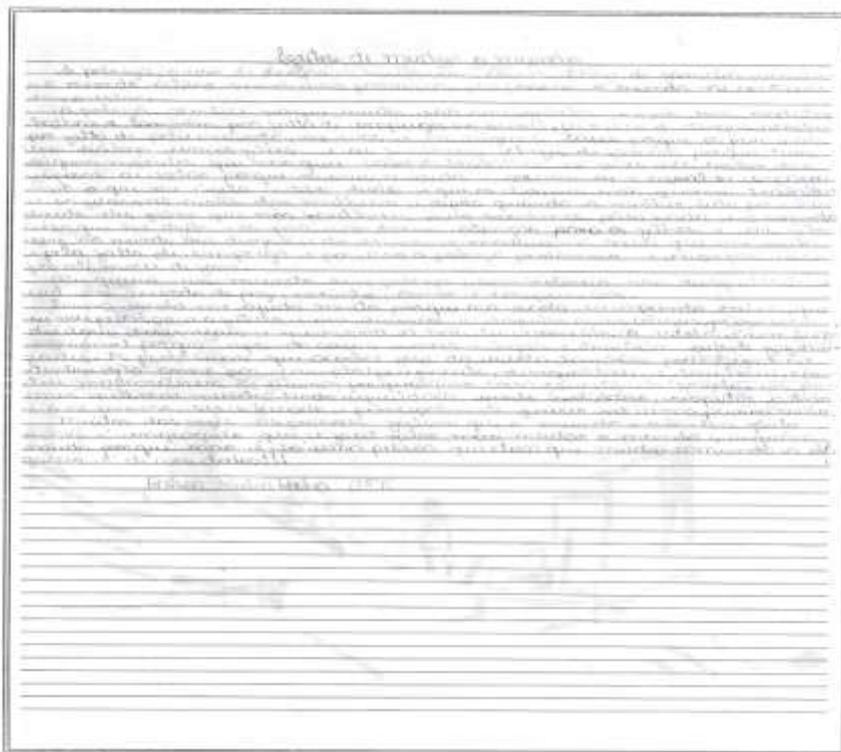
"Uma amiga minha me contou que na casa dela só tinha farinha de mandioca para ela se alimentarem e que usava chorando muito, então um vizinho dela deu a mãe dela e ela e o pai para fazer uma sopa de farinha e comerem durante 15 dias até calmenter, hoje os filhos são forma de um pedagogo, agrônomo e a mãe dele aos 45 anos de idade foi fazer uma faculdade pública na UFMG e cursou uma licenciatura plena em Língua Portuguesa e Literatura e um doutorado e de acordo com o pai e que com o amor e união se formaram, isto prova também que contra tudo que viemos no mundo, principalmente contra a falta de crianças e indivíduos sendo a morte.

A mãe de respeito com o carinho nos discursos das mães e discipulantes que uniam as leis dando tanta liberdade as crianças e foram tirando as faltas das crianças e corrigir as faltas até ajudando muito com as violências por polícia não prende ninguém, mas prende os direitos de educar, quem educa os pais e filhos com um olhar de olhar um bom conhecimento das disciplinas para os educando.



Título: UM PAÍS COM CARA DE RIQUEZA?

Iniciou-se o texto dizendo que a obra apresenta uma leitura um tanto poetizada da realidade em que vivemos, estabeleceu contrapontos entre as riquezas do país e a miserabilidade em que vivem milhões de brasileiros, citou casos de superação de dificuldades de uma amiga da família, família esta que enfrentava várias situações de privações e necessidades financeiras. Conseguiu fazer um curso superior e atualmente está bem empregada. Relata alguns problemas sociais que são gerados por meio de simples situações como falta de diálogo entre as pessoas na resolução de problemas, descaso dos governantes em relação aos problemas enfrentados pela sociedade, a ineficácia das leis e a certeza da impunidade que gera outros tipos de violências. Finaliza o texto ressaltando que somente por meio de uma educação crítica e reflexiva teremos um país melhor e com igual distribuição de renda e riqueza para todos.



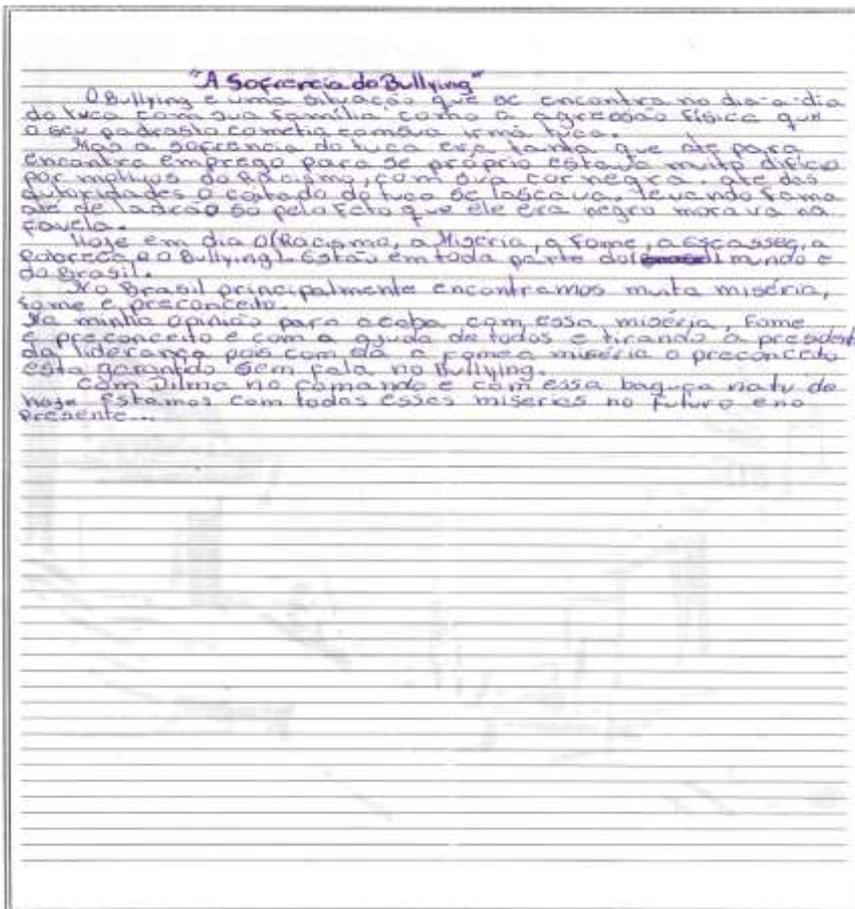
Título: JEITOS DE MUDAR O MUNDO.

O autor iniciou o texto retomando os temas das discussões e dos eventos da narrativa ficcional, pontuando como causa da pobreza a falta de oportunidade de emprego, o aumento do consumo de drogas por falta de coerção da polícia e diálogo dos pais com seus filhos. Para a autora do texto, a escola tem um papel fundamental na vida das pessoas, uma vez que a aprendizagem de conteúdos e as relações interpessoais no espaço escolar preparam o cidadão para a vida em sociedade. Observou também que problemas sociais podem se manifestar no âmbito preconceitos e violências. Embora tenha discutido sobre os problemas sociais, não apresentou possíveis soluções para enfrentamento dos problemas, embora tenha ao final do texto acrescentado que a responsabilidade da mudança do painel da sociedade brasileira atual é responsabilidade de todos nós.



Título: UM BRASIL MELHOR.

A autora do texto colocou-se como responsável pela mudança do país na construção de uma sociedade igualitária e pacífica. Para a mesma, a educação tem papel fundamental na promoção da qualidade de vida das pessoas e a luta pela concretização dos direitos deve ser uma prioridade da sociedade no todo. Embora tenha feito suas considerações, não aprofundou e nem detalhou as ideias que pontuou no decorrer do texto.



Título: A SOFRÊNCIA DO BULLYING.

Houve nessa produção a consideração de que a personagem da obra literária era vítima de bullying e que é uma situação presente frequente também em nossa sociedade e sua manifestação vai de pequenas ofensas até ataques físicos. Consegui relacionar os acontecimentos da narrativa às manifestações de bullying na sociedade, embora não aprofundasse a discussão. Não houve apresentação de soluções para o problema e, ao final do texto, atribui-se a culpa dos problemas sociais atuais à presidente do país sem, contudo desenvolver a ideia.

A partir da análise dos textos podemos elaborar as seguintes considerações:

A) A partir da apropriação dos eventos da narrativa na elaboração da produção textual, pudemos observar que a leitura literária foi relevante e interessante para os alunos que puderam perceber que a ficção também abarca as situações da vida real. Mas, é necessário que um trabalho contínuo e intenso com a Literatura seja desenvolvido para que realmente os alunos possam, de fato, tornarem-se leitores proficientes e críticos.

B) Existe uma preocupação política e social no enfrentamento dos problemas sociais. Enfrentamento esse que deve ser feito não apenas por um grupo específico, mas por toda a sociedade. A sociedade é negligente e pacífica com relação à cobrança dos agentes políticos na elaboração e cumprimento de leis.

C) Embora tenham se posicionado criticamente na proposta dos textos em relação aos problemas abordados, percebemos que a postura deles como cidadãos na participação e promoção de mudanças é bastante passiva. Também não manifestaram interesse em atividades escolares de cunho político como formação e atuação em grêmios estudantis e realização de movimentos de conscientização política que abrangessem a escola, a família e a comunidade na qual estão inseridos.

D) Na opinião dos estudantes a escola e a educação são bens imprescindíveis na promoção da formação escolar e cidadã da população. Sem educação não há garantia de qualidade de vida. Essa formação também deve ser crítica para ampliação da consciência na participação na vida social.

E) Ainda que se posicionassem criticamente sobre os problemas discutidos, não conseguiram apresentar soluções possíveis de serem realizadas para minimização ou até mesmo a resolução dos problemas.

F) Não conseguem desenvolver satisfatoriamente as ideias e argumentos que defendem no decorrer dos textos de opinião. Têm ideias muito generalizadas sobre os problemas, suas causas e consequências, não conseguindo mobilizar na escrita outros conhecimentos de

outras disciplinas que podem fornecer informações fundamentais para elaboração do texto e fundamentação da argumentação.

Tentamos, neste terceiro capítulo apresentar o projeto de intervenção desenvolvido, as atividades aplicadas, os textos e mídias utilizados na aplicação e desenvolvimento das atividades. Também apresentamos as prováveis análises que realizamos a partir das produções textuais explorando, a partir das ideias e críticas apresentadas.

PALAVRAS FINAIS

Findos os trabalhos, necessária se torna a elaboração de considerações acerca dos resultados obtidos via planejamento e execução das atividades do Projeto de Intervenção pedagógica com objetivo de obter os dados para análise e possíveis respostas para o questionamento apresentado na pesquisa.

Procuramos, no decorrer do processo de realização da mesma, investigar se o entrecruzamento entre leitura do texto literário x análise da realidade social influencia ou interfere na construção da identidade cidadã e da criticidade dos adolescentes como sujeitos sociais e como os mesmos expressam esse posicionamento crítico em uma produção de texto de opinião. A Literatura, no contexto da pesquisa, não é um mero pretexto ou instrumento de apoio para a produção da atividade final da intervenção. Ela demonstra que também está engajada em retratar as vivências e experiências pessoais, sociais e coletivas do homem, sendo capaz de conduzir à reflexão e ressignificação da existência humana, com todas as suas misérias e dores. É tomando como matéria prima os fatos e acontecimentos do cotidiano que os escritores de textos literários encontram os recursos necessários para a elaboração de suas obras sob uma perspectiva ficcional.

O ato de escrever é uma das inúmeras possibilidades e oportunidades para liberdade de expressão de opiniões e críticas. Pode se tornar o início da construção de espaços democráticos dentro do sistema para a promoção de uma educação que ultrapasse os limites do puro e simples conhecimento científico. Principalmente quando espaços democráticos de discussão são abertos dentro da sala de aula e em todo o ambiente escolar. Que priorize as reais necessidades dos sujeitos em processo escolar de formação, se se quer realmente que esses sujeitos sejam preparados também para o exercício de sua cidadania.

Quando da elaboração do nosso projeto de pesquisa, levantamos como hipótese que o desenvolvimento das atividades planejadas no Projeto de Intervenção, principalmente dos textos escritos, nos revelaria que os discentes possuem posicionamentos críticos sobre os problemas da sociedade contemporânea e de que são necessários planejamento e execução de projetos educacionais e práticas pedagógicas mais humanizadoras em sala de aula, com o fim de uma formação cidadã como preconiza os documentos oficiais que estabelecem as diretrizes e os objetivos da educação básica. Também favorecer ao próprio aluno o seu autoconhecimento e entendimento do mundo e do contexto social no qual ele

se encontra inserido para nele poder agir, contribuindo para uma vida sustentável e cada vez melhor.

Essa hipótese foi confirmada a partir do levantamento dos dados obtidos através das produções textuais. Elas nos apontam que os jovens estudantes, participantes da pesquisa, conseguiram relacionar os fatos da narrativa ficcional aos fatos da realidade do cotidiano social de nossa atualidade. Pudemos comprovar durante a realização dos debates orais realizados em sala de aula e também por meio das informações fornecidas pelos textos escritos, que os alunos conseguem realizar tais associações. Embora poucos se interessassem em registrar suas opiniões por meio do texto escrito, aqueles que se propuseram a fazê-lo, demonstraram possuir uma visão crítica formada, ainda que de modo parcial, haja vista que as considerações apontadas pelos mesmos nas produções dos textos. Entretanto, são necessárias ações educativas que conduzam não somente à conscientização, mas também à mobilização para práticas e ações verdadeiramente cidadãs, que podem ser engendradas, primeiramente dentro da escola, para expandir-se por suas comunidades.

No que concerne ao letramento literário, observamos que é preciso a promoção de ações profícuas que despertem, tanto individual quanto coletivamente, o desejo e a necessidade de os alunos se tornarem leitores críticos, autônomos e proficientes. Outro ponto importante que aqui queremos destacar refere-se ao uso de outras mídias na promoção da leitura literária. As mídias enriquecem e dinamizam a leitura literária porque despertam a percepção e a sensibilidade, oferecendo múltiplas possibilidades de sentidos para entendimento do texto principal e formação de posicionamento críticos dos leitores frente à leitura de textos de vários gêneros, principalmente os textos literários.

Nos últimos anos temos percebido uma grande movimentação em torno das discussões sobre o trabalho do professor na promoção da leitura do texto literário. As práticas pedagógicas ainda estão voltadas para atividades que não ultrapassam a leitura horizontal do texto com aplicação de exercícios de fixação e verificação de leitura, não alcançando o nível de leitura vertical, crítica e política, uma vez que a leitura é um ato político numa concepção de realizar algo para a promoção de um bem maior tanto individual quanto coletivo. A formação de um cidadão consciente é requisito para uma vida em sociedade e por meio da educação, principalmente por intermédio e leitura do texto literário, podemos desenvolver a crítica e a sensibilidade na formação de um leitor cidadão e participante nas decisões políticas para uma melhor qualidade de vida.

As produções de texto nos mostraram que os jovens estudantes possuem uma visão crítica já formada. Entretanto, são necessárias ações educativas que conduzam não somente à conscientização, mas também à mobilização para práticas e ações verdadeiramente cidadãs.

Temos também a dizer que educar exige ação, movimento, mudança não somente do ser que passa pelo processo, como do próprio processo, e a motivação desse movimento reside na preparação de um futuro melhor do que nosso presente. Nessa construção, a escola tem um aspecto socializador e a educação deve ter em vista as necessidades sociais do indivíduo em desenvolvimento.

Assim seus objetivos, são basicamente, nutrir o crescimento pessoal bem como conservar, transmitir e renovar a cultura da sociedade e as ações escolares devem se pautar na busca de uma educação cada vez mais democrática, ética, estética e cidadã na promoção do bem estar dos seus alunos. Que a Literatura tenha mais espaço e que seu ensino ultrapasse os limites da materialidade linguística do texto, provocando ações e reações que despertem sempre e cada vez mais o hábito e o prazer da leitura e apreciação artística da obra como objeto estético de prazer e poder. Bem-vindos ao universo da leitura literária.

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, Terezinha. *Tô pedindo trabalho*. 13 ed. Belo Horizonte: Miguilim.1996.
- ARIÉS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2.ed. tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.
- BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise dos contos de fadas*. 28 reimpressão. São Paulo: Paz e Terra. 2013.
- BRASIL. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, ética. Brasília: MEC/ SEF, 1997a.
- _____. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/ SEF, 1997b
- _____. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. Parâmetros Curriculares Nacionais: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CALISSI, Luciana; Silveira, Rosa Maria Godoy (org.). *O Eca nas Escolas: Perspectivas interdisciplinares*. 1ªed. João Pessoa: Editora Universitária UFPB. 2013.
- CAMPBELL, Joseph & MOYERS, Bill. *O Poder do Mito*. Org. Betty Sue Flowers. Trad. Carlos Felipe Moisés. Pallas Athena. 1990.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Ouro sobre Azul/Duas Cidades. 2006.
- _____. O Direito à Literatura. In: *Vários Escritos*, Rio de Janeiro/São Paulo: Ouro sobre Azul/Duas Cidades, 2004, p.169-191.
- CARVALHO, Alysson; SALLES, Fátima; GUIMARÃES, Marília. *Adolescência*. 1ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2009.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil. Teoria – Análise – Didática*. São Paulo: Moderna. 2000.

COENGA, Rosemar. *Leitura e Letramento Literário – Diálogos*. 1.ed. Cuiabá: Carlini Caniato. 2010.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário*. 1.ed. São Paulo: Editora Contexto. 2007.

GANCHÓ, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. 5. ed. São Paulo: Ática. 1998.

GENNEP, Arnold Van. *Os Ritos de Passagem*. 3. ed. Petrópolis: Ed. Vozes. 2011.

KENSKI, Vani Moreira. *Educação e Tecnologias – O novo ritmo da informação*. 2ªed. Campinas: Papirus. 2007.

LAJOLO, Marisa. *Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*. 6.ed. São Paulo: Ática. 2010

LARAIA, Roque de Barros. *CULTURA. Um conceito antropológico*. 19ªed. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar: 2006.

MAIA, Joseane. *Literatura na formação de leitores e professores*. 1ªed. São Paulo: Paulinas, 2007.

MENDONÇA, Ricardo. *O paradoxo da Miséria*. Revista Veja. São Paulo, nº.03, ano 35, p 82-93, janeiro 2002.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. *CBC de Língua Portuguesa: ensinos fundamental e médio*, 2008.

MORAN, José Manuel; MASSETTO, Marcos T; SOUSA; BEHRENS, Marilda Aparecida. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 10ªed. Campinas: Papirus. 2006.

PAULINO, Graça; Cosson, Rildo. *Leitura Literária. A mediação escolar*. 1ª.ed. Belo Horizonte: 2004.

_____. *Letramento literário: cânones estéticos e cânones escolares*. In: *Das Leituras ao Letramento Literário*. Belo Horizonte: FaE/UFMG&Pelotas:EDGUFPeI, 2010.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial. 2012.

SAMBA, Simão João. *Adolescência em situação de risco e a Educação Social em Luanda*. Jundiaí: Paco Editorial. 2014.

SCHILLING, Flávia. *A sociedade da insegurança e a violência na escola*. São Paulo: Summus. 2014.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. *Leitura Literária & Outras Leituras*. Belo Horizonte: RHJ. 2009.

SIMÕES, Luciene Juliano *et all*. *Leitura e autoria: planejamento em Língua Portuguesa e Literatura*. 1ªed. Erechim: Edelbra. 2012.

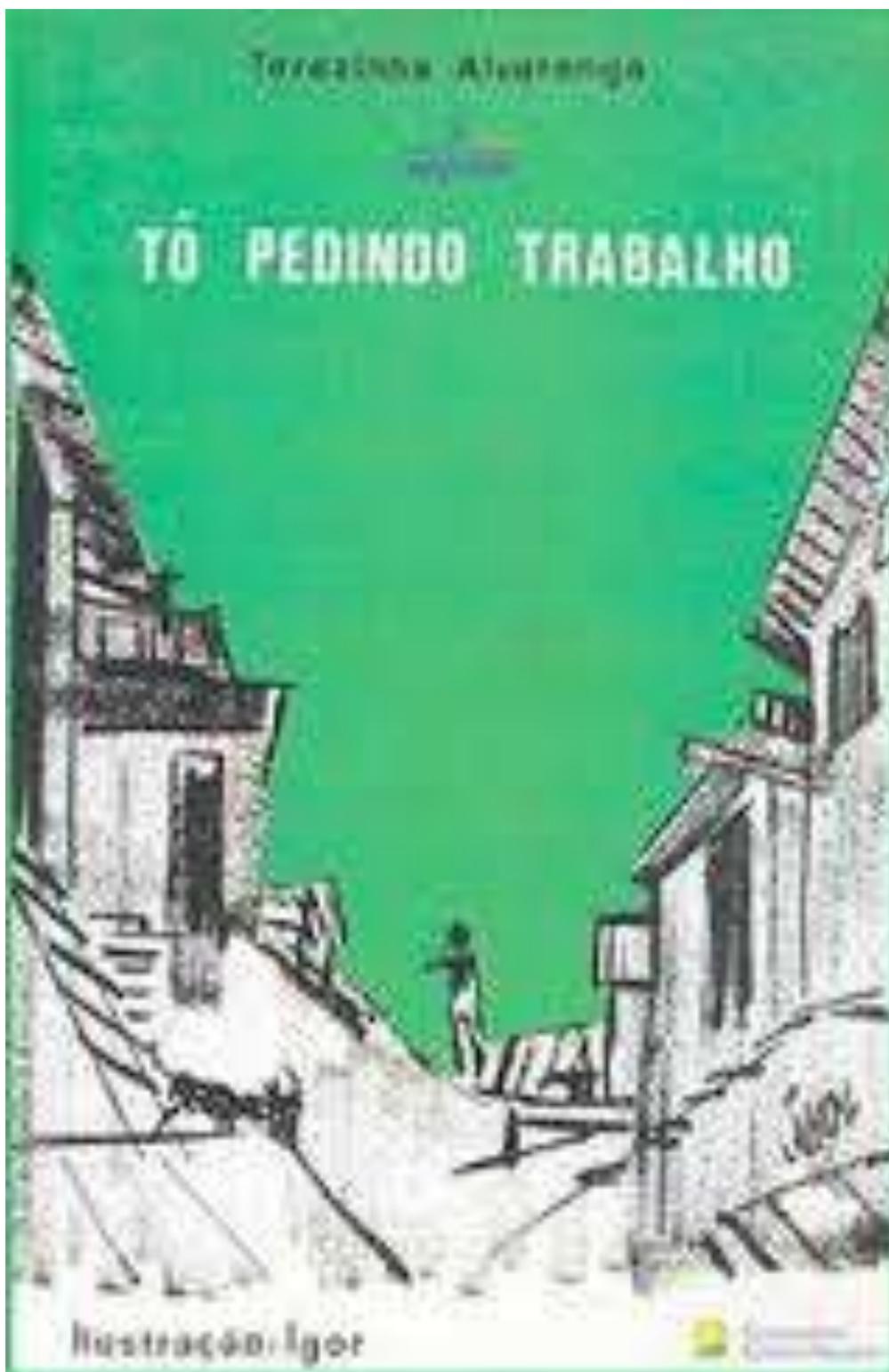
SODRÉ, Olga. Símbolo, mito e interpretação da passagem para a vida adulta. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v.59, n.1,2007. P.8. Disponível em (<http://www.psicologia.ufrj.br/abp>). Acesso em 15 de junho de 2014.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de Leitura*. 6ª. ed. São Paulo: Artmed, 1998.

SOUSA, Robson Pequeno de; MOITA, Filomena M.C da S.C; CARVALHO, Ana Beatriz Gomes. *Tecnologias Digitais na Educação*. 1ªed. Campina Grande: Eduepb. 2011.

TERRA, Ernani; NICOLA, José de. *Português de olho no mundo do trabalho*.1ªed. São Paulo:Scipione. 2005. P, 87.

ANEXO A – TEXTO INTEGRAL DA OBRA TÔ PEDINDO TRABALHO



TÔ PEDINDO TRABALHO

(Terezinha Alvarenga)

Eu tinha que cuidar da mamãe.
Zelar da Divina.
E expulsar o Bené do barraco.

Faz dois dias que tô rondando o armazém do Seu Sebastião.

Tô com fome.

Capítulo 01

Eu olhava de cá, ele despistava de lá.

Espiei nos olhos dos óculos, ele dava uma rabiada de lado como quem não quer dar na vista.

O sol fustigava no meio do céu. Mudei de lugar. O velho ficou incomodado. Continuei matutando no seu barrigão, a fome roncou, joguei uma saraivada de cuspe na calçada. Aquele peito cabeludo me dava sustança no meio do medo.

Já na fresca do dia, voltei pra rente do armazém. Ele não viu.

Molhou o dedo na boca e começou a contar um bolão de notas. Apareci na porta com susto nele.

__ Tá contando as pelegas, hem, Seu Sebastião?

Estremeceu, embolou o dinheiro debaixo da mesa, e me espiou vicioso e eu sonsei a coisa. Levantou a tábua do balcão, suspendeu a pança, falando com o dedão de tira:

__ Moleque, tô te manjando, cai fora. Já disse que aqui não é refúgio de indigente.

Trinqueei a coragem nos dentes, saltei pra dentro do armazém e botei olho no olho dele:

__ Seu Sebastião, tô falando de verdade, me dá serviço! Eu sou esteio de casa.

__ Seu malandro, você pode ser é rato de lixo, isto sim. Esteio de casa...ora essa!... tá até de bunda de fora. Rapa daqui.

__ Se o senhor me botar pra trabalhar, posso comprar um calção e uma camiseta. Ali de frente tem na liquidação.

__ Você é renitente, hem? Já disse: não emprego menino. Inda mais da favela. É capaz que me leve o armazém. Fora daqui! E, se trouxer turma, chamo a patrulha. Sabe de uma coisa? Vou chamar o guarda.

Saí chutando lixo.

Andei. Andeiandeiandeiandei, andei. Voltei.

Peguei assento em frente da porta do armazém.

O sol já tava morrendo lá no finzinho do céu com cor de sangue pisado. Tive uma gastura nas tripas porque fiquei lembrando da perna do Binha saindo salmoura, sem sustança de cura. Nem demorou muito, o céu coalhou de estrelas, e a diacha da fome atazanou minha barriga. Fiquei juntando cuspe na boca. Um cara jogou um toco de cigarro aceso no meu pé. Ai, que alívio! Dei uma chupada bem pra dentro, a fome calou um tico.

Embolei papel do lixo pra fazer cama. Já tava esquentando. Mas a ronqueira da barriga virou uma danação, quando um rato saiu debaixo da porta, atrás de mim com um pedaço de carne seca. Outro veio atrás e trancafiaram na luta. Enquanto um chiava com as mordidas do outro, num bote só, tomei a carne.

Tive medo dos ratos

Tive medo da fome que baralhava minha ideia.

Tive medo até do medo.

Dormi na porta do armazém do Seu Sebastião.

Capítulo 02

Dei uma volta no quarteirão, quando o sol me acordou.

Uma porrada de caminhão fez ajuntamento nas portas de trás do armazém.

Caminhei no primeiro carregador. Encarei a cara dele, tava sem bondade, ou com fome. Outro de trás chupava os dentes, rindo duma folhinha de mulher pelada, e dizia:

__ Café de pobre é isso aí, sô. Que bundação!

Preguei os olhos no papel e fui chegando pra perto, como quem não quer nada. Esgueirando na beirada do caminhão, entrei na garagem.

__ Moço, posso ajudar?

__ Ajudar no quê? Será que desse tamaninho já anda zoiando?...

__ Ocê qué fazê de besta, Tião, menino de favela nasce com os óio aceso. Pois dorme pai, mãe, irmão tudo junto!

__ Não é isso que tô pedindo, não, quero ajudar descarregar o caminhão. Ocês me pagam com uns trocados pra comprar comida.

O bigodudo negaceou, a cara fechada, apertou o olho, cuspiu no meu pé e morrinhou pro ajudante:

__ Tião, vigia esse, ele tem cara de pivete escolado.

Ainda tentei. Puxei a manga da camisa dele e pedi:

__ Juro que não, moço. Quero trabalhar de verdade. Juro, ô. Fiz a cruz nos dedos, beijei a mão.

Foi a conta de respirar pra sustentar a queda no meio da rua, com um chute na bunda.

Enfezei.

Montei guarda na esquina.

Um descarregador disse pro outro:

__ Essa caixa de laranja pode jogá no lixo, vai arruiná as outra.

Saltei junto com a caixa. O dono do caminhão gritou:

__ Onde vai com essa caixa, safadinho?

__ O moço aí jogou fora.

__ Tá, tá, mas traz o caxote.

__ Posso ficar com as laranjas?

__ As podres, sim. Cata as boas e põe aqui. Quero ocê longe, tá parecendo urubu.

__ Tá tudo estragada, deixa com ele – acudiu o ajudante.

O cara fez um gesto de deixa mesmo prá lá.

Tive sorte. Só a primeira camada tinha apodrecido. O resto tava sem um ranço. Amoitei tudo dentro de uma caixa de papelão. Ele bafejou minha sorte e chegou naquele gingado macio, mãos no bolso, barba fechada e suja de gema de ovo.

__ Olha, safado, se tu tá de má fé com algum bando, tô na mira.
__ Não, senhor. Tô querendo mesmo é trabalho. Posso ajudar. Sou barrançudo, ó o tutano!
Mostrei o braço magro, mas com fé.
__ Tá bem, se machucá num te conheço. Dez cacau cada caixa dentro do depósito.
__ Upa! Que legal!
Subi no caminhão, arrumei as caixas no jeito mais fácil de pegar. Fiz uma escada de caixote. O medo de ser dispensado não pediu nem ajuda, nem descanso. Na hora da comida, continuei. O cara chegou e foi mais camarada:
__ Tá sem grana pra pegá o rango?
__ Já chupei as laranjas que o senhor jogou fora.
__ Tem grana?
__ Não, senhor.
Fui num galope na barraca do churrasquinho, catei umas sobras dos espetos, guardei a grana.
Uma dona olhou para mim, chamou. Cheguei meio ressabiado.
__ Espera aí, que vou te dar um pão com carne.
A boca juntou água. Comi e lambi os dedos. Me mandei pro serviço.
Tirar os caixotes do caminhão tava uma dureza, e quando o cara viu que meu ombro esquerdo corria sangue, mandou parar
__ Para, moleque. Toma o seu dinheiro.
Bateu nas minhas costas e falou:
__ Oê é bom mesmo. Depois de amanhã pode esperá a gente. Vou te arranjá um saco de estopa prá forrá o ombro. No começo é assim mesmo, mas tu acostuma, olha aí, o seu xará. Já tá encroado.
Olhei o dinheiro e ri largo. Dei meia volta, contei as notas: cento e cinquenta mangos.

Capítulo 03

Puxei uma disparada até o armazém do Seu Sebastião. Ia tirar um sarro dele. O velho labutava com a casa cheia. Quando o pessoal rareou, eu chamei:
__ Seu Sebastião, se o senhor...
__ Você de novo, moleque! Que é isso no ombro? Briga né, safado? Sai daqui. Sai.
__ Juro por Santa Benedita que não foi briga, não senhor.
Mostrei o inchaço do ombro.
__ Tava trabalhando, olha aqui.
Abri a mão com fortura e orgulho no peito. Mas quando ele viu o monte de notas dez, ele vap no meu braço, gritou forte.
__ Guarda! Não tem um guarda por perto? Seu guarda!
Dois caras me seguraram e ele foi pro meio da rua tremendo nervoso. Meu peito pulava. Esperneeí. Chutei canela e saco de homem. Lutei.
__ Já vem vindo, tá chegando – cada um dizia. Tem de prender pra acabar com essa corja.
Mais povo juntou, cada dedo apontava pra polícia:
__ É este safado aí. Tamanho não tem não, mas já é malandro.

Botei olho de tristeza pra Seu Sebastião e pedi:

__ Deixa eu explicar...

Ele não ouvia, estava enfurecido, alucado, até corria baba no resto da barba e berrava:

__ Peguei com a boca na botija, seu guarda, roubando.

__ Roubou aqui no armazém?

__ Ainda não sei, mas é o certo, ele me ronda o dia inteiro.

__ Seu Sebastião, não roubei de ninguém. Juro. Escuta, olha meu ombro todo esfolado de carregar caixotes de laranja. Vamos lá, que o dono do depósito me viu.

Ninguém quis me ouvir. Tinha gente dizendo que eu tinha até pulado o balcão e arrombado o cofre de madeira. Seu Sebastião resmungava entre lágrimas:

__ Sua pestinha, por que foi me roubar?

Eu repetia, repetia enquanto o guarda me arrastava e açoitava.

Seu Sebastião acompanhava falante, agoniado entre certo e errado. Mas os olhos azuis esverdearam, ele começou:

__ Seu guarda, vamos com mais cautela, também ele é apenas um moleque faminto.

__ Se não exemplar agora, volta logo. O senhor mesmo disse que há dias ele ronda o seu armazém.

__ Ah, é verdade, seu guarda. E tem outro que de vez ou outra vem junto.

__ Isto deu andar rondando aqui é verdade, mas tô pedindo trabalho, Seu Guarda.

Não me ouviam. Minha voz ficou engolida, igualzinho quando eu gritava mais a Divina, no barraco trancados. Só a voz da gente fazia companhia. Senti uma bordoadada, a minha cabeça zuniu, a dor caminhando até mijar as pernas. O cassetete não tinha lugar pra cair. Numa rodopiada que o guarda me deu, vi dois amigos escondidos atrás do açougue da esquina. O guarda tomou zanga e babou:

__ Confessa, seu safado. Onde tirou o dinheiro? Confessa.

Ainda me ouviu dizendo no meio da urina:

__ Tô pedindo trabalho... não roubeiii, não...

As pancadas começaram a queimar por dentro. A voz do velho chegou ainda viva e penosa: _ Eu perdôo, seu guarda, pare. Deixe o moleque.

Meu corpo tava desmanchando. Fui jogado num canto qualquer.

Acho que pisaram na minha mão. Tudo latejava num resto de vida. Pouquinho ninguém mais olhava pra mim na calçada.

Capítulo 04

A quentura inchava minha goela. Sei que fui arrastado pra sombra. Reconheci a voz do Tonho.

__ Ele tá borbulhando de quente. Se morre vai levá a gente em cana. Melhó dá o fora daqui.

__ Covardão! Ele é dos nosso. Trato é trato. Num lembra o dia da batida no mercado? Se não fosse ele arriscá a pele pra avisá nós, a gente tinha ido pro carro da Patrulha – falou o Caniço.

__ Então, diz aí o quê a gente pode fazê. Nada. Esse ombro vai zangá. Caminhá pra favela? Ele num guenta nem uma gata pro rabo. Vai é dá bicheira com essa moscajada do mercado.

__ Vou na farmácia pedi um comprimido – disse o Quico.

A voz do Quico entrou muito clara na minha cabeça, quando ele falou:

__ Será que o Nem achou a mãe dele?

A zonzera veio vindo misturada com guarda correndo, filmes na televisão, depois o Bené bêbado, batendo na mamãe e tentando me agarrar. O vizinho mais bicudo ainda me empurrou.

__ Foge, seu trouxa! Foge, que ele vai te pegar. Corre, mais, mais...pega aquele ônibus. E mãe gritando:

__ Vai trabaiá e vorta pra tirá a gente daqui. Ainda minha voz sumida no barulho da rua. – Mãe, não deixa a Divina sozinha com o Bené... Tiro ocê daqui, mãe. Vou trabalhar. Volto com dinheiro, mãe. Corre dele, Divina!... Onde está o meu dinheiro?

Abri os olhos assustados e Tonho tampou minha boca!

__ Ainda fala em dinheiro?! Num tem vergonha não?

Acho que minha mãe tava já chegando com uma saia muito suja. Meus companheiros ficaram aliviados:

__ Que bom que a senhora chegô, dona Rosa.

__ Que aconteceu com ele, Tonho?

__ A polícia disse que ele tava robano. Ele jura que não. Num acredita, dona Rosa, esses tira têm a gente na marcação.

__ Que desgosto!... vê se dá pra leva ele, tenho de primero acaba de secá uma roupa aqui perto, se eu chega sem dinheiro o Bené fica sem o pito. Meu fio, ocê era a esperancinha que vai sumino agora na fumaça dos carro. Ocê fala pro Bené que foi desastre. Tô lá indagorinha.

__ ... Tô pedindo trabalho, mãe.

__ Tô veno, fio. Toma o comprimido e vê se até logo mais dá pra andá.

Capítulo 05

Acordei na esteira do quarto da Divina. O corpo nem podia mexer.

Ela me deu um copo d'água, olhou com olhado de choro e falou de voz fininha:

__ Ocê ficou todo machucado, Tuca. Que gente ruim, essa da cidade.

__ Não roubei, Divina. Te juro. Acredita no que tô falando. Vou te levar daqui, depois a gente busca a mãe.

__ Sem ela eu num vou não, Tuca. Mas se ocê num robô, por que a polícia te bateu? É mió virá pedido. Tonho vai virá, já até trouxe comida pra dona Zefa.

__ Não roubei. E não vou pedir porque eu tenho tutano...

__ É mesmo, ocê bate na meninada toda.

Não vi o Bené, ouvi os roncões de bêbado.

Melhorei. A Divina buscava assapeixe e fazia sumo pra banhar as feridas. O Tonho vinha me ver de noite e uma vez cochichou.

__ Tuca, tem um negócio bão pra gente descola uma grana. Vim pra combiná.

__ Se for pra roubar, não topo.

__ Não topa o quê, sô? Taí todo arreganhado pro mode quis infrentá traiaio. Ninguém acredita em pivete. Vai pro mim, se num qué morrê de fome.

Ele segurou meu braço com força, a dor foi tanta que gritei. E a voz do Tonho continuava:

— Taí, nem pode mexê. Virou paçoca. Oia, não adianta procura iscola também, não. A merenda tá racionada. Tão botano é fubá na água com sal. Desesti de i lá cumê. A vigiadera ontem me deu uma lambada na hora que nem viu na fila. Já combinamo tudo. Hoje nós vai fica na esquina da tupinambá com a Paraná. Tem um bar lá que o cara num fecha direito. Ocê vai fica de vigia pra dá o alarma. Num tem recusa.

— Não que...

— Num abre o bico. É mió i. Já tá tudo na pinta. Ontem nós fez uma faxina. Lá na Rodoviária, descolei uma bolsa com cinco milas. Passo aqui ante de Dona Rosa vortá. Tá falado, né?

Tonho saiu e não deixou muita beirada pra pensar no caso.

Ah! Também ninguém acredita mesmo na gente... acho que nem a mãe.

À tarde juntei com eles. Eu tinha uma ligeireza que enquanto um cara babava num sapato na loja eu depenava ele. A turma endoidou com o tantão que a gente pôs na sacola.

A mãe me esperava com olhado de peixe morto. Abanou a cabeça: “— Num tem jeito fio...”

Tive muito pesadelo com a polícia atrás de mim me batendo. Antes do dia ficara cheio de sol, acordei a Divina.

— Divina, esconde este dinheiro e não mostra pra ninguém.

O olho dela encheu a cara.

— Que tantão! Pode compra uma broa?

— Uma só. Compra comida pr’ocê. Eu volto.

Vesti um molambo de camisa, olhei o barraco, escutei os roncões do Bené, vi a mãozinha da Divina dando adeus, peguei a traseira do ônibus pra cidade.

Capítulo 06

Entrei no armazém do Seu Sebastião, olhei na cara dele. O velho tremeu, gaguejou:

— Você de novo? Tááá...

— Tô pedindo trabalho. Não precisa ficar aí tremendo feito vara verde, não. Tô pedindo. Posso ajudar.

— Você é muito garoto pra ser tão obstinado e corajoso. Não tem medo d’eu chamar a polícia de novo?

— Não tô fazendo nada. Não roubei aquele dinheiro, o senhor sabe. Trabalhei.

Ele me olhava já sem medo. Pôs a mão no queixo, continuou me olhando. Tornei a dizer:

— Apanhei, mas não roubei aquele dinheiro. Ainda vou provar pro senhor. Fiquei sem o dinheiro que ganhei. Tô pedindo trabalho...

(Diacho de homem burro de entender, fica me matutando, com olho de gato morto, de sei lá o quê...) Mudou de jeito. Descansou o cotovelo no balcão e veio na pergunta:

— Você tem pai, moleque?

— Nunca.

— Como?

— Deixa pra lá.

— Mãe?

— Tenho.

— Seu nome, verdadeiro?

__ Tuca, Tuca, Seu Sebastião. Eu sou muito esperto pra trabalhar, minha mãe disse que comi canela de sabiá de tão espevitado que sou. Sei fazer conta, olha aqui:

Fui tirando uma tira de papel de lixo do bolso, onde eu treinava contas. Até tenho apelido de doutor das contas, no meio da turma. Posso...

__ Mas quem tá te chamando pra trabalhar?

Não dei por cansado. Tinha de vencer o velho. Ele deu olhado bom:

__ É trabalhar mesmo que você quer? E aquele bando que anda de rabicho junto? E aquele dinheiro?

__ Ganhei no serviço, carregando caixa de laranja.

__ Tá bem, vem.

Pulei pra dentro do balcão.

Perdi o tamanho da dor das feridas.

Capítulo 07

O frio chegou brabo.

À noitinha, minha turma ia chegando. Cada um trazia novidade. Tonho filou duas lavagens de carro, Borracha fazia ponto perto do Hospital da Previdência, arranjando vaga pros carros. Caniço ainda não tinha coisa certa. Queria ser engraxate. Muitas vezes eu tinha inveja deles de viver na andança, sem querer um querer difícil.

A gente ajeitava um bolinho pra um passar calor pro outro e dormia ali mesmo, no portão do Mercado. Pra ficar mais quente, tomei coragem e pedi uns sacos de estopas no armazém.

__ Pra que você quer estes sacos, moleque? Não diga que vai começar a perdição.

__ O frio tá cortando, Seu Sebastião.

__ Na sua casa não tem cobertor?

__ A gente dorme por aí...aí mesmo.

__ Eh!...ainda não despregou daqueles molecotes?

__ São meus amigos. Tamos até vigiando o armazém de noite.

__ HUUUUUM... Vá lá. Tome esse. Juízo, hem? Não vão me roubar...

Fiz um cofre de madeira pra juntar gorjetas que recebia dos caras que fziam compras grandes. Então tinha a dona Antônia, mulher com cara de bondade, até era bonita de tão boa. Uma vez me deu 50 pratas. Quando voltou, trouxe uma camiseta e mais gorjeta. Ela devia ter uma ninhada de gatos, comprava muita coisa pra gatos. Até que me perguntou:

__ Garoto, você não quer ir trabalhar comigo?

__ Não sei, Don.

__ Por quê?

__ Sou esteio de casa e aqui vem os acontecimentos lá do barraco.

__ Menino bom. A semana que vem eu volto.

E voltava muito mesmo. Eu tinha saudade do carinho da voz dela.

Passados uns tempinhos, arrisquei outra vez pro velho.

__ Seu Sebastião, será que posso ficar com essas frutas sobradas e mais pra ruins?

__ Pra quê?

__ A mãe aproveita. Se o senhor deixar, peço pra ela passar aqui de tarde e o senhor mesmo entrega.

Balançou a cabeça e fez de ombro. Tava concordando.

__ Só cão lambisca lixo. Sua mãe faz o quê?

__ Lava umas roupas, quando o Bené dorme.

__ Ah! O Bené... E quem é o Bené?

__ O Bené? ... O Bené? ...diz que é o...o...

__ Já entendi. Ele não trabalha?

__ Só bebe e dorme. Ronca também pra ninguém dormir.

__ E por que sua mãe não deixa dele?

__ Diz ela que um dia eu vou compreender. Acho, Seu Sebastião que ele é rabicho da mãe. Ele não presta. Fica com graça com a Divina.

__ Divina?

__ É, a minha irmã de 9 anos. Tô trabalhando pra tirar mãe de lá e a Divina também.

__ E sua mãe quer sair?

__ Será que não quer?

__ Pelo jeito...

__ Vou ganhar dinheiro.

__ Deus te ouça. Com o preço do feijão, o Bené vai continuar roncando, sua mãe lavando, a Divina passando fome e você dormindo por aí...

__ Desconjuro, credo, o senhor não dá força.

__ Taí, você é um moleque e tanto. Todo freguês te faz agrado. Seu cofrinho está inchando. Vamos dar um jeito. Mas diga, como o Bené foi parar no barraco?

Mordi o beijo pra falar daquele dia. O velho piscava esperando:

Capítulo 08

...um dia a mãe não chegou com cara de cansada. Quentou água, encheu o latão e ficou cantando com água caindo nela. Saiu enrolada num pano e o cabelo, fazendo escadinha no pescoço. Ela tava dum jeito muito bonito. Pediu a Divina pra ajudar numa porção de tranças. Pediu também:

- __ Pode ajudar, mãe?
- __ Se ocê ajeitá.
- __ Nunca viu home fazê trança – riu a Divina.
- __ Cê besta, homem também é barbeiro.

A Divina ficou com deboche trançando a cabeça da mãe. Mãe vestiu o vestido de domingo e foi pro fogão, fez mexido, até pôs ovo no meio. Depois falou pra gente:

__ Olhe, conheci um moço aí...Ele vem logo aqui. Ocês brinca um pouco e depois trepa pra cama.

- __ É seu namorado, mãe?
- __ Tuca, que tanta pergunta! Faz igual sua irmã. Ocê com 11 anos, pode bem entende, sem pergunta.

__ Não gosto que ocê namora. Ele vai te levar. Vai ver...
Ela passou baton no espelhinho encostado na janela.
A lua parecia um queijão correndo no céu.
Minha boca encheu d'água.

Capítulo 09

Bené ficou.

O tempo foi amontoando.

Nossa comida agora era dividida um pouco pra cada um. Bené comia o prato, a gente espiava.

Mamãe não trazia mais bala da rua. Tinha que trazer cigarro. Um dia ela não trouxe. Ele bateu nela. O sangue correu na testa dela. Divina escondeu debaixo da cama. Eu mordei a canela dele. Levei um chute na boca, que até quebrou um dente. Mamãe correu pra mim, ele cercou a frente e disse:

— Vai te virá e trazê o meu fumo.

Ela murchou.

Dormimos debaixo da cama. Não vi mamãe chegar.

Acordei com a cantiga dela no tanque. Espiei pra ver se ele tinha sumido.

Estava nu.

Roncando.

Na cama da mamãe.

Olhei pra ela.

Dava pena.

Da cara roxa saía um sorriso sem vergonha.

Quando ela me viu, veio, passou a mão na minha cabeça e falou:

— Fio, ocê num entende ainda, mas um dia vai entende. Tá aqui dentro. Dói, queima, corta, a gente tem raiva da gente, tem nojo, mas num sabe sartá fora. Perdoa a mãe, vai!...

Pus olhado triste na feiura dela.

O ônibus tava parado no ponto.

Ainda espiei pra trás, ela limpava a ara na manga do vestido. Divina, na porta, tremia os beijos, com os peitinhos crescendo virando mulher.

Divina entendeu que eu ia pegar a traseira do ônibus pra cidade.

Bené chegou na janela, fez de ombro num jeito de arrume lá, já é tempo.

Mamãe engoliu o choro.

Fez olho de cadela.

Escondeu atrás da porta.

Capítulo 10

Seu Sebastião tentou me animar:

— É, moleque, tem de dar muito duro pra se livrar do Bené, se...mas a intenção vale. Toca o bonde pra frente.

...aqui tá chovendo.

O Tonho saiu indagarinha. Veio com novidade pra mim. Falou até provocando:

__ Tuca, você vivia arrotando que ia tirá sua mãe do Bené? Tá na hora. Foi um pega pra capá lá no barraco. Ela tá toda esfolada. Se num fosse a Zinha-Home enfrenta ele com uma foice, sua mãe já tava pras cucuias. Ainda quis fazê mal pra Divina, sua mãe reagiu, ele chuto pra tudo quanto é carne e osso também. Diz que os peitos correu sangue, dente quebrado, cabelo rancado, uma danera.

__ Isso é mentira!

__ Mentira, não, sô. É verdade verdadeira. Vai pra vê. Ela ainda tá escondida na casa da Zinha-Home. A polícia veio, mas... tá uma ruaça que ele foi sorto na mesma hora, aqui perto. Deram uma surra pra despistá.

__ Tonho, se é meu amigo, prova agora. Topa um quebra no Bené?

__ Topamo. Falo pra mim e pro resto. É recado. Sei onde ele tá.

__ Até à noite.

__ Até.

Capítulo 11

Como eu bati no Bené!

Flechamos nele como abelha zangada. Chutes, dentadas, metemos o bambu. Ele ficou arriado debaixo de uma moita de mato.

Subi na traseira do ônibus pra favela.

O barraco tava fechado.

Empurrei a porta, ela caiu.

O barraco tava vazio.

Eu gritei:

__ Mãe! Divina!

Gritei pra escutar o nome delas. Sabia que mãe não tava.

No tanque do terreiro uma blusa pingada de sangue.

A boneca de pano da Divina apodrecia na lama da porta.

O pedaço de pente, um caco de espelho e o baton da mãe tavam na soleira da janela.

Espantei com o inchume do meu beijo rebentado com os murros do Bené.

O peito tinha mais osso do que fortuna. Apanhei, mas fiz o Bené mijar pras pernas abaixo. Bati pra vida toda.

Voltei olhado pro fogão, a saudade inchou tanto que vi mãe remexendo mexido pra tirar a fome da gente, depois de chegar apressada cheirando trabalho. E olhava com olho de vida:

__ “Toma moleque, tá gostoooooso...”

__ Mas se tivesse uma muxibinha de carne, mãe...

O resto, ela punha no prato e ia comer sentada num banco do terreiro. Nunca perguntava quem queria mais. Deixava o prato no chão, pegava a guimba do cigarro e ia pra perto do brejo escutar a música da sapaçada, no meio dos pisca-piscas dos vagalumes. A gente corria atrás. Segurava a saia dela e disputava uma mão pra cada um na nossa cabeça.

__ Aqui tem perfume de vida. Sente, fio.

__ Ocê gosta de bicho do brejo, mãe?

__ Quando escuto a sapaçada, a vida tem sustança.

De repente a mãe mudava de jeito, chamava:

__ Meus Diabinho, agora, cama. Tô muito arriada. Amanhã a Divina lava as vasia e o Tuca barre a casa.

Dou um pulo no susto, quando um rato saiu do armário, jogando um montão de latas no chão, no meio do meu pensamento.

No pé do fogão, a chuva deixou um resto de lama. Espio o quarto, a cama ainda tinha uns molambos com cheiro de gente. Vou catando tudo com os olhos. Abraçando de choro cada pedacinho de saudade, tentando segurar, na lembrança, o sorriso da mãe, as birras da Divina. A estampa de Santo, pregada na parede, botou reza dentro de mim.

O Caniço me balançou:

— Tuca, não fica aí parecendo frango depenado, a gente é amigo. Fui lá no armazém e Seu Sebastião mandou o cofre, mais coisa, óia!

Era o cofre que fiz de madeira. Sempre me dava fé quando o peso dele aumentava. Agora a tristeza me engole. E se mãe morrer? Se ficar aleijada? Ela que é a mulata mais bonita da Favela Beco do Urubu... Então o peso do cofre não ia mais ter serventia. O tempo foi comprido pra juntar o dinheirinho...Será que ela...Busco a certeza na cara roxa do Caniço me olhando com olho de peixe morto. Subi o olhado pra um buraco na telha, a lua grande clareia o céu, no meio dos gritos da Divina:

— Tuca chegou! O Tuca Chegou! Ele chegou!...

Fui saindo com as mãos atravancadas nas costas, olho pregado no chão, a Divina abraçou minhas pernas. A força voltou, ela dizia:

— Vem, Tuca, vem ver quem vem vindo.

Meu olho acendeu pra longe.

Sorrindo entre os dentes brancos, braço preso num molambo encardido, corpo apumado, nas pernas rasgadas, vinha vindo com vida acesa a cara inchada...

Olhei pro cofre, olhei pra mãe, a porta do barraco tava aberta.

Um vagalume entrou primeiro.

ANEXO B – MODELO DE FOLHA PARA REDAÇÃO

Escola Estadual Delfino Magalhães Ensino Fundamental e Médio P045C3

*Decreto Lei n.º: 18.055 de 12/08/76 - Av: Neco Delfino, 627, Delfino
Magalhães*

**Fones: (38) 3213 - 1280 / (38) 3213 - 6170 - Montes Claros – MG - CEP:
39402-181**

NOME: _____ **TURMA:** _____ **ANO:** _____

Querido (a) aluno (a),

Durante algumas semanas, fizemos a leitura do livro *Tô pedindo trabalho*, da autora mineira Terezinha Alvarenga. Vocês se lembram da história e dos temas que discutimos? Vamos relembrar:

01) A personagem principal, Tuca, é um garoto de 11 anos, que mora juntamente com a mãe, a irmã e o padrasto na favela Beco do Urubu.

02) O garoto procura emprego para sustentar a si e a sua família. Sofre discriminação e preconceito. É surrado pela polícia por acharem que ele havia roubado dinheiro da mercearia de seu Sebastião. Seu maior desejo é tirar a mãe e a irmã da favela e expulsar o amásio da mãe, Bené, do barracão em que moram.

03) Tuca consegue trabalho na mercearia do seu Sebastião. Junta um pouco de dinheiro em um cofre de madeira que era guardado na mercearia. Conquista a simpatia do homem que sempre o ajuda nos momentos difíceis.

04) O padrasto do menino espanca sua mãe só porque ela não lhe dá dinheiro para comprar cigarros e bebida. Além disso, não trabalha e assedia sexualmente a Divina, irmã mais nova de Tuca. O menino combina com seus amigos em dar uma surra no Bené para se vingar de todo o mal que ele fazia para sua família.

QUAIS FORAM OS ASSUNTOS QUE DISCUTIMOS EM NOSSOS SEMINÁRIOS?

a) Falamos de pobreza, miséria, fome e exclusão (a família de Tuca era totalmente pobre, viviam na favela, passavam fome. Além disso, Tuca e sua irmã não iam à escola).

b) Violência, preconceito e discriminação (a ação truculenta da polícia que espanca o garoto, a agressão sofrida pela mãe do menino em apanhar do namorado, a surra que Tuca e seus amigos dão em Bené para se vingar).

c) Mulheres como chefes de família (a mãe do Tuca não tem marido e trabalha lavando roupas para sustentar os filhos e os vícios do amásio)

- d) Pedofilia (o medo que Tuca tinha do Bené violentar sua irmã).
- e) Uso de drogas (o consumo de cigarros e bebidas que seu padrasto fazia).

AGORA É SEU MOMENTO – É HORA DE ESCREVER!

Chegou o momento final de encerrarmos nosso trabalho. Agora, o desafio a ser enfrentado é você colocar suas ideias a respeito dos problemas do mundo em um **artigo de opinião**, ou seja, você demonstrará suas ideias acerca de tudo que falamos durante os nossos encontros. Para ajudar você, pedimos que você tente responder em seu texto, algumas questões como:

- a) Os acontecimentos da narrativa, apesar de ser ficcionais podem acontecer também na vida real. Quais são os problemas que mais acontecem próximos a você (em sua escola, em seu bairro, em sua cidade)?
- b) Por que esses problemas acontecem?
- c) O que você pensa sobre eles? Como eles afetam você? O que você e outras pessoas poderiam fazer para resolvê-los?
- d) Como é o mundo em que você gostaria de viver?
- e) O que você aprende na escola ajuda você de alguma maneira a ser uma pessoa melhor? A escola é um lugar agradável de estar? Os problemas que ocorrem fora da escola também acontecem dentro dela? O que todos nós precisamos fazer para melhorá-la?

ORIENTAÇÕES PARA ESCRITA DO TEXTO:

__ O texto deve conter a **sua opinião** sobre os assuntos que foram apresentados logo acima (violência, pobreza, miséria, preconceito...)

__ Deve ser escrito com caneta azul ou preta. Evite rasuras. Antes de escrever a versão final, faça um rascunho e avalie se você conseguiu responder a todas as perguntas sugeridas acima.

__ Um texto de pequena extensão não nos dá uma visão completa de sua opinião. Por isso procure desenvolvê-lo, expondo de forma clara e coerente as ideias sobre os temas que estudamos. O ideal é que o texto tenha, no mínimo, 20 linhas.

__ Se você achar necessário consulte fontes de pesquisa como livros, internet, revistas e jornais. Não faça cópias de textos ou de suas partes. Apenas use o material pesquisado para reforçar as ideias que você já tem.

__ Não se esqueça de dar um título interessante e que demonstre as ideias que você colocará no texto.

ENTÃO, VAMOS ESCREVER?

BOM TRABALHO!

ANEXO C – REPORTAGEM QUANDO A COMIDA SAI DO LIXO

A teoria na prática

Responda as questões de 1 a 5.

QUANDO A COMIDA SAI DO LIXO

A culinária do lixo

Centos de três mil pessoas do Distrito Federal alimentam-se do que é jogado fora nos contêineres dos supermercados e nas lixeiras das casas. Quem revira os restos sente vergonha da atividade e se diz cansado de pedir comida.

Faltam 15 minutos para as quatro da tarde e só agora será servido o almoço na casa da pernambucana Maria Zélia da Silva, 44 anos. Faz silêncio no local. O único barulho que se ouve é o choro de Luciano Alves, 7 anos. Caçula de seis irmãos, a criança chora porque não aguenta mais esperar pela refeição.

As panelas acabaram de sair do fogão e a comida está quente. Na mesa, há carne cozida, feijão e arroz. Salada de repolho, cenoura e couve-flor, além de frutas, como manga, mamão e banana. Como sobremesa será servido iogurte de morango. O cardápio seria saudável, se não fosse um porém: os ingredientes servidos na casa de Zélia não foram comprados na feira nem no supermercado. Saíram todos de três contêineres de lixo, do Guará e do Cruzeiro.

No Distrito Federal, pelo menos três mil pessoas comem alimentos do lixo. O levantamento é do engenheiro florestal Benício de Melo Filho. Ele defendeu uma tese de mestrado na Universidade de Brasília (UnB), no ano passado, sobre o valor econômico e social daquilo que se joga fora. Benício não direcionou seu trabalho para a questão dos alimentos, mas ressaltou que as pessoas que vivem do lixo se alimentam na mesma fonte. 'Os catadores levam todo tipo de comida para casa. Carne, queijo, refrigerante, frutas e legumes. Nada é desperdiçado', descreve em seu trabalho.

Maria Zélia veio do município de Petrolândia (PE) para o DF no ano passado com toda a família. Buscava emprego. Não conseguiu vaga nem de diarista em casa de família e optou por sair pelas ruas remexendo lixo. 'A gente cata papelão para vender. Mas não tem como sobreviver disso. Para meus filhos não passarem fome, comecei a pegar alimentos do lixo', conta. De cabeça baixa, Zélia assume que sente vergonha de revirar o lixo em busca de comida. 'Na minha terra, pobre não faz isso. Já pensou se meus parentes lá de Pernambuco ficam sabendo que eu vim para Brasília comer lixo?' ”

Fonte: CAMPBELL, Ullisses. *CorreioWeb, Correio Braziliense*,
24 fev. 2002 / <http://www.correioweb.com.br>

Especial

O PARADOXO DA MISÉRIA

O Brasil é o mais rico entre os países com maior número de pessoas miseráveis. Isso torna inexplicável a pobreza extrema de 23 milhões de brasileiros, mas mostra que o problema pode ser atacado com sucesso

Ricardo Mendonça
Fotos de Pedro Martinelli

No dia 11 de dezembro do ano passado, a médica Iara Vianna da Silva esteve no barraco onde mora o pequeno Mateus Barbosa de Souza, em Itinga, Minas Gerais. O garoto vive com o pai, a mãe e três irmãos no bairro mais pobre da cidade, localizada no paupérrimo Vale do Jequitinhonha. Aos 3 anos e meio, Mateus é vítima de um tipo de desnutrição conhecida como *kwashiorkor*, palavra importada da África, onde a doença foi descrita pela primeira vez no início do século passado. De tão prevalente na África, *kwashiorkor* tem definições em vários dialetos tribais. Num deles, falado em Gana, a palavra designa originalmente a criança que não pode ser alimentada pelo leite materno. Mateus tem a altura de um garoto de 1 ano e 7 meses e o peso de um bebê de apenas 8 meses. A doença atinge crianças que, privadas da proteína encontrada no leite materno, num primeiro momento, e mais tarde na carne, se alimentam basicamente de carboidratos. Numa etapa inicial, o mal produz fadiga, irritabilidade e letargia. O quadro inclui diarreia, anemia e retardamento motor. Mateus, por exemplo, não anda. Não tratada, a

doença evolui, a imunidade do paciente cai e o corpo incha. Aparentemente ele está apenas gordinho. É nessa fase que se encontra Mateus. Nos casos mais graves, podem ocorrer deficiência mental e morte. Mesmo tratada, a criança que teve *kwashiorkor* dificilmente atinge altura e peso normais. Acostumada a diagnosticar casos de desnutrição, a médica entregou à mãe do garoto uma receita com o seguinte teor: "Mateus B. Souza — Ao Serviço Social: Criança desnutrida. *Kwashiorkor*. Cesta básica. Precisa comida. Vai morrer. Não anda. Se pegar infecção, morre".

BOLSÕES DE POBREZA

Metade dos miseráveis brasileiros vive no Nordeste, geralmente na zona rural de cidades muito pequenas. Nesses bolsões de pobreza assolados pela seca, falta comida e não há trabalho para todo mundo. Em muitos casos, a única fonte de rendimento das famílias provém da venda de ossos aos comerciantes que usam o "produto" como matéria-prima de ração para animais.

POR QUE O BRASIL É UM CASO ÚNICO

A miséria espanta em qualquer lugar do mundo, mas no caso brasileiro é moralmente inaceitável porque o país é rico

Países com a mesma faixa de renda per capita do Brasil, entre 3 500 e 6 000 dólares, possuem uma taxa de pobreza muito menor que a nossa	Brasil	34%	Países com taxa de pobreza semelhante à do Brasil, entre 28% e 34%, estão numa faixa de renda per capita muito menor que a nossa	Brasil	4 300 dólares
	Costa Rica	19%		Panamá	2 800 dólares
	México	15%		Botsuana	2 400 dólares
	Chile	15%		República Dominicana	1 600 dólares
	Malásia	7%		Mauritânia	800 dólares
	Bulgária	4%		Guiné	700 dólares

Fonte: Ipea, com base nos dados do relatório do Prud de 1999.



MODELO CONCENTRADOR

O Brasil gasta 21% do produto interno bruto na área social, mas os pobres ficam com a menor fatia desse dinheiro. Alguns exemplos

Os 10% mais ricos recebem quase a metade dos recursos distribuídos entre os aposentados

Cerca de 60% do gasto com educação financia as universidades do governo, onde estudam os integrantes do topo da pirâmide

Só 2% das despesas sociais são destinadas a investimentos em saneamento básico

A doença de Mateus não é apenas um drama familiar, mas o retrato de uma tragédia nacional: a miséria. O Brasil passou por uma transformação admirável nos últimos 25 anos. Comparado a 1977, quando se analisam alguns indicadores nem parece que se trata do mesmo país. Nesse período, o produto interno bruto aumentou 85%, o número de domicílios com televisão subiu 150%, o total de residências com telefone triplicou e a frota de veículos mais do que triplicou. Infelizmente, a taxa de miséria permaneceu praticamente inalterada e doenças decorrentes da pobreza extrema, como a de Mateus, repetem-se aos milhares. Segundo um estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), os miseráveis representavam, 25 anos atrás, alguma coisa em torno de 17% da população. O índice mais recente divulgado pelo mesmo instituto informa que a taxa de miséria está em 14,5%. Trata-se de uma queda muito pequena diante do amadurecimento social, econômico e político registrado no período. Queda proporcional, diga-se, pois em números absolutos o número de desamparados, incapazes de sair de sua situação sem ajuda, aumentou. Eram 18 milhões há um quarto de século. São cerca de 23 milhões hoje.

Miséria é palavra de significado impreciso, como de resto a maior parte dos termos que se referem à camada menos favorecida da sociedade. O que exatamente quer dizer "pobreza" ou "indigência"? Como identificar um pobre? Como ter cer-

teza de que existem 14,5% de miseráveis, e não 10% ou 20%? Não haveria subjetividade demais nessas estatísticas? Em geral, cada um percebe a miséria por sua experiência pessoal, como definiu a americana Mollie Orshansky, uma das maiores especialistas no assunto: "A pobreza, tal qual a beleza, está nos olhos de quem a vê". Para efeito estatístico, no entanto, os estudiosos chegaram a uma definição quase matemática sobre o que são miséria e pobreza. Conseguiram estabelecer duas grandes linhas. Uma delas é a linha de pobreza, abaixo da qual estão as pessoas cuja renda não é suficiente para cobrir os custos mínimos de manutenção da vida humana: alimentação, moradia, transpor-

te e vestuário. Isso num cenário em que educação e saúde são fornecidas de graça pelo governo. Outra é a linha de miséria (ou de indigência), que determina quem não consegue ganhar o bastante para garantir aquela que é a mais básica das necessidades: a alimentação. No caso brasileiro, há 53 milhões de pessoas abaixo da linha de pobreza. Destas, 30 milhões vivem entre a linha de pobreza e acima da linha de miséria. Cerca de 23 milhões estariam na situação que se define como indigência ou miséria.

Reforçando, para evitar confusão: a pobreza no Brasil é formada por dois grandes grupos. Há 30 milhões de pessoas vivendo com extrema dificuldade, donas de





uma renda mensal per capita inferior a 80 reais. E há mais 23 milhões que vivem ainda em pior situação, sobrevivendo de maneira primitiva. Não ganham dinheiro bastante para comprar todos os dias alimentos em quantidade mínima necessária à manutenção saudável de uma vida produtiva — ou seja, algo em torno de 2 000 calorias. Isso equivale a uma dieta diária que inclui um pão e meio, cinco colheres de arroz, meia concha de feijão, um copo de leite, um bife de 100 gramas, meio ovo e mais três colheres de açúcar, óleo de soja, farinha de trigo, farinha de mandioca e margarina. Os miseráveis não têm acesso a essa cesta biológica básica. Esse é o chamado flagelo social. Não se sabe

ainda quais serão os candidatos a presidente, mas já se sabe qual será o maior desafio do novo governo: reduzir esse contingente de padrão africano. Desde já, é bom para os candidatos decorar a palavra *kwashiorkor* e seu duro significado na vida de milhões de brasileiros.

Metade dos que vivem abaixo da linha de miséria mora na Região Nordeste. Quando se calcula apenas a fatia rural da miséria, o Nordeste representa mais de 70% do contingente. Essas são aquelas pessoas que aparecem nas reportagens de TV sobre a seca mostrando o pratinho de feijão que restou na despensa. Os Estados mais pobres do país, em termos proporcionais, segundo levantamento recente feito

MORANDO NO ESGOTO

Ser miserável significa viver de forma absolutamente precária. No Recife, favelas enormes são erguidas em cima de mangues ou rios sem nenhuma condição de segurança e higiene. Quando a maré sobe, o lixo invade os barracos, espalhando dejetos de toda a vizinhança pelos cômodos. A falta de saneamento é responsável pela proliferação de doenças.

PRIORIDADE PARA AS CRIANÇAS

Os menores de idade representam quase a metade do universo de miseráveis brasileiros. Daí por que é importante priorizar os programas sociais para os jovens

IDADE	PARCELA DENTRO DO UNIVERSO DE MISERÁVEIS
Até 15 anos	45%
De 16 a 25 anos	17%
De 26 a 35 anos	14%
De 36 a 45 anos	11%
De 46 a 60 anos	8%
Acima de 61 anos	3%
Idade ignorada	2%

Fonte: Fundação Getúlio Vargas

pelo governo, são Alagoas, Ceará, Maranhão e Piauí. Os que estão mais bem posicionados são Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Determinar a faixa de miseráveis pelo consumo de calorias é um critério internacionalmente aceito. O que varia é o cardápio. Segundo o último estudo disponível sobre o assunto, realizado pelos técnicos da Organização das Nações Unidas, existem 830 milhões de miseráveis no planeta. A doença atinge todos os continentes, com intensidades diferentes. Na Europa, na Oceania e na América do Norte o problema tem escala reduzida, pois a miséria ataca esporádica e temporariamente alguns grupos de imigrantes clandestinos ou algumas minorias, como as tribos aborígenes na Austrália. A situação muda de patamar na Ásia, que concentra 63% dos miseráveis do mundo. O caso mais extraordinário é o da Índia, onde mais de 300 milhões de pessoas vivem em estado de privação absoluta. Em termos proporcionais, o epicentro da miséria mundial é a África. No continente africano, um em cada quatro habitantes passa fome. São 180 milhões de indigentes numa população de 800 milhões de pessoas.

Com seus 23 milhões de miseráveis, o Brasil representa 3% do problema mundial. Pode parecer pouco, mas é uma inserção global três vezes maior do que nossa participação, por exemplo, no comércio mundial, em que o Brasil aparece com menos de 1% do movimento de compra e



venda de mercadorias. Um mergulho qualitativo sobre a questão dá a devida coloração à situação brasileira. Para isso, tome-se o ranking dos países com renda per capita semelhante à brasileira. São eles México, Bulgária, Chile e Costa Rica. Sabe qual tem taxa de pobreza equivalente à brasileira? Nenhum. O pior deles, a Costa Rica, tem proporcionalmente pouco mais da metade do número de pobres do Brasil. As comparações internacionais trabalham com a certeza de que todos os países revelam dados confiáveis. Pode-se olhar a questão sob outro prisma, mas nem por isso o quadro fica menos dramático. Observe-se o ranking dos países segundo o percentual da população vivendo abaixo da linha de pobreza. Onde está o Bra-

sil? Está ao lado de Botsuana, República Dominicana, Mauritânia e Guiné. Ocorre que, entre nossos "colegas de fome", digamos assim, a renda per capita varia entre 15% e metade da renda brasileira. Ou seja, não importa de que ângulo se olhe, o Brasil é hoje o país mais rico do mundo com a maior taxa de pobreza. A isso se chama injustiça social.

Há razões de sobra, além do óbvio constrangimento moral, para tentar de vez minorar esse problema. Do ponto de vista econômico, a pobreza extrema e inelutável reduz a competitividade do país e restringe suas possibilidades de mover a economia pela força do mercado interno. Mas a verdade cruel é que, nas contas macroeconômicas, a questão da miséria ab-



soluta é apenas um detalhe. A porção mais pobre da pirâmide, os miseráveis, não produz e pouco consome. Ou seja, os miseráveis nem entram na equação econômica de um país moderno. Teoricamente, a economia pode muito bem funcionar sem que se leve em conta sua existência. A economia brasileira se situa entre as dez maiores do mundo e chegou a atrair no ano 2000 investimentos estrangeiros da ordem de 30 bilhões de dólares. Quase metade dos usuários de internet da América Latina concentra-se no Brasil. Depois dos Estados Unidos, é a nação que mais compra aviões executivos e tem a cidade com a segunda maior frota de helicópteros do planeta. No campo da medicina, há hospitais e centros de pesquisa nacio-

nais que servem de referência mundial em áreas como a cardiologia. Todas essas conquistas ocorreram sem que a miséria se tenha retraído no país. É aí que entra a questão ética. "Mais do que uma consideração de ordem econômica, a dívida social é moralmente inaceitável, e por essa razão tem de ser saldada", afirma o deputado Delfim Netto (PPB-SP).

As bolhas de miseráveis parecem ter paredes de aço no país. Parecem inexpugnáveis. Elas sobrevivem intactas, indiferentes aos progressos que o país experimenta a sua volta. Não regridem sequer diante de fenômenos sociais que em outros países e situações históricas foram decisivos para derrotar a pobreza. Entre esses fenômenos está a mobilidade social.

FUTURO COMPROMETIDO

As pessoas que têm até 15 anos representam 30% da população brasileira, mas são 45% do universo de miseráveis. No paupérrimo Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, e em várias outras regiões pobres, elas moram em condições extremamente precárias. Muitas vezes, um entrelaçado de palha serve de cama para as crianças.

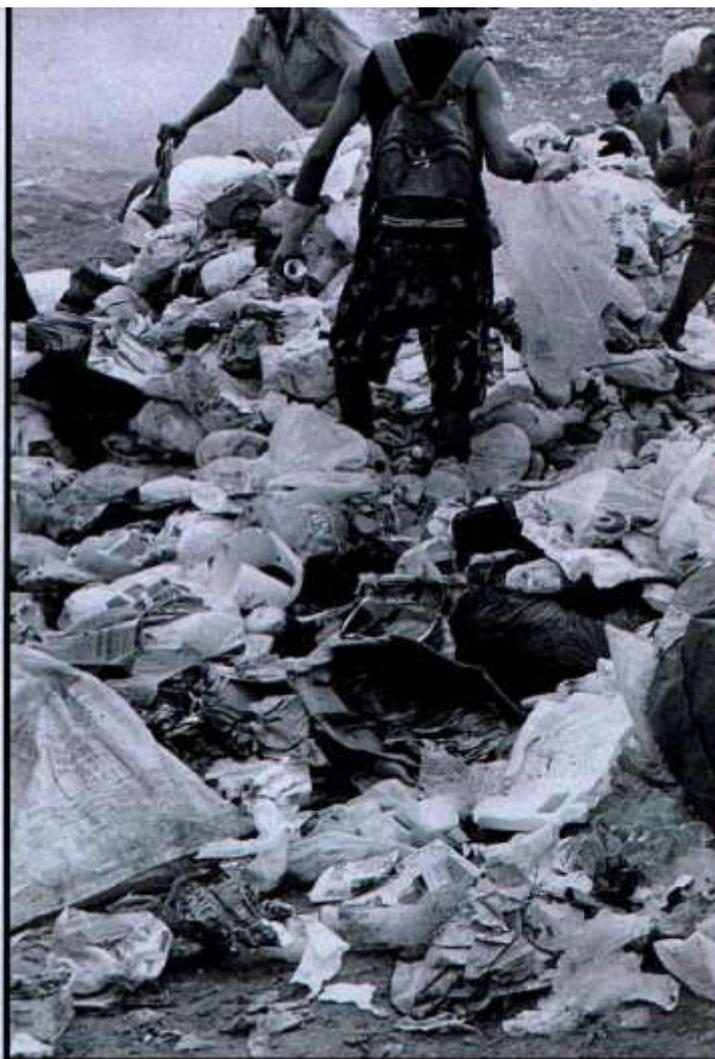
PROGRESSO PELA EDUCAÇÃO

Quanto maior o nível educacional do pai, maior será também a escolaridade média do filho. Isso mostra a importância de investir nessa área como forma de reduzir as taxas de pobreza

NÍVEL EDUCACIONAL DO PAI	QUANTOS ANOS OS FILHOS ESTUDAM, EM MÉDIA
Nunca frequentou escola	3
Elementar incompleto	6
Elementar completo	8
1º grau incompleto	9
1º grau completo	11
2º grau incompleto	11
2º grau completo	12
Superior incompleto	12
Superior completo	13
Mestrado ou doutorado	14

Fonte: sociólogo José Pastore

O Brasil é um campeão da especialidade — mas nem isso adiantou para bulir com as estatísticas da pobreza absoluta. Nas pesquisas que listam os povos mais empreendedores do planeta, os brasileiros aparecem nos primeiros lugares. A mobilidade social no país está entre uma das mais altas do planeta. Cerca de 80% dos brasileiros que se encontram hoje no topo da pirâmide social tiveram uma origem mais humilde. Eles começaram a vida num patamar inferior e foram subindo vários degraus ao longo da carreira profissional. Por que os miseráveis não entram nessa roda ascendente? Porque não se qualificam sequer para os degraus mais baixos da engrenagem. “O fato de reunir tanta miséria faz do Brasil um caso singularíssimo”, afirma o economista Edmar Bacha, responsável nos anos 70 pela criação do termo *Belíndia*, usado para definir um país onde convivem a riqueza belga e a miséria indiana. Essa perplexidade diante de uma nação com diferenças tão marcantes entre os mais ricos e os mais pobres já assaltara, no fim do século XIX, o primeiro-ministro inglês Benjamin Disraeli



(1804-1881). “Somos dois países em um só território”, dizia ele, para justificar o ímpeto igualitário da reforma social que marcou seu governo.

A questão da miséria no Brasil tem componentes ainda mais perversos que a simples escassez de recursos — que caracteriza o problema em outros países, especialmente no continente africano. Ela abrange dois grandes paradoxos. O primeiro deles é que, no Brasil da miséria, há comida sobrando. O prêmio Nobel de Economia Amartya Sen explica que alguns países conhecem a fome como resultado da ausência de alimentos. Em outros, a fome é resultado da falta de dinheiro por parte de uma fatia da população. Ásia e África convivem com a fome clássica há séculos. Ali falta comida. A atual produção de alimentos no continente africano está 20% abaixo da registrada na década de 70, quando a população tinha metade do tamanho. No caso brasileiro, no mesmo período, a safra de grãos mais que dobrou. E o preço caiu. Enquanto o Brasil aprendeu que por aqui “em se plantando tudo dá”, Ásia e África conheceram justamente o inverso. Em 1333, a fome matou 4 milhões de chineses numa única região. Em 1770, vitimou pelo menos 10 milhões de indianos. A Etiópia, que virou sinônimo de fome na década de 70, perdeu um terço de sua população na miséria entre 1888 e 1892.

O segundo paradoxo é que nunca se gastou tanto dinheiro na área social e, mes-



mo assim, a situação não melhora. Os governos municipais, estaduais e federal arrecadam na forma de impostos, taxas e contribuições o equivalente a 34% do PIB. De cada 10 reais arrecadados, 6 são investidos na área social. São usados anualmente 21% do PIB em políticas nessa área. Nenhuma outra nação da América Latina gasta tanto. O governo conseguiu realizar até mesmo uma façanha quando criou o Comunidade Solidária, pilotado pela primeira-dama Ruth Cardoso. O projeto eliminou as repartições-balcão da área social, como a Legião Brasileira de Assistência ou o Ministério do Bem-Estar Social. Em vez da corrupção, surgiu a figura da parceria entre os três níveis de governo e as organizações da sociedade civil.

Graças ao Comunidade Solidária e ao chamado terceiro setor, a assistência social vive um momento especial. Um exército de voluntários que já conta com mais de 20 milhões de pessoas ajuda a tornar menos sofrida a vida de doentes, menores e idosos abandonados e os miseráveis. Infelizmente, tal apoio não basta para reverter os indicadores sociais. E por quê?

Uma explicação diz respeito ao desempenho da economia. Há uma ligação direta entre crescimento e movimentação ascendente dos pobres na escala social. Entre 1950 e o fim dos anos 70, fase de crescimento, a taxa de pobreza caiu. Na década perdida de 80 e na década frustrada de 90, a economia se comportou mal e a taxa de miséria subiu.

VIVENDO COMO ANIMAIS

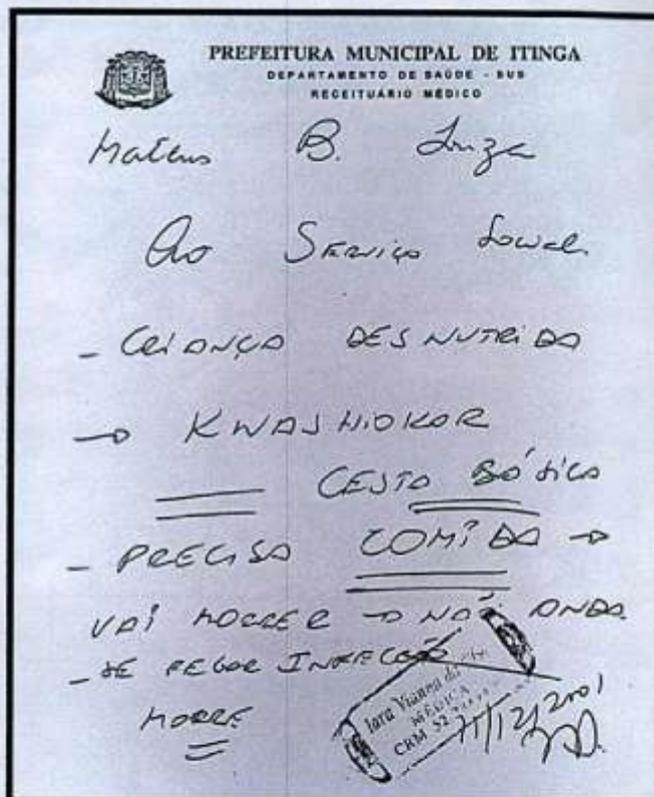
Completamente excluídos das engrenagens de desenvolvimento da sociedade, os miseráveis são reduzidos a uma condição subumana. Seu único horizonte passa a ser a luta feroz pela sobrevivência. No lixão de Valparaíso, a poucos quilômetros de Brasília, há gente disputando os restos com os animais.

Alguns exemplos desse verdadeiro tobogã social: na crise do petróleo, de 1979, o total de miseráveis saltou de 22% da população para 24%. Chegou a 25% no auge da recessão de 1983 e atingiu seu ponto mais baixo em 1986, durante o Plano Cruzado, com 9,8%. Como o plano não vingou, a inflação ressuruiu e o número de pobres aumentou. A taxa chegou a 21,4% da população em 1990. Com o Real, caiu a um patamar próximo a 15%. Mas desde então se estabilizou. Na prática, o país pouco evoluiu nesse campo em 25 anos. Os estudiosos afirmam que a taxa de miséria só entrará em queda quando a economia voltar a crescer com mais força.

Pesquisadores do governo fizeram várias simulações para averiguar o tipo de impacto sobre a pobreza que o crescimento econômico poderia proporcionar. A conclusão de um desses estudos é que o crescimento, quando associado a um modelo de distribuição de renda, pode transformar por completo uma nação. Hong Kong, Cingapura, Taiwan e Coreia do Sul acharam uma saída por essa via. Nos anos 60 eram países mais atrasados que o Brasil e hoje já estão bem à nossa frente em termos sociais. A fórmula usada nesse período combinou investimentos maciços em educação, saúde e reforma agrária. Quando se fala em distribuição de renda, a inclinação natural de alguns governantes é imaginar a criação de um novo imposto, uma espécie de CPMF da fome. É uma solução perigosamente enganadora. "Impostos para erradicar a pobreza tiram a competitividade das empresas, diminuem o potencial de crescimento do país, reduzem a renda e o número de postos de trabalho", afirma o ex-ministro Mailson da Nóbrega.

Mais relevante que criar outras fontes de receita é discutir o destino do dinheiro que o governo arrecada. O recurso gasto pela área social do governo é insuficiente não porque se desvia, mas porque vigora no país um modelo concentrador reforçado pela Constituição de 1988. O professor José Márcio Camargo, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, fez as contas sobre a natureza das despesas sociais (educação, saúde, previdência e assistência social). Do total de recursos gastos com educação, por exemplo, 60% se destinam às universidades estaduais, onde estudam os mais favorecidos. O programa de bolsas de estudo do governo segue no mesmo caminho. Apenas 0,3% do dinheiro fica com os 20% mais pobres. Os 20% mais ricos embolsam 34% do total.

90 23 de janeiro, 2002 veja

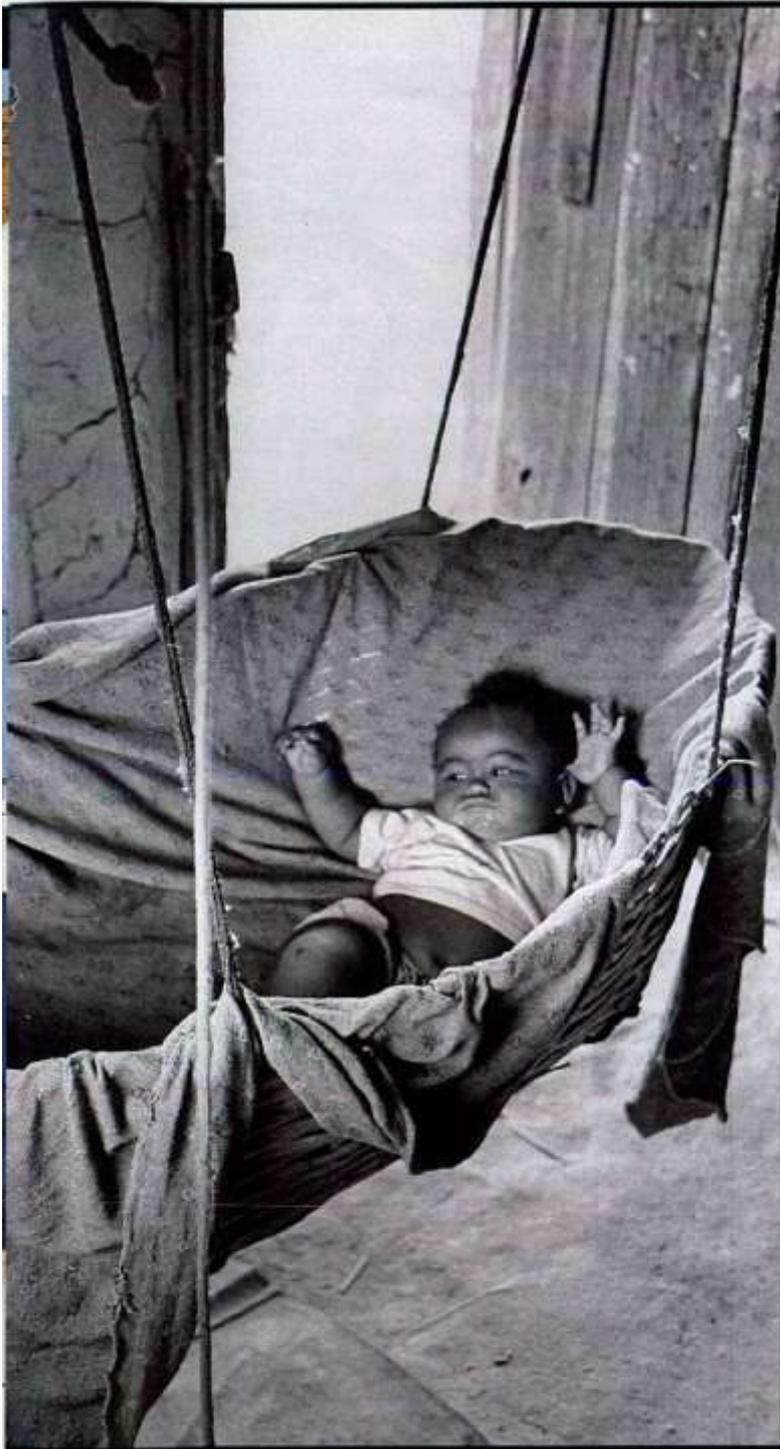


APRENDA: KWASHIORKOR

A maior parte das pessoas associa a desnutrição a imagens de TV feitas na África, onde legiões de esqueléticos esperam que organismos internacionais enviem a próxima refeição. É muito difícil encontrar esse tipo de desnutrido no Brasil. Por aqui é mais comum a imagem da criança "gordinha", falsamente vendendo saúde, como o bebê que aparece na fotografia ao lado. Ele se chama Mateus Barbosa de Souza, tem 3 anos e meio, mas pesa tanto quanto um bebê de 8 meses.

Mateus sofre de subnutrição extrema e não está gordo, mas inchado. Com 3 anos, não anda e só aprendeu a falar "pai". Os sintomas de sua desnutrição foram identificados pela médica Iara Vianna da Silva, que trabalha na cidade de Itinga, em Minas Gerais, onde o garoto vive com o pai, a mãe e três irmãos. Trata-se de mais uma vítima da *kwashiorkor*. A doença, batizada com uma palavra de origem africana, é resultado da falta de proteína e de outras substâncias, como vitaminas e sais minerais. A *kwashiorkor* é comum na África e no Brasil, onde as crianças ingerem carboidratos, presentes no arroz, no milho e na mandioca, por exemplo, mas têm carência das proteínas da carne, um alimento caro.

Sem energia para gerar células de defesa, o sistema imunológico enfraquece a tal ponto que qualquer infecção pode matar a criança. Essa era a preocupação da médica quando prescreveu a Mateus a receita reproduzida nesta página. A esperança da doutora é que o garoto sobreviva e tenha forças para lutar contra as sequelas naturais do quadro. A mais grave é a má-formação do sistema neurológico. O dano é irreversível na maior parte dos casos, e uma das principais consequências é a dificuldade de aprendizado. "É triste mas comum ver que algumas famílias já podem estar com o futuro comprometido", diz a médica Iara.



O SALDO DA DESNUTRIÇÃO

O Nordeste abriga 50% da miséria brasileira. Por causa da desnutrição provocada pela falta de comida, entre outros fatores, observa-se na população uma diferença de estatura em relação às regiões mais ricas. Os dados atuais são os seguintes

	HOMENS (altura média)	MULHERES (altura média)
Nordeste	1,67 metro	1,55 metro
Sudeste	1,72 metro	1,61 metro

Fonte: IBGE

No caso da saúde, a esmagadora maioria dos recursos fica com a medicina curativa e a menor parte dirige-se aos gastos preventivos. Uma parcela ínfima das despesas sociais vai para o saneamento, forma importante de melhorar a expectativa de vida ao nascer e reduzir a mortalidade infantil. A Previdência Social, lembra o professor, é o exemplo mais grave. Só 7% do dinheiro gasto com o sistema de pagamento de aposentadorias fica com os 20% mais pobres. Os 20% mais ricos recebem 30% do total. Camargo arrisca um cálculo: se o Congresso Nacional aprovasse uma reforma na Previdência que eliminasse o déficit do sistema e obrigasse os estudantes ricos das universidades do governo a pagar mensalidade, isso liberaria 50 bilhões de reais para atender os pobres. "Os recursos sociais deveriam ser apropriados pelos pobres, mas acontece justamente o contrário", afirma Camargo. Fica a sugestão aos candidatos ao governo neste ano de eleições presidenciais.

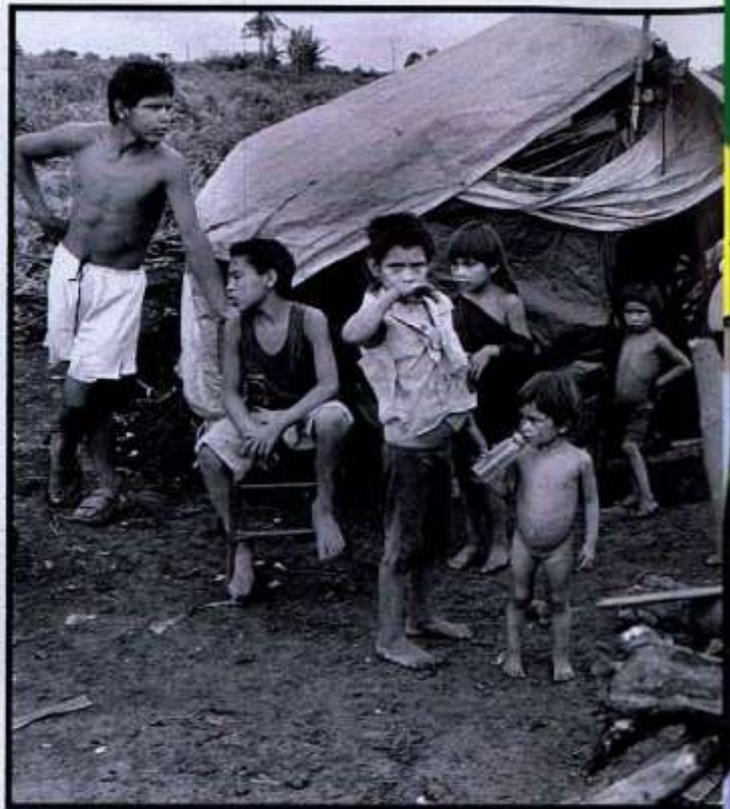
Se o Brasil adotasse o modelo proposto por Camargo apenas no campo da educação, ou seja, se concentrasse as despesas no ensino básico e deixasse de lado os gastos com as universidades federais, talvez conseguisse operar uma pequena revolução. Uma pesquisa recente descobriu que, se o pai não estudou, o filho só fica três anos na escola. Mas, se o pai tiver cursado o ciclo elementar, ainda que sem completá-lo, o tempo de permanência do filho na escola dobra. No limite, filhos de quem fez o doutorado estudam durante catorze anos. A consequência econômica da educação é fabulosa. Um trabalho do Ipea

DESIGUALDADE DE RENDA

A distância entre a renda dos 20% mais pobres e a dos 20% mais ricos em alguns países

Polónia	3 vezes
Japão	4 vezes
Espanha	4 vezes
Índia	5 vezes
Alemanha	6 vezes
Itália	6 vezes
Canadá	7 vezes
China	7 vezes
França	8 vezes
Estados Unidos	8 vezes
Inglaterra	9 vezes
México	13 vezes
Chile	18 vezes
Guiné-Bissau	28 vezes
Guatemala	30 vezes
Brasil	33 vezes

Fonte: ipes



Escravas no século XIX: o atraso persiste

A MISÉRIA INERCIAL

Uma das maiores realizações do presidente Fernando Henrique Cardoso no processo de estabilização da economia foi acabar com a chamada "inflação inercial", que impedia que ela ocorresse. Durante os anos 80, os preços eram corrigidos mensalmente com base na inflação calculada no mês anterior. O que acontecia? No mês seguinte, a inflação seria igual à do mês anterior — pelo menos. Estava criado um ciclo vicioso. Quando debatem a estabilidade, os economistas gostam de se referir ao tal "componente inercial" da extinta inflação, que foi destruído. Havia uma dificuldade adicional para matar a inflação: ela já era parte da cultura nacional, como se fosse natural corrigir preços em 80% todos os meses. Essa visão contaminou uma geração.

Pois a miséria, um desafio tão ou mais monumental que a inflação antes do Plano Real, também tem um componente inercial. O problema não foi criado por este ou aquele governo, mas ao longo da história do país, e se avoluma ano a ano. Entre as famílias mais pobres, registra-se hoje uma taxa de natalidade de cinco filhos, maior que a média entre as faixas mais altas da pirâmide social. Perpetua-se assim a pobreza, que cresce num ritmo maior que a capacidade de geração de riqueza e empregos da economia.



mostra que a garantia de escolaridade de cinco anos para toda a população brasileira faria a miséria cair 6%. A mesma garantia por dez anos reduziria a pobreza em 13%. "Desarmar os mecanismos que concentram renda no Brasil é o único caminho para tirar as pessoas da linha de miséria e construir um modelo de sociedade mais justo", lembra o economista Marcelo Néri, estudioso da Fundação Getúlio Vargas.

Como consequência do emprego inadequado dos recursos, o Brasil aparece todos os anos nas listagens internacionais como um dos países com maior concentração de renda do planeta. Significa dizer que, apesar de não se tratar de uma nação pobre, perpetua-se um fosso gigantesco entre a base e o topo da pirâmide. No país mais rico do mundo, os Estados Unidos, a diferença de renda média entre os 20% mais

pobres e os 20% mais ricos é de oito vezes. Na Alemanha, ela é de seis vezes. Nas nações do Terceiro Mundo, a conta é mais desigual, mas nada se compara ao Brasil. No Chile, a diferença é de dezoito vezes e na Guatemala, de trinta. Pois bem: em solo pátrio, essa diferença é de 33 vezes. Numericamente, isso pode ser traduzido de outras formas: 1% da população, a parcela mais rica, detém a mesma quantidade de recursos que os 50% mais pobres. Outro modo de ver esse problema é tomando como base os 10% mais ricos. Juntos, eles concentram metade da renda nacional.

Um dos métodos mais precisos para aferir o grau de desigualdade social de uma nação é um índice chamado Gini, em homenagem a Corrado Gini, pesquisador italiano que o criou. O Gini brasileiro permanece ruim e inalterado há mais de vinte anos. Há alguns meses, ao avaliar essas estatísticas e fazer um balanço positivo de seu governo nessa área, o presidente Fernando Henrique Cardoso concluiu seu raciocínio com a seguinte frase: "Houve uma melhoria muito pequena na distribuição de renda, muito pequena". Está na hora de mudar isso. Uma saída razoável é valer-se das diferenças na busca da solução. Por que não convocar as melhores cabeças do Brasil-Bélgica para melhorar de vida a porção Índia? Com a palavra, os candidatos. ■

FAMÍLIAS SEM ESPERANÇA

As minorias também estão entre as principais vítimas da miséria. Na região do município de Dourados, em Mato Grosso do Sul, 9 000 índios vivem em condições de extrema pobreza. Eles passam o mês esperando por uma cesta básica doada pela prefeitura e seu patrimônio se resume à lona do barraco, à roupa do corpo e a uma panela velha.

Com reportagem de Luis Henrique Amaral

O primeiro contingente de miseráveis surgidos no país foram os escravos. Mesmo depois da Abolição, eles continuaram vivendo numa situação de pobreza extrema. Essa herança reflete-se até hoje em estatísticas como as taxas de analfabetismo e de mortalidade infantil, proporcionalmente maiores entre a população negra. Nos anos 30, o país começou a dar seus primeiros passos para se tornar mais urbano e industrial. O então presidente Getúlio Vargas promoveu mudanças significativas nas relações trabalhistas, o que certamente beneficiou muita gente, mas foi um desenvolvimento seletivo. Quem tinha emprego e estava nas cidades passou a ter a profissão regulamentada e a ganhar 13º salário, entre outros benefícios. Melhorou de vida. Os que na mesma época estavam fora do mercado de trabalho continuaram na pobreza.

A partir dos anos 50, durante o governo de Juscelino Kubitschek, o Brasil entrou num processo de industrialização convulsiva, simbolizado pelo slogan "Cinquenta anos em cinco". Financiadas pelo Estado, surgiram a malha rodoviária, a indústria automobilística, diversas universidades e as grandes usinas de energia. De 48º PIB mundial na década de 60, o país saltou para a 8ª posição, vinte anos depois. O progresso trouxe alguns efeitos colaterais: aumentou as diferenças regionais entre o Sudeste, onde se concentraram os investimentos da indústria, e o Nordeste, que permaneceu atri-



A seca no Nordeste, em 1963: população estagnada

lado a uma base de economia rural atrasada e sujeita a intempéries como a seca. As faixas mais altas da pirâmide social foram as mais beneficiadas por esse processo de desenvolvimento, que teve seu auge na década de 70. Sua renda cresceu num ritmo mais acentuado que o das camadas pobres. Foi sempre assim. Com uma singela exceção: o período inicial do Plano Real, quando milhões de pobres se beneficiaram do fim do imposto inflacionário e passaram a ter renda mínima para a sobrevivência.